



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Mediologia: a epistemologia da comunicação em Régis Debray

Ana Carolina Kalume Maranhão

Dissertação apresentada ao PPG/FAC para
obtenção do grau de Mestre em Comunicação.
Linha de Pesquisa: Teorias e Tecnologias da
Comunicação. Orientador: Prof. Dr. Luiz C.
Martino.

– Fevereiro de 2008 –

Dedico

a meus pais, Ana Goretti e Péricles,
a quem não poderia deixar de me espelhar e tanto admirar.

Agradeço imensamente

ao professor, Luiz Cláudio Martino, orientador cujo exemplo acadêmico, segurança e incansável dedicação foram um privilégio que recebi ao longo de toda realização desta pesquisa

ao professor Gustavo de Castro pela amizade, incentivo e conhecimento compartilhado comigo ao longo do curso de graduação e mestrado

aos professores Pedro Russi e Luiz Martins, imprescindíveis em momentos chaves do desenvolvimento deste trabalho

aos colegas do Departamento de Pós-Graduação, Nelito Falcão, Rita Brasil e Daniela Garrossini, pela torcida, apoio e discussão de uma série de idéias aqui apresentadas

a Vasco van Roosmalen, pela generosidade e incentivo ao desenvolvimento desta pesquisa

a Carlos Magno e Denise Coitinho, pelo acesso a bibliografia e ajuda na revisão

aos alunos de *Comunicação e Design*, pelas oportunidades de crescimento e a possibilidade de ensinar e aprender muito do que desenvolvo aqui

ao CNPq, que através do programa de incentivo às pesquisas de Pós-Graduação, apoiou financeiramente toda a realização desta dissertação

e, finalmente, a toda minha família – Paulo, Maria José, Maria Inês, Ana Angélica, Péricles Neto e Amanda –, que trouxeram tamanha inspiração.

Resumo

Ainda não há no Brasil um trabalho sistemático e continuado sobre o pensamento mediológico de Régis Debray. O presente trabalho visa preencher esta lacuna, estudando a Mediologia em seu papel de instrumento para análise das idéias e da transmissão simbólica. Dessa forma, a preocupação desta pesquisa é esclarecer a relação entre a comunicação e a Mediologia, colocando em primeiro lugar questões que dizem respeito à definição dessa corrente de pensamento e suas reais relações com o campo comunicacional. Para tanto, são sistematizadas e discutidas as principais idéias dos teóricos do campo mediológico, notadamente Debray e Daniel Bounoux, responsáveis pela produção e sistematização de um conhecimento acumulado ao longo de mais de duas décadas no que concerne às formas e mecanismos simbólicos de transmissão cultural.

Palavras-chave: Mediologia, Mediação, Teorias da Comunicação, Pensamento Comunicacional, Régis Debray.

Abstract

There is no systematic and continued study on the mediological thoughts of Régis Debray in Brazil as of yet. The present work aims at addressing this theoretical gap studying Mediology in its role as an instrument for the analysis of ideas and of symbolic transmission. This way, the research aims at explaining the relationship between communication and Mediology, departing from questions related to this train of thought and its interactions with the field of communications. Authors' ideas from the field of Mediology were systematized and discussed, mainly Debray and Daniel Bounoux. These authors were responsible for producing and systematizing knowledge on the forms and symbolic mechanisms of cultural transmission for over two decades.

Keywords: Mediology, Mediation, Theories of Communication, Comunicacional Thinking, Régis Debray.

Sumário

Introdução	7
1. Metodologia	12
2. Nascimento dos estudos mediológicos	15
2.1 Estratégias de persuasão	18
2.2 Bibliografia mediológica	20
3. Mediologia e <i>Midiologia</i>: um erro recorrente	25
3.1 “Mídia” e “Midiologia”	28
3.2 A “midiologia brasileira”: raízes de um equívoco	31
4. Mediologia e saber comunicacional	35
4.1 Transmitir ou comunicar?	35
4.2 Uma tensão a ser resolvida	40
4.3 Problematização com o campo da Comunicação	44
4.4 Uma aproximação é possível?	53
5. A obra mediológica de Régis Debray	61
5.1 A Mediologia em “Curso de Midiologia Geral”	61
5.1.1 O exemplo do Cristianismo	64
5.1.2 Lacunas teóricas	65
5.2 A Mediologia em “Transmitir: O segredo e a força das idéias”	68
5.2.2 Efeito jogging: retroação da cultura em relação à técnica	79
5.3 A Mediologia em “Introdução à Mediologia”	83
5.3.1 Transmitir sim, mas para quê?	85
5.3.2 Ciências da Informação e da Comunicação (CIC)	90
5.3.3 Isto vai matar aquilo	93

5.3.4 A técnica e as alterações no social.....	94
5.4 – A Mediologia em “Manifestos Midiológicos”	97
5.4.1 Vias de Transmissão Simbólica.....	99
5.4.2 O que é uma <i>mediasfera</i> ?	102
5.5 Comparações, limites e contribuições dos estudos mediológicos	106
Conclusão	112
Bibliografia	117
Obras de Régis Debray	117
Obras mediológicas de Régis Debray.....	117
Bibliografia Complementar	118

Introdução

Régis Debray é um autor pouco estudado na história do pensamento comunicacional. Isso é um tanto estranho para um pensador que esteve notadamente presente no cenário intelectual dos anos 1980 e parte dos anos 1990, particularmente no tocante aos estudos de mediação. Posição que não ocupou por acaso. Político e revolucionário francês, nascido em setembro de 1940, em Paris, Régis Debray foi aluno da *École Normale Supérieure* e um dos jovens mais brilhantes de sua geração. Filósofo de formação, Debray construiu ao longo dos anos uma imagem extremamente rica e complexa, fruto de peregrinações que vão do marxismo teórico e panfletário de *Révolution dans la Révolution?*¹ (texto através do qual Fidel Castro o descobriu nos anos 1960) a práticas de guerrilha.

Na França, Régis Debray percorreu um longo caminho intelectual no campo das ciências humanas. Sua trajetória intelectual confunde-se com os anos de milícia em Cuba e com pontos de vista bem marcados sobre a configuração política mundial. Lutou contra o neoliberalismo, se colocou contra a “arrogância imperial dos Estados Unidos” durante a Guerra do Golfo e protestou a favor do socialismo ao lado do ex-guerrilheiro Che Guevara, com quem engajou-se na luta política, participou da milícia, foi preso e condenado a trinta anos de prisão na cidade de Camiri, na Bolívia. Sendo solto somente quatro anos depois, graças à intervenção de Jean-Paul Sartre, Charles de Gaulle e André Malraux.

Sempre militando entre as fronteiras do pensamento político, filosófico, artístico e literário, Régis Debray engajou-se em diversas causas. Mas a postura de revolucionário deu lugar à de intelectual engajado e, em 2007, ele completou 40 anos de um percurso intelectual intenso que o levou a publicar 72 livros no campo das ciências humanas, com ênfase em filosofia, religião, literatura, política, crítica de arte e Mediologia².

Hoje, aos 67 anos³, Debray continua militando entre o pensamento filosófico, a política e a cultura, sem deixar de criticar o que chama de “terrorismo semiológico”, onde tudo é feito em nome da linguagem, nem economiza forças na busca por mais inteligibilidade, ou acesso por parte da população ao que ocorre com os grandes fatos políticos no mundo.

¹ *Révolution dans la Révolution?*, in Cahiers libres n. 98, Paris: Maspéro, 1967.

² As informações relativas à bibliografia temática e cronológica foram retiradas da página Web do autor: www.regisdebray.com. Neste endereço eletrônico é possível ter acesso ao ano, data, local e editora responsável pelas 72 obras publicadas por Régis Debray entre 1967 e 2006. O *site* fornece também uma lista de filmes e estudos de interesse do autor. Toda sua bibliografia está dividida entre as seguintes áreas: crítica de arte, filosofia e religião, literatura, política e mediologia.

³ Régis Debray nasceu no mês de setembro de 1940, em Paris (França).

Como forma de registro do pensamento, suas idéias e impressões acerca do mundo sempre foram expostas em publicações que adquiriram caráter fundamental, em diferentes áreas de estudo no campo das ciências humanas.

A escrita tem caráter quase religioso para o autor e é forma de demonstrar por meio de palavras a força de seu raciocínio. Este número deixa de fora artigos e contribuições dadas pelo autor em editoriais e importantes publicações francesas, tais como os *Cahiers de Médiologie*, fundados por Debray em 1994 e publicados duas vezes ao ano, até novembro de 2004 – data da publicação do último fascículo⁴. Desde o início de sua carreira intelectual⁵, ele fez com que sua obra extrapolasse as fronteiras do continente europeu e suas idéias alcançassem diferentes culturas, sendo traduzida em diversas línguas tais como inglês, português, espanhol, alemão, italiano⁶.

Sua bibliografia tem início com o texto-manifesto *Révolution dans la Révolution?*⁷ (1967) e estende-se até a publicação do recente *Le Feu sacré, fonctions du religieux* (2003)⁸ e *Les communions humaines. Pour en finir avec “la religion”* (2005), sem tradução para o português. Mas com efeito, foi com o livro *Le Pouvoir intellectuel en France* (1979), que Debray rompe com as armas e as estratégias de persuasão para lidar com o nascimento, morte das idéias e formas simbólicas de transmissão. É em *Le Pouvoir intellectuel en France*, o lugar onde ele parte rumo a uma reflexão filosófico-mediática acerca das principais transformações simbólicas ocorridas em nossa esfera social.

Nestes quarenta anos de trabalho, considerando a publicação de seu primeiro livro e o calendário atual, veremos que são cruciais, para o entendimento deste autor, três fases distintas, que o colocam diante de três momentos em sua historiografia.

A milícia: apresentada em um *primeiro momento*, o levou a práticas de guerrilha ao lado de Che Guevara e a peregrinações que atravessaram o marxismo teórico e panfletário até sua prisão na Bolívia, onde permaneceu até 1971;

⁴ Informações e textos veiculados pelos *Cahiers de Médiologie* estão disponíveis no endereço eletrônico: (<http://www.mediologie.org>).

⁵ Os dados acerca de sua vida, obra e bibliografia estão contidos no endereço eletrônico criado pelo próprio autor: (www.regisdebray.com.br). Todo o conteúdo referente à atuação intelectual do pensador francês encontra-se disponível no *site*, que oferece também uma divisão de sua obra por tema e período histórico. Este trabalho respeita a divisão disponibilizada pelo autor e publica números e datas referentes às informações divulgadas por ele em seu endereço eletrônico.

⁶ Dentro do universo de pesquisa analisado, constam citações e traduções de livros do autor nestas cinco línguas citadas, podendo, sim, haver traduções em nacionalidades não abordadas nesta pesquisa.

⁷ *Révolution dans la Révolution?*, *Cahiers libres* n. 98, Maspero, 1967. Primeiro manifesto político publicado pelo autor.

⁸ *Le Feu sacré, fonctions du religieux*. Paris: Fayard, 2003. Tradução para o português: *O fogo sagrado: funções do religioso*. Lisboa: Âmbar, 2005.

Os estudos mediológicos: segundo momento, no qual o autor abandona a postura de revolucionário para ocupar a de intelectual engajado e por meio da interpretação mediológica, fundamenta o processo através dos quais os signos tornam-se forças materiais;

O conceito de Deus: identificado como *terceiro* e atual momento, onde ele se dedica ao estudo mediológico aplicado à filosofia das religiões, com a publicação dos livros *Le Feu sacré, fonctions du religieux* (2003) e *Les communions humaines. Pour en finir avec "la religion"* (2005), ainda sem tradução para o português. Nesta fase, Debray focaliza seus esforços no estudo das funções sociais e psicológicas da religião, com objetivo de analisar um conceito denominado de "Homo religiosos". Ao longo do livro, é nítida sua intenção em propor uma reflexão entre o sagrado como via de acesso ao profano, do imaginário como porta de entrada para o real. Seu objetivo neste livro é o de compreender o que se passa com o homem no momento em que entra para a escola do fato religioso.

Mas, apesar de profícuo e engajado na busca por uma reflexão mediática religiosa dos fatos sociais, é no *segundo momento* de Debray, que iremos centrar esta pesquisa. A busca por uma maior compreensão acerca do método e fundamentação teórica foi o caminho encontrado para análise crítica da Mediologia e como este saber pode contribuir para o campo comunicacional. Em outras palavras, este trabalho de pesquisa destina-se a compreender o que é a Mediologia e suas relações com o pensamento comunicacional. Dedicar-nos-emos aqui, ao *segundo Debray*, em outras palavras, especificamente ao que corresponde à sua trajetória intelectual, que deu origem à fundamentação teórica da Mediologia⁹. Corrente de estudos que se concentra, antes de tudo, em uma nova forma de decifrar o mundo dos signos, entender o processo pelo qual os signos tornaram-se mundo e tentar por meio deste processo, decodificar a dinâmica transformadora das idéias. Ele enfocou os efeitos de transmissão simbólica propriamente dita, a partir da mudança provocada no meio social onde ocorre, e analisou suas relações com as estruturas técnicas de transmissão. Desta forma, Debray deu um salto qualitativo em sua obra e parte dos conceitos históricos, políticos e sociológicos que regem a sociedade moderna rumo ao estudo da mediação e da epistemologia.

Estudar a Mediologia, com foco na obra de Debray, é também uma forma de minimizar falsas proposições e interpretações sobre o real campo de interesse desta corrente de estudos e sua constante análise enquanto "estudo da mídia", o que não condiz em nada com

⁹ As informações relativas à bibliografia temática e cronológica do autor encontram-se organizadas em seu *site*: (www.regisdebray.com). No endereço eletrônico, é possível ter acesso ao ano, data, local e editora responsável pelas 72 obras publicadas por Régis Debray entre 1967 e 2006. O *site* fornece também uma lista de filmes e estudos de interesse do autor. Toda sua bibliografia está dividida entre as seguintes áreas: crítica da arte, filosofia e religião, literatura, política e mediologia.

o pensamento do autor francês, que é colocado totalmente fora das pesquisas em comunicação. No entanto, à medida que se conhece a seriedade e unidade de seu pensamento, é possível vislumbrar uma abertura ao estudo e contribuição das pesquisas mediológicas no que tange ao saber comunicacional¹⁰. Mais precisamente, uma abordagem mediológica de questões comunicacionais poderia renovar estas últimas e contribuir para a compreensão e estudo do campo. Acreditamos que resgatada em sua integralidade, a Mediologia pode oferecer subsídios relevantes para o estudo e análise do campo comunicacional, contribuindo não apenas para uma discussão acerca do objeto de estudo da comunicação, como também para a construção do saber que o circunda.

Essa dissertação está dividida em cinco capítulos, cujos objetivos são: demonstrar o percurso metodológico adotado, compreender a origem e o nascimento dos estudos mediológicos, discutir diferenças e contrapontos entre “mídia” e “mediologia”, examinar a Mediologia e suas reais contribuições para o saber comunicacional e, finalmente, estudar em detalhes pontos que julgamos merecer mais esclarecimentos acerca do pensamento mediológico de Régis Debray, tais como os conceitos de *médium*, *meio*, *mediasfera*, *técnica*, *comunicação* e *transmissão simbólica*.

O primeiro capítulo aborda nossa trajetória metodológica. Mostraremos de que forma a estruturação dos anexos que compõe esta dissertação foram determinantes para a análise das categorias mediológicas examinadas.

Como parte do segundo capítulo, será abordado a origem dos estudos mediológicos e sua inserção no quadro do conhecimento: disciplina, saber, ciência? Discutiremos em que contexto enquadra-se a pesquisa mediológica e explicitaremos o real objeto de estudo mediológico. Este capítulo destina-se a aprofundar a história e analisar sobre o que versa a Mediologia.

Faz parte do terceiro capítulo a necessidade de esclarecer erros frente à proposta de Debray na construção de uma corrente de pensamento que se destina ao estudo das formas simbólicas de transmissão e não ao estudo da “mídia”, como muitos autores pregam. A tentativa é de sanar esta falha recorrente e definir a epistemologia da comunicação em Debray.

O quarto capítulo será um espaço para discutir uma tensão a ser resolvida: a Mediologia e o saber comunicacional. Analisaremos a emergência da comunicação enquanto

¹⁰ Expressão referente às correntes de pesquisas em Comunicação, que ganharam maior representatividade a partir da década de 40, à medida que cresceu o número de trabalhos na área. Sua principal preocupação concerne à análise da cultura de massa e ao exame do processo comunicacional mediado pelos meios de comunicação (cf. Mauro Wolf, 2005).

ciência e explicitaremos a contribuição dos estudos mediológicos para a construção do saber comunicacional.

O aprofundamento teórico-metodológico acerca das definições de conceitos capitais na obra de Régis Debray, tais como *transmissão simbólica, técnica, cultura e mediação*, compõe o quinto capítulo. Para tal, contamos com a utilização, estudo e análise transversal dos anexos que compõem esta pesquisa e serviram primordialmente para análise comparativa de conceitos que permeiam a obra mediológica do autor francês.

Um dos principais obstáculos ao estudo da Mediologia e suas relações com o saber comunicacional é a falta de críticos sobre essa corrente de pesquisa, especialmente em terras brasileiras. No que concerne ao pensamento mediológico no Brasil, é quase inexistente o número de pesquisadores que destinam suas pesquisas na busca por maior inteligibilidade neste campo de estudos. A comprovação deste dado encontra-se no Anexo III desta pesquisa, onde vemos pouco ou quase nenhum interesse por parte dos pesquisadores brasileiros no campo dos estudos mediológicos. Dos 21 periódicos eletrônicos consultados, dentre jornais, revistas e anuários em comunicação, apenas quatro traziam textos com as palavras-chave pesquisadas: *Mediologia e Régis Debray*.

No entanto, o que vemos é uma profusão de teóricos que utilizam cegamente o termo “midiologia” e o colocam como estudo dos meios de comunicação de massa, assunto que para Debray é totalmente rejeitado e sequer faz parte do escopo formador das ciências humanas.

No Brasil, é possível contabilizar oito obras, onde ele fundamenta o processo através dos quais os signos tornam-se forças materiais e inicia os estudos mediológicos. Destas oito obras, seis foram traduzidas para a língua portuguesa: *Curso de midiologia geral*¹¹, *Manifestos midiológicos*, *Introdução à mediologia*¹², *O Estado Sedutor: as revoluções midiológicas do poder*, *Transmitir: o segredo e a força das idéias* e *Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no Ocidente*.

Neste trabalho de pesquisa limitamos nosso universo de análise a quatro, das oito obras mediológicas existentes. São elas: *Introdução à mediologia*, *Transmitir: o segredo e a força das idéias*, *Curso de midiologia geral* e *Manifestos midiológicos*. Publicações esgotadas

¹¹ As traduções das publicações mediológicas de Régis Debray para a língua portuguesa foram publicadas com a palavra “midiologia”, com exceção de *Introdução à mediologia*, que integra o catálogo de obras lusitanas. Como forma de não disseminar este erro, a presente pesquisa desconsidera a palavra “midiologia”. Os títulos das obras permanecem inalterados, mas a tradução está errada e o leitor perceberá uma variação entre mediologia e “midiologia”, sendo incorreta esta última forma.

¹² Com exceção do livro *Introdução à mediologia* (2004), publicado pela editora portuguesa *Livros Horizonte*, todas as publicações de Debray para o português foram feitas pela *Editora Vozes*, que conta com o estoque esgotado das referidas publicações.

na editora, o que acaba a obrigar ao leitor, interessado em adquirir um volume mediológico, a procura em sebos ou lojas de livros usados, obviamente reduzindo-se assim, em muito, a quantidade de exemplares disponíveis no mercado. Para tentar compensar essa carência, o que vemos é a profusão de *sites* e fontes de pesquisa que trocam o termo Mediologia, por “midiologia”, considerando este último como estudo dos meios de comunicação de massa¹³ ou da “mídia”, assunto que Debray renega com veemência, representando desta forma, um dos maiores entraves a pesquisa e estudo mediológico no Brasil.

Esta pesquisa visa não só resgatar a importância do pensamento mediológico de Régis Debray, como sistematizar a trajetória desta corrente de estudos e contribuir com a difusão das pesquisas de autores da mediação. Como já foi dito, isto é manifesto, especialmente, no Brasil onde é praticamente nulo o número de pesquisas sobre o assunto. É fundamental que o universo comunicacional passe a contar com acervo reflexivo e crítico no que diz respeito aos estudos da mediação. Esperamos contribuir para a difusão das pesquisas mediológicas e evolução das pesquisas sobre o saber comunicacional realizados no país.

1. Metodologia

A estratégia para abordar nosso objeto consiste na realização de um exame aprofundado das categorias empregadas por Debray para apresentar e discutir os problemas da Mediologia.

A categorização empreendida neste trabalho tomou a obra mediológica de Debray de forma transversal e levou em conta dois processos distintos: *o inventário (Anexo I)*, onde os elementos foram isolados e *a classificação (Anexo II)*, na qual estes mesmos elementos foram repartidos e colocados de forma a dar organização às mensagens. Para isso empregamos a técnica de análise de conteúdo, baseando-nos particularmente no conhecido trabalho de Laurence Bardin (2006).

Nesse sentido, nosso trabalho procurou dividir, organizar e compreender como a mediologia é exposta nas quatro obras que compõe o *corpus teórico* deste trabalho de pesquisa: *Curso de midiologia geral, Introdução à mediologia, Manifestos midiológicos* e

¹³ Restringimo-nos às fontes de pesquisa que utilizam o conceito mediológico de acordo com a proposta de seu fundador. Foram usadas apenas citações que utilizam a palavra mediologia e não “midiologia”, como é colocado em diversas fontes de pesquisa.

Transmitir: o segredo e a força das idéias. Este trabalho permitiu a identificação, através da gênese do pensamento do autor, dos principais conceitos mediológicos, de modo a poder identificá-los e estabelecer uma leitura transversal das principais obras mediológicas.

Esta operação de classificação de elementos constitutivos da obra mediológica foi definida segundo critérios previamente estabelecidos, tais como pertinência, relevância para a compreensão do tema tratado e até mesmo repetição de significados dentro das quatro obras estudadas.

Este procedimento nos pareceu mais apropriado para superar as diferentes versões dos conceitos apresentados por Debray, como é natural em um pensamento ainda em plena formação, com suas hesitações e contradições. Isto também nos possibilitou alcançar um nível de sistematização necessário para a comparação com o pensamento comunicacional.

Tendo em vista facilitar a leitura, deslocamos para os anexos todos os detalhes da montagem e apresentação de um quadro de análise de conteúdo (*Anexo II*), mantendo ao longo do corpo da dissertação apenas as discussões daí advindas.

A categorização realizada neste trabalho foi realizada de forma transversal e levou em conta dois processos distintos: *o inventário*, onde os elementos foram isolados e *a classificação*, onde estes mesmos elementos foram repartidos e colocados de forma a dar organização às mensagens.

O inventário foi o primeiro passo a ser realizado, tendo como resultado o *Anexo I*¹⁴ deste trabalho. Nele é possível visualizar fragmentos retirados das quatro obras e organizados de acordo com conceitos centrais do pensamento de Régis Debray, tais como *médium*, *mediação*, *transmissão*, *técnica* e *saber comunicacional*. O segundo passo foi a classificação dos elementos dispostos no Anexo I, em tabelas, que originaram o presente Anexo, que está sendo apresentado.

A categorização realizada seguiu a linha de pensamento teórico de algumas hipóteses que já haviam sido levantadas durante a preparação do *Anexo I*, tais como a divisão do pensamento de Debray no tocante ao saber comunicacional, fatores técnicos e de transmissão cultural. Fornecidas algumas pistas para a realização deste segundo passo, foi possível dividir os fragmentos já reunidos anteriormente em caixas organizadas e analisáveis dentro da gênese de pensamento do autor, respeitando critérios de pertinência, fidelidade, produtividade, exclusão mútua e homogeneidade na escolha das categorias.

¹⁴ Vide Anexo I e Anexo II.

Portanto, a metodologia utilizada é uma ferramenta essencial para análise de conceitos-chaves apresentados na obra mediológica de Debray. Os quadros apresentados no *Anexo II* foram feitos de forma a facilitar a leitura transversal dos conceitos nas quatro obras e principalmente com objetivo de produzir um resultado fértil em inferências e confirmação de hipóteses apresentadas no trabalho de pesquisa, que confirmam a aproximação da mediologia de Debray, às teorias que compõem o pensamento comunicacional.

Para realização desta pesquisa, partimos da observação que a compreensão do pensamento mediológico de Régis Debray não pode se dar sem a utilização de um instrumento metódico de análise de conteúdo que permita o trabalho de transformação dos dados brutos em dados organizados e analisáveis de acordo com categorias previamente definidas.

2. Nascimento dos estudos mediológicos

Transformações simbólicas estão em curso desde que o homem começou a se relacionar e a transmitir ao longo das gerações toda sua carga cultural. É possível vislumbrar a palavra de profetas que deram origem a Igrejas, manifestos que viraram partidos políticos, prosaicos cartazes que se tornaram reforma, um seminário, escola ou mesmo a transmissão de informações pela televisão, com pedido de ajuda humanitária, que acabou sendo revertida em doações reais de alimentos para pessoas necessitadas. Não é possível precisar ao certo desde quando acompanhamos efeitos reais de transformação do mundo, apenas que estas mudanças não se limitam a fatores políticos, geográficos ou mesmo culturais entre os países. Elas perpassam culturas e atravessam décadas originando transformações em nossa paisagem e convívio social. Em 1984, ao regressar da Europa Central, as formas de transmissão simbólicas sofreram transformações importantes, que permitiram a Régis Debray verificar a existência de um poder mais forte no *rock n'roll*, na calça jeans ou mesmo nos satélites de televisão do que em todas as forças armadas soviéticas. Como todo esse simbolismo é gerado e adquire sentido material? Como explicar que a maneira de se manifestar, quer seja por meio de um vocábulo, da escrita, ou até da forma de se vestir seja capaz de acarretar efeitos tão reais de transformação do mundo?

Essas são interrogações feitas há cerca de duas décadas por Debray, que se propôs a analisar os fatos de transmissão cultural, com a exclusão obrigatória do véu da ideologia e das barreiras que nos impedem de enxergar nossas manifestações culturais com os olhos do real. “É necessário ‘des-ideologizar’ as ideologias a fim de compreender a sua ação”, disse ele como forma de dar cabo aos mecanismos da crença e sistematizar uma corrente de pensamento que possa realmente analisar de que maneira a transmissão cultural é realizada ao longo das gerações. Para iniciarmos a discussão deste capítulo é necessário antes de tudo conceituar o que é Mediologia e que corrente de pesquisa é esta que analisa nossos fatos de transmissão simbólica.

A Mediologia é antes de tudo um movimento intelectual voltado ao estudo dos fatos de transmissão simbólica que mais marcaram a humanidade. Régis Debray acabou por propor algo originalmente marcado pelo estudo dos mecanismos de suporte e formas de transmissão que se configuram em transformações do real. Os iniciados no assunto devem, obrigatoriamente, passar a ter alma de antepassados e o olhar focado não apenas na crítica

literária do romance ou folhetim do século XIX, mas acima de tudo na prensa, no jornal de um vintém, na rede nacional de escolarização ou mesmo nas estradas de ferro que serviram de suporte a essa demanda literária. “Uma análise mediológica ordena e subordina a escola ao ensino, o museu à exposição, a biblioteca à leitura, o estúdio à aprendizagem, o laboratório à pesquisa, a igreja ao culto” (*Introdução à Mediologia*, p.16). Para delimitar variações concomitantes, o mediólogo deve atravessar épocas e meios diferentes. Precisa estar atento a uma proposta que consiste em contribuir com a construção de um solo firme capaz de transformar o conceito de transmissão cultural em objeto de reflexão, de forma que a análise do real passasse do operatório para o inteligível.

O que Debray tenta fazer é tirar o véu que deixa escondido de nossas vistas estes artefatos, muitas vezes, mantidos intactos por trás de monumentos já concluídos, sejam eles literários, estéticos ou jurídicos. Desta forma é possível renunciar à ilusão idealista das “mensagens fundadoras de nossa cultura”. A ambição deste estudioso é fazer das formas e análises dos mecanismos pragmáticos de transmissão objeto de análise, sem adentrar em questões proféticas ou mesmo polêmicas. A pergunta epistemológica para o mediólogo é: em quais condições materiais e sociais é possível uma herança? Para Régis Debray, uma curiosidade tão trivial quanto insólita, responsável por transformar uma banalidade em enigma.

Para voltar a uma rubrica conhecida, a transmissão cultural parece ser, atualmente, um tema com pouca solidez, flutuando à margem de vários saberes – sociologia, história das mentalidades, genética – respaldados em si mesmos, mas neste caso não congruentes (*Transmitir*, p.9).

A transmissão cultural sobre a qual Debray comenta diz respeito a um dos principais aspectos formadores do edifício mediológico e embasa mecanismos que atuam, seja por meio de um vocábulo pronunciado, seja por meio da escrita em efeitos reais de transformação do mundo. Debray propõe um estudo pragmático do pensamento e suas relações com as técnicas de transmissão. Abordagem que dará origem ao método e *indexação mediológica*, de forma a analisar, caso a caso, como atos e sentidos são estabelecidos a partir de práticas que envolvem atividades simbólicas de um grupo humano. Em suma, como determinadas formas simbólicas tornaram-se forças materiais.

Partindo desta perspectiva, é necessário entender que para o estudo mediológico, a dinâmica do pensamento é inseparável de uma materialidade, de uma física de vestígios, subjacente ao estudo dos mitos, crenças e doutrinas, que nos últimos cem anos estiveram submersos em uma palavra falaciosa, para o mediólogo, denominada “ideologia”. Palavra-

armadilha, que na visão de Debray representa não apenas uma antítese do saber, mas também um dos mais tenazes “obstáculos epistemológicos” ao estudo e entendimento dos processos abordados pela Mediologia. “Este termo, inventado pelo francês Destutt de Tracy, em 1796, para designar a ‘ciência da origem das idéias’, foi retomado de forma bastante leviana por Marx para designar o conjunto das produções simbólicas de uma sociedade” (*Introdução à Mediologia*, p.95). Debray fundamenta esta afirmação quando diz que Marx havia descrito bem o fenômeno ideológico: “Quando uma idéia se apodera das massas torna-se força material”. Mas para ele, só é possível abrir o ventre deste tornar-se força virando as costas ao termo marxista “ideologia” que não permite explicar a interação das idéias e dos acontecimentos. Neste contexto, o mediólogo para conseguir alcançar as funções superiores - arte, religião, ideologia - dos quais trata a Mediologia, deve “des-ideologizar” as ideologias a fim de compreender a sua ação. Deve-se passar da história das idéias à das suas ligações e suportes materiais, que não podem ser explicadas independentemente do fator técnico. Por exemplo, é comumente citado na obra de Debray o nascimento do cristianismo e como este fenômeno se constitui enquanto mecanismo de transmissão (de um capital simbólico aos seus fiéis) e através das gerações acabou dando origem a uma das mais populares religiões de todos os tempos. Ao invés de se questionar se Jesus de Nazaré ressuscitou ou não no terceiro dia, a questão mediológica tenta elucidar de que maneira se perpetuou a tradição que estabeleceu tal crença. “Nunca saberemos de verdadeiramente Jesus ressuscitou. Em compensação, estamos seguros de que houve quem acreditou nisto verdadeiramente. Pode-se imaginar o mecanismo de tal crença”, (*Transmitir*, p.33).

Mas os exemplos históricos não se limitam ao cristianismo. “Quais pistas, de forma geral, são seguidas pela corrida de passagem do bastão do pensamento e qual delas transborda a esfera da linguagem articulada” (*Transmitir*, p.36). Será que é possível vislumbrar saídas para o fato de que foi Karl Marx, munido de uma pena, quem assinou seu nome para sempre na história contemporânea e marcou nosso século com ferro e brasa, e não, Pierre Proudhon ou Auguste Comte? Régis Debray sintetiza seu pensamento questionando-se de que maneira, por meio de quais estratégias e sob quais restrições, a humanidade consegue transmitir as crenças, valores e doutrinas que tem produzido nas diferentes épocas da história. O que oculta de essencial essa operação? A resposta pode ser encontrada no estudo mediológico que centra suas forças no terreno da história das doutrinas, mas Debray prefere classificá-la como a ciência social do futuro, já que segundo ele, o século XXI será o século das mediações tecno-culturais, onde cada vez mais uma reflexão política e moral deverá passar pelo estudo técnico do poder dos meios, o que para ele, é uma excelente definição de Mediologia.

2.1 Estratégias de persuasão

Régis Debray inaugurou seus estudos mediológicos por volta dos anos 60. Época onde esteve profundamente envolvido com a guerrilha, iniciada com o texto-manifesto *Révolution dans la Révolution*, segundo ele, manifesto portátil, que em 1969, teorizava sobre a Revolução Cubana e convocava os latinos a desenvolverem outras a partir do mesmo modelo. Fase, que além de marcá-lo como apóstolo da guerrilha, acabou também por levá-lo a aventuras políticas ao lado de Che Guevara. Perseguido, preso e condenado a 30 anos de prisão, Régis Debray nunca deixou de lado a questão canônica da história das idéias. “Será que os livros fazem as revoluções?” (*Manifestos Midiológicos*, p.133). Com esta pergunta Debray inicia seus estudos, com foco na pragmática do pensamento e empreende um percurso intelectual focado no modo como livros, ideais e idéias vigentes fazem as revoluções.

A maior parte de meus colegas de escola, filósofos e militantes, tinham tido a sabedoria de enfrentar – mas em paralelo, por caminhos distintos – a militância revolucionária e o trabalho intelectual. Cometi o erro (filosófico) de ter procurado fazer convergir estes dois aspectos, o que me levou a abandonar, ao mesmo tempo, meu país e a *philosophia perennis* para tentar conciliar as duas extremidades: o dizer com o fazer (*Manifestos midiológicos*, p.133).

Mas o fazer com o qual Régis Debray se debruça não ficou restrito apenas a influência intelectual de suas idéias. Há quem diga que ele também provocou indiretamente muitas mortes em terras ibero-americanas. “Não tenho certeza do elo de causalidade, mas posso certificar o massacre, como testemunha direta e indireta” (*Manifestos Midiológicos*, p.133). Foi durante viagens à Turquia, Palestina, Tailândia e alhures que o Debray pôde encontrar antigos presos políticos que o interceptavam na rua e diziam: “Bom dia, Régis Debray. Fui preso por causa de seu livro”. A outros, que não chegaram a sair da prisão, ele não terá a chance de sequer dizer bom dia. Problema de responsabilidade moral e também problema penal já que os códigos prevêm pena de morte e prisão para autores de crimes intelectuais. Mas o fato é que sua atuação como militante requeria um fundo filosófico-científico que só poderia ser sanado com o trabalho de mediador. Atuação que iniciaria o percurso de um intelectual disposto a descobrir como uma mensagem ideológica torna-se força, ou fraqueza. De que forma era possível conciliar o que buscava descobrir com a realidade? Como se dava o percurso de um discurso, de seu início às suas repercussões finais? Foi com esse intuito e sob a égide de Robert Badinter, que, em 1978, Régis Debray participa da redação de uma *Carta das liberdades*, onde tomava corpo a relação que demonstra, claramente, a simbiose

entre o dizer e o fazer. A redação da carta foi uma tarefa que aproximou o mediólogo de seu objeto de estudo e levou o pensador a analisar em loco a produção de um discurso no mesmo espaço-tempo em que se tomam as decisões.

Não é a pior maneira de estudar as relações que unem o governo dos homens e a administração dos signos. Neste caso, talvez seja preferível dizer: o governo dos signos e a administração dos homens (*Manifestos midiológicos*, p.135).

Alguns anos mais tarde, Debray continuou a observar o estado do mundo e o estado de espírito de seus compatriotas, experimentando outras experiências mediológicas que o levariam às análises, por meio de telegramas, relatórios e viagens sobre as questões estratégicas entre civilizações e países, e mesmo, toda a panóplia simbólica, imagética, sonora e mítica, que envolve a passagem do simbólico ao ato. O que movia todo aquele simbolismo? O que estava por trás de toda aquela linguagem? Com essa questão em mente, o autor redigiu *La Puissance et les rêves* (1984), *Les Empires contre l'Europe* (1985) e *Tous Azimuts* (1989). Estava decretado aí o nascimento da figura do mediólogo, o estudo das idéias e da influência ideológica. Régis Debray tentaria provar de que forma a resistência quase física de um meio ideológico pode conduzir às tecnologias da crença. “A sociedade funciona a base da ideologia, como um carro à base de combustível” (Althusser *apud* Régis Debray, *Manifestos Midiológicos*, p.138). Mas mesmo com o funcionamento a base de combustível, Régis Debray tenta mostrar as limitações da profissão de frentista e nos mostra com o saber mediológico que está na hora de se interessar pela mecânica e abrir o capô para observar como funciona a máquina da crença. O frentista para ele, nada mais é do que um intelectual comprometido ou interveniente profissional. É necessário um recuo ou mesmo desligamento para passar do ativismo a uma possível pragmática do pensamento, proposta por Debray para o entendimento mediológico.

Embora com início bem datado, foi em 1979, com a publicação de *Pouvoir intellectuel em France*, que o pensador assinala pela primeira vez a palavra Mediologia. Munido de um pequeno ensaio de descrição, o livro fazia parte de um trabalho teórico mais amplo intitulado *Traité de médiologie*, ainda em vias de ser editado. Com a titulação, mas ainda sem fundamentação teórica que a sustentasse, a verificação de toda eficácia simbólica conceituada como Mediologia foi apresentada na primeira linha do livro *Pouvoir intellectuel en France* de maneira localizada e momentânea. Não era possível naquele momento formular debates ou mesmo abrir questões sobre um saber ainda em fase de elaboração. Foi em 1991, após publicar seu primeiro trabalho inteiramente mediológico, intitulado *Cours de médiologie*

*générale*¹⁵, que o autor veio a público elucidar questões a respeito da nova disciplina que estava sendo proposta.

Em 1988, Régis Debray foi convidado pelo professor Daniel Bounoux, para lecionar uma disciplina de Mediologia no quadro da unidade de formação e pesquisa em Ciências da Informação e da Comunicação da Universidade Stendhal de Grenoble. No ano seguinte, juntamente com Daniel Bounoux foi ministrado um curso de Mediologia no *Collège International de Philosophie*. Hoje, passados quase 20 anos, a Mediologia candidata-se ao posto de ciência e tenta explicar, por meio de uma logística de operações de pensamento como age o “poder das palavras”, a “eficácia simbólica” ou mesmo, “o papel das idéias na história” (*Curso de Midiologia Geral*, p.14). É por meio da publicação de *Cours de médiologie générale*, que Debray retoma as sessões deste percurso didático e oferece as primeiras explicações referentes ao tomo do tratado anunciado.

2.2 Bibliografia mediológica

Passaram-se dez anos entre a publicação de *Pouvoir intellectuel en France* e *Cours de médiologie générale*. Tempo que Debray afirma ter utilizado para idealizar soluções para os problemas abordados e atingir a frieza ideal da exposição demonstrativa. Com efeito, *Curso de Midiologia Geral* foi o espaço escolhido para expor o percurso da figura do escriba – o escrevente, do intelectual às vias de um ser intermediário encarregado de estabelecer o elo entre valores fundadores e o curso da função simbólica. Função esta que exerce importância capital para o estudo da Mediologia. É por meio dos mecanismos e da forma de atuação das tecnologias da crença, que Debray estabelece sua primeira fundamentação teórica. *Curso de Midiologia Geral* (1993) foi a primeira publicação dentro de um primado de outros sete volumes sobre o tema, que realmente explica e traz à público o significado do saber proposto. Nos anos seguintes, Régis Debray se debruçou sobre escritos que problematizam a Mediologia de forma a tratar mais de questões próprias ao universo da transmissão e do aparato tecnológico – que envolve toda a problemática e a fundamenta do ponto de vista teórico – do que propriamente, do estado da arte mediológico dentro do quadro de conhecimento.

¹⁵ Ao longo desta dissertação, serão utilizados títulos e datas de publicação das obras de Debray que já tenham sido traduzidas para o português, como é o caso, por exemplo, de *Curso de midiologia geral* e *Manifestos midiológicos*.

Três anos após a publicação de *Cours de médiologie générale* (1991), Régis Debray lança *Manifestes médiologiques*¹⁶. Publicação responsável por fundamentar o papel do significante, de forma a reencontrar vetores e técnicas que levam ao aprofundamento do saber mediológico, o texto publicado faz parte da defesa de tese realizada por ele com objetivo de obter a “habilitação para dirigir pesquisas”, apresentado na Sorbonne (Paris I), em 08 de janeiro de 1994. Diante de um júri composto pelos professores Bernard Bougeois (presidente), Daniel Bounoux, François Dagognet (relator), Jaques Le Goff, Michel Serres e Roger Chartier, Régis Debray apresenta a Mediologia com sua respectiva “Carteira de Identidade” e mostra de que forma este saber em ziguezague se inicia.

De acordo com o que o pensador expõe no primeiro capítulo de *Manifestos midiológicos* (1995), a nova disciplina tem início na figura do mediador contemporâneo, sob a figura do intelectual francês descrito em *Le pouvoir intellectuel em France*¹⁷ (1979), e *Le scribe*¹⁸ (1980), encaminha-se para a mediação como foi exposto em *Critique de la raison politique*¹⁹ (1981) e, por último, direciona-se às mídias ou os comportamentos contemporâneos de influência, este último aspecto definido em *Cours de médiologie générale* (1991)²⁰; *Vie et mort de l'image, une histoire du regard en Occident*²¹ (1992) e *L'État séducteur*²² (1993). Gênese literária, responsável por demarcar as fronteiras do saber proposto e esclarecer de que forma Régis Debray alcança um de seus questionamentos chaves: como um símbolo abstrato pode produzir efeitos concretos de transformação do real? A resposta encontra-se na análise de um termo falacioso e demasiadamente familiar que é a *ideologia*. É logo no primeiro capítulo de *Manifestos midiológicos* (1995), que Debray explica de que forma a ideologia conservava sob sua órbita práticas organizacionais incompletas.

A despeito da herança marxista, pareceu-me que a “ideologia” só poderia se esclarecer subtraindo-nos ao campo semântico da *epistème* para gravitar no campo da *práxis*. Portanto, não deveríamos entender por essa palavra-armadilha a antítese de um saber – a ideologia como ilusão ou reflexo do real, desconhecimento, falsa consciência, etc. – mas o meio de uma organização, de uma incorporação, de uma encarnação coletiva. As questões

¹⁶ *Manifestes médiologiques*. Paris: Ed. Gallimard, 1994. Tradução para o português: *Manifestos midiológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

¹⁷ *Le pouvoir intellectuel em France*. Paris: Ramsay, 1979. Volume sem tradução para a língua portuguesa.

¹⁸ *Le scribe: gènese du politique*. Paris: Grasset, 1980.

O escriba: gènese do político. Rio de Janeiro: Retour, 1983.

¹⁹ *Critique de la raison politique*. Paris: Gallimard, 1987. Volume sem tradução para a língua portuguesa.

²⁰ *Cours de médiologie générale*. Paris: Gallimard, 1991.

Curso de midiologia geral. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

²¹ *Vie et mort de l'image, une histoire du regard en Occident*. Paris: Gallimard, 1992.

Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²² *L'État séducteur: les révolutions médiologiques du pouvoir*. Paris: Gallimard, 1993.

O Estado sedutor: as revoluções midiológicas do poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ditas, há bem pouco tempo, ideológicas – hoje em dia, diríamos simbólicas ou culturais [...] (*Manifestos midiológicos*, p.12).

Mas como a ideologia, um dos obstáculos epistemológicos mais tenazes para o mediólogo, pode ter dado origem à estruturação da Mediologia? Para Régis Debray é uma pergunta que pode ser resolvida de forma lógica, com um mecanismo simples baseado em um conjunto de relações. Em outras palavras, Debray tenta resolver o impasse da insuficiência ideológica, passando da história das idéias à das suas ligações e suportes.

A ideologia [...] é o ecrã [obstáculo] que impede que se compreenda por que razão, por exemplo, a religião não é ou não é só o ópio do povo, mas também a vitamina do fraco – os opiômanos não se suicidam com as suas bombas e nem vão se sacrificar em guerras santas (*Introdução à mediologia*, p.96).

O que Debray tenta explicar é que o principal aqui é a primazia da *relação* sobre o *ser*. Se nas relações ideológicas, valores e elementos são concebidos dentro de um vazio fundador, já que os elementos ideológicos carregam consigo mitos de origem e heróis fundadores, a mediação só pode ser conseguida de forma contrária, pela abertura de um elemento externo a este mesmo campo.

Na prática, o que está por trás é a influência direta sobre os homens que não é apenas exercida por palavras, mas por toda panóplia simbólica que o cerca. Mensagens, gestos e figuras também são transmissores de idéias e conseguem por meio de toda uma construção simbólica transformar palavras, arquivos do signo, em atos, manifestos em partidos, o sermão de um padre em Igreja ou mesmo a divulgação de uma matéria na TV em um gesto humanitário.

A Mediologia traduz em questões práticas as soluções místicas e faz da encarnação simultaneamente um modelo – para compreender as realidades profanas – e um problema – porque o mistério que ela aponta – o imaterial produzindo efeitos materiais – tem de poder ser explicado de outra forma que não a verdade de uma fé (*Introdução à mediologia*, p.33).

Voltamos a uma pragmática do pensamento, que demonstra claramente que, para investigar os fatos de transmissão simbólica, é necessário antes de tudo analisar de que maneira se dão as relações entre o técnico e o simbólico, entre as estruturas sociais e o aparato que a cerca. “Não parece que há separação entre a lógica da transmissão e a lógica da organização; e está é realmente a hipótese central da Mediologia” (*Curso de mediologia geral*, p.8). Voltada ao domínio das relações entre a técnica e a cultura, a Mediologia se interessa antes de tudo por questões práticas que pretendem não decifrar o mundo dos signos, mas compreender os processos pelos quais os signos tornaram-se mundo.

Mas o estudo dos signos e das representações simbólicas não é o que faz a semiologia? Pois bem. Caso a Mediologia fosse interrogada por um guarda, que a parasse em um controle disciplinar qualquer e solicitasse sua carteira de identidade, como quem diz: – “Ei, você aí, trabalha com que?”, quais respostas poderiam ser dadas no sentido de responder o que ela realmente representa?

- “Apesar de meu nome, não precisamente com as mídias. Ocupo-me dos signos”.
- “Mas há muito tempo que a lingüística se encarrega disso”, seria a réplica do policial de fronteiras.
- “Com certeza, mas entendo ‘signo’ em sentido amplo e não somente dotado dessas características – arbitrário, diferencial, linear e discreto – que lhe são atribuídas pelos lingüistas. Ocupo-me de todos os vestígios sensíveis a uma intenção se sentido”.
- “Mas isso é o que faz a semiologia”.
- “Com efeito, alguns teóricos ocupam-se do *sentido dos signos*. Quanto a mim, interesse-me pelo seu poder: trata-se de um outro problema.”
- “Que é bem estudado pela pragmática da comunicação”.
- “Sem dúvida, mas a Escola de Palo Alto e os especialistas dos atos de linguagem concentram-se no que se produz, entre dois ou vários interlocutores, no decorrer da comunicação verbal²³. Quanto a mim, além das relações da palavra e dos calorosos cara-a-cara da intersubjetividade, viso alguma coisa como uma pragmática do pensamento na história lenta e longa das sociedades. A influência sobre os homens não se exerce somente com palavras. As mensagens também se transmitem por gestos, figuras e imagens, ou seja, toda a panóplia dos arquivos do signo”.
- “Em suma, para falar claramente, você está ligado à história das idéias que é uma disciplina já solidamente estabelecida; no entanto, você gostaria de dar-lhe uma roupagem, de acordo com o sabor do dia, à moda ‘comunicação...’ ”.
- “Nem tanto assim. A rigor, o tema da comunicação está fora de minhas cogitações. Decidi ignorar o que é uma ‘idéia’ e denunciei a inépcia da própria palavra ideologia. Interesse-me apenas pelos vestígios materiais do sentido. Tal postura coloca a história das idéias às avessas” (*Manifestos midiológicos*, p.15).

Debray traça inter-relações com disciplinas de saberes já estabelecidos no quadro do conhecimento, como a semiologia, a psicologia, a história e a lingüística. Sua intenção é mostrar a originalidade da corrente de estudos mediológicos e evitar freqüentes equívocos que envolvem a Mediologia com os saberes existentes. Nesta lista, no entanto, a comunicação é uma disciplina que sequer é mencionada por Debray. O autor parte do princípio que o campo de estudos supracitado não deve nem configurar na lista de disciplinas que formam o campo das ciências humanas. Como veremos no capítulo seguinte, a Mediologia e a comunicação, de acordo com Debray, são totalmente incongruentes e esta última não passa de uma extensão

²³ Esta é a concepção de Régis Debray sobre o saber comunicacional, que não necessariamente corresponde à realidade e será discutida com profundidade mais adiante.

entre uma linha telefônica e o envio de mensagens por meio de um canal. Mas será que o pensamento de Debray acerca do saber comunicacional condiz com a estrutura e atual organização desse campo? Será que a Mediologia, responsável por estudar as formas simbólicas de transmissão, também não está diretamente relacionada com o estudo comunicacional? Discutiremos este assunto, bem como a epistemologia da comunicação estudada no Brasil.

3. Mediologia e *Midiologia*: um erro recorrente

Em terras brasileiras, o volume de obras mediológicas traduzidas e publicadas fazem jus as quatro décadas de intensa atuação intelectual de Régis Debray. De suas oito obras publicadas sobre o saber mediológico, seis volumes foram traduzidos para o português. São eles²⁴: *Cours de médiologie générale* (1991), tradução para o português: *Curso de midiologia geral* (1993); *L'État séducteur, les révolutions médiologiques du pouvoir* (1993), tradução para o português: *O Estado sedutor: as revoluções midiológicas do poder* (1994); *Manifestes médiologiques* (1994), tradução para o português: *Manifestos midiológicos* (1995); *Transmettre* (1997), tradução para o português: *Transmitir: O segredo e a força das idéias* (2000) e *Introduction à la médiologie* (1999), tradução para o português: *Introdução à mediologia* (2004), apenas dois volumes que integram o escopo mediológico sistematizado pelo autor: *Le pouvoir intellectuel en France* (1979) e *Les enjeux et les moyens de la transmission* (1998) não foram traduzidas para a língua portuguesa.

É possível notar que quatro, dos cinco volumes traduzidos para o português, receberam erros graves de nomenclatura, onde foi trocada a palavra Mediologia, por “midiologia”. O termo aparece citado em uma série de títulos na língua portuguesa, trabalhos e fontes de pesquisa. A “midiologia” é um termo que carrega uma significação errada e versa sobre um campo de saber o qual Debray se coloca em constante contraponto, que é a comunicação.

Em Mediologia, médio designa em primeira abordagem, o conjunto, técnica e socialmente determinado, dos meios simbólicos de transmissão e circulação. Conjunto que precede e supera a esfera dos meios de comunicação de massa contemporâneos, impressos e eletrônico, entendidos como meios de difusão de maciça – imprensa, rádio, televisão, cinema, publicidade, etc. Meios de informação ainda unilateral, chamados sem razão de “comunicação” – que supõe retorno, encontro, “feedback”. É a razão pela qual a Mediologia prefere falar de transmissão, para designar uma comunicação mediatizada que opera por revezamentos, através de

²⁴ *Cours de médiologie générale*. Paris: Gallimard, 1991.

Curso de midiologia Geral. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

L'État séducteur, les révolutions médiologiques du pouvoir, Gallimard, 1993.

O Estado sedutor: as revoluções midiológicas do poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Manifestes médiologiques. Paris : Gallimard, 1994.

Manifestos midiológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Transmettre. Paris: Odile Jacob, 1997.

Transmitir: o segredo e a força das idéias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Introduction à la médiologie. Paris: P.U.F, 1999.

Introdução à mediologia. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

A “midiologia”, citada por diversas fontes de pesquisa, seria o estudo das *mídias* e não da *mediação* como propõe o pensador francês. Ou seja, o grande número de traduções para o português acaba por disseminar uma falha grave no pensamento mediológico do autor. Este erro de tradução demonstra um deslocamento do verdadeiro significado da palavra Mediologia e trai o pensamento do autor, que por sua vez recusa-se a falar da comunicação enquanto ciência ou campo autônomo de estudo. Somado a isto, ainda não existem, no Brasil, estudos sobre a Mediologia e seu cruzamento com o saber comunicacional²⁷, apesar de ser abrangente o número de referências encontradas entre “midiologia”, “mídia” e Régis Debray. Essa “midiologia”, encontrada em numerosas fontes de pesquisa²⁸, carrega uma significação totalmente rejeitada por Debray que é o estudo da *mídia* e da *comunicação*. Como, anteriormente, ele afirma que o pensamento comunicacional não constitui um campo autônomo e consistente, passível de estabelecer uma disciplina específica, sendo um prolongamento particular, tardio e invasor no estudo da mediação.

A rigor, o tema comunicação está fora de minhas cogitações [...]. A Mediologia consiste em substituir uma palavra por outra. “Comunicação” por “mediação”. Dir-me-eis que trabalhar quinze anos para conseguir tal resultado é muito pouco. Mas passar de uma filosofia da mediação implica a mudança de elemento (*Manifestos midiológicos, p.14*).

Mas não é só com o erro de nomenclatura que os estudiosos na área são obrigados a se desviar. Grande parte de suas obras não se encontra a venda nas principais livrarias do país, sendo vendidas em sua maioria em sebos ou pequenos antiquários de livros. A pouca oferta de livros no mercado e a utilização errônea do conceito mediológico representam os maiores entraves ao estudo mediológico no Brasil sendo um fator chave na explicação e justificativa de um trabalho como este, que visa explorar as relações entre a Mediologia de Régis Debray e o saber comunicacional.

²⁶ “[A mediologia] gostaria de ser o estudo das mediações pelas quais ‘uma idéia se torna força material’, mediações de que os nossos ‘meios de comunicação de massa’ são apenas um prolongamento particular, tardio e invasor. Não sendo suplemento de alma das sondagens de opinião, nem excrescência profético-mística da rubrica ‘comunicação’ dos jornais, nossa pesquisa, neste estado preliminar, não se dirige prioritariamente aos curiosos, nem aos profissionais do universo mediático – embora possa ver neles experimentadores benévolos de hipóteses de trabalho” (*Curso de midiologia geral, p. 14*).

²⁷ Vide Anexo III.

²⁸ Um exemplo de fonte on line que contém o termo *midiologia* associado ao estudo dos meios de comunicação: (www1.folha.uol.com.br/fol/cult/ult010998039.htm). Além deste, destaca-se ainda matéria publicada no site Observatório da Imprensa, pelo jornalista Alberto Dines: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/circo/cir200599.htm>, acessada em 15/11/2007.

Somado a isto, poucos foram os trabalhos acadêmicos que tratam especificamente dos fundamentos e conceituação da Mediologia. O capítulo cinco do Guia de Fontes, anexo que compõe esta pesquisa²⁹, onde foi realizada uma pesquisa minuciosa em anuários, jornais e revistas em Comunicação, de veículos impressos e eletrônicos. Neste anexo foram pesquisados textos, artigos, entrevistas, dissertações e teses que tratam da Mediologia ou mesmo tenham qualquer tipo de menção à palavra. O resultado impressiona, pelo escasso ou quase inexistente interesse dos pesquisadores brasileiros nos estudos da mediação. Dos 21 periódicos eletrônicos consultados, apenas quatro traziam textos com as palavras-chave: *Mediologia e Régis Debray*.

Um dos trabalhos investigados foi o da pesquisadora da Universidade de Brasília, Janara Kalline Leal Lopes de Sousa, responsável por realizar um estudo sobre as contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio, à luz das contribuições de Joshua Meyrowitz, teórico que organizou, deu nome e continuidade aos estudos dessa teoria. Sua pesquisa aborda os estudos mediológicos dentro da concepção dos trabalhos realizados por teóricos que utilizaram a técnica como instrumento de transformação social.

De acordo com Lopes de Sousa,

Debray se importa diretamente com o meio de comunicação e com o conteúdo da mensagem que ele veicula. O autor se ocupa tanto das produções simbólicas quanto das tecnologias comunicacionais utilizadas. [...] Na verdade, Debray se preocupa em investigar como o processo de comunicação (entendendo aí o processo de organização, coleta, arquivamento e recuperação da informação) é modificado ou proporciona a modificação das atividades simbólicas de uma comunidade. O mediólogo sai em busca de informações sobre a importância dos meios de comunicação e do conteúdo que estes veiculam nas sociedades (SOUZA, 2003, p. 57).

O que Debray propõe com a Mediologia é um setor de pesquisas voltado ao estudo dos fatos de transmissão simbólica que mais marcaram a humanidade. Ele insere a pesquisa mediológica nos estudos dos mecanismos de suporte e formas de transmissão que se configuram em transformações do real, o que exclui os *mass media* e os processos comunicacionais, que para ele nem se configuram enquanto campo legítimo de conhecimento.

A preocupação deste trabalho, portanto, é esclarecer a relação entre a Mediologia e a Comunicação, colocando em primeiro lugar, questões que dizem respeito ao que é a Mediologia e suas reais relações com o campo comunicacional. Como foi visto no capítulo anterior, Régis Debray não demonstra familiaridade com os fundamentos da Comunicação e

²⁹ Vide Anexo III: Guia de Fontes.

tampouco oferece explicações convincentes à exclusão da Mediologia do escopo de estudos comunicacionais.

3.1 “Mídia” e “Mediologia”

No Brasil, são inúmeras as publicações que se destinam a tratar de um termo falacioso relacionado à Mediologia. Disseminada nas traduções das obras para o português, divulgada em sites de pesquisa na internet e repetida em seminários e colóquios, a “midiologia” está longe de tratar das reais implicações de Régis Debray ao fundar o estudo sobre as formas simbólicas de transmissão. Tampouco, a palavra faz parte do dicionário do autor francês. “Mediologia” é empregada como o estudo das “mídias”³⁰, dos meios de comunicação de massa, da imprensa ou do jornalismo. A confusão é tamanha com relação a tal “midiologia” que é possível encontrar citações referentes a qualquer um dos campos acima citados, sendo atribuídas à “midiologia”. Mas como surgiu este erro tão grave e recorrente na obra do autor em suas traduções para o português? Sua invenção não tem nada de novo. Encontra fundamento em um outro termo bastante conhecido e disseminado por alguns estudiosos da comunicação, a palavra “mídia”.

Assim como a “mídia”, a “midiologia” deriva da expressão americana *mass media*, os quais canadenses e americanos construíram a partir do latim *medivs*, *media*, *médium*. Etimologicamente, a palavra correta é *media*. Americanos e canadenses vieram buscar no latim, que não está na base da língua deles, mas da nossa, a raiz para a construção do termo e como explica Ciro Marcondes Filho (2002, p.25), nada mais natural para nós, como língua neolatina, seguirmos nossa tradição lingüística, da mesma maneira que fizeram os portugueses e espanhóis e mantermos a palavra *media*. Mas o maneirismo brasileiro, que tudo adere aos modismos e americanismos de primeiro momento, resolveu abrigar o termo e criou a palavra “mídia”.

O espírito do brasileiro, ao estilo Macunaíma, ávido em copiar [americanismos], correu para abrigar a expressão americana e o ridículo de tudo isso, é que se apropria de forma ignorante, transcrevendo a pronúncia que eles dão ao termo latino (MARCONDES FILHO, 2002, p.25).

Entretanto, além deste aporuguesar da palavra *media*, contamos com um erro talvez ainda mais grave, já que a palavra *media* é um termo da nossa filiação lingüística e a

³⁰ MELO, José Marques de. *A esfinge midiática*. São Paulo: Paulus, 2004.

pronuncia deveria também ser nossa, derivada do latim. Se fosse um termo americano ou canadense não seria de se estranhar que o adotássemos devido a pronuncia, afinal não é de hoje que o Brasil adota uma série de termos anglo-saxões, germânicos e etc. pela maneira de se pronunciar. Mas o erro logo foi incorporado ao linguajar de teóricos da comunicação que acabam por disseminar o trocadilho. Se formos analisar de que forma a palavra é escrita em outros países veremos que os alemães falam: *massenmedien*, os franceses: *médias*, os portugueses: *media*. A raiz da palavra é a mesma em todos os casos e caberia a nos adotarmos esta postura, que não representa senão um caso legítimo de palavra advinda do latim. A palavra “mídia” é como afirma Ciro Marcondes Filho, uma invenção grotesca,

construção espúria [...] Tudo menos científica. É preciso rever tudo se quiser se fazer respeitar internacionalmente no campo da comunicação [...] Nunca é tarde para se corrigir esse erro que apesar das advertências teimosamente insiste em se manter (MARCONDES FILHO, 2002, p.25).

O que Ciro Marcondes Filho afirma é que esta invenção brasileira resulta em algo falacioso, que para alguns teóricos é uma verdadeira ofensa ao estudo dos meios de comunicação de massa e do próprio campo. Ao lado da impropriedade na tradução do termo que é utilizado por alguns pesquisadores da comunicação, é visto ainda casos como a utilização de termos como “a mídia televisão”, que traduzido seria o mesmo que dizer: “os meios de comunicação televisão”. O correto seria afirmar, a televisão, um jornal, a internet, uma peça publicitária representa um *médium*. Em seu conjunto, são responsáveis por formarem *os media*. Classificação arraigada e também encontrada na obra *Manifestos midiológicos*, quando Debray explicita o conceito do termo *médium*:

Vamos chamar de “médium”, no sentido pleno, o sistema *dispositivo-suporte-procedimento*, ou seja aquele que, organicamente, é posto em movimento por uma revolução mediológica. [...] Ao pequeno sistema suporte-dispositivo que faz o médium corresponde o grande sistema médium-meio, complexo sociotécnico que constitui o objeto peculiar da Mediologia positiva, histórica. “Meio” é mais do que decoração ou espaço externo de circulação: condiciona a semântica dos vestígios pelo viés de uma organização social (*Manifestos midiológicos*, p.23).

Este “dispositivo” o qual Debray também denomina *médium* significa um vetor ou canal por onde as transformações simbólicas tomarão corpo. Os movimentos sociais não são capazes de se proliferar sem um *médium* respectivo que dê suporte a esta demanda. É o caso da criação do Império Romano que atravessa todo o poder contido na construção das estradas, estas responsáveis por abrir caminho ao simbólico. Sinônimo do *médium* empregado por Debray, está o *médium* no campo dos estudos comunicacionais. A palavra adquire para nós sentido similar ao de dispositivo, uma espécie de plataforma de operações, que servirá para

transportar uma mensagem. Por exemplo, uma peça publicitária que carrega consigo informações sobre a mensagem que será transmitida, ou mesmo a televisão, também outro exemplo de *médium*. Da mesma maneira, outros suportes comunicacionais agem como *médium* ao transportar mensagens no tempo e no espaço. O *médium* nada mais é do que a noção construída de dispositivo veicular.

É possível visualizar, desta forma, que a proposta de Debray, com a Mediologia, nada tem de similar a “midiologia”. Seguindo seu pensamento, nunca o estudo dos meios de comunicação de massa, ou mídias, poderia ser confundido com a pesquisa sobre as formas simbólicas de transmissão. Mas se o termo *mídia*, no Brasil, é utilizado para designar meios de comunicação de massa, os quais os portugueses sabiamente mantiveram a tradução advinda do latim como *medias*, pode-se explicar a tradução errônea do termo em francês *Médiologie* para “midiologia”, onde a raiz *médio* retirada da palavra francesa é a mesma utilizada em terras brasileiras só que descrita como *mídia* e usada como sinônimo para meios de comunicação de massa. No entanto, esse aportuguesar lingüístico, utilizado no Brasil não faz sentido algum quando se trata da obra de Debray.

Vamos resumir. Na Mediologia, “médio” não significa “mídia” nem médium, mas mediações, ou seja, o conjunto dinâmico dos procedimentos e corpos intermédios que se interpõem entre uma produção de signos e uma produção de acontecimentos (*Manifestos midiológicos*, p.28).

Em Portugal, local onde se utiliza a palavra *media*, temos o único exemplo de país lusitano onde as traduções da obra de Debray foram respeitadas e mantidas, como é o exemplo da tradução da publicação *Introduction à la médiologie* (1999), para o português: *Introdução à Mediologia* (2004), que se encontra disponível por meio de uma editora, sediada na cidade de Lisboa (Portugal). Pode-se ver que o título foi mantido de forma correta. Já no Brasil, todas as traduções de sua obra apresentam alterações de sentido devido à forma incorreta de grafar a palavra Mediologia. Os livros mediológicos de Debray, no Brasil, foram em sua maioria publicados pela Editora Vozes. São eles: *Curso de Midiologia Geral*, *Manifestos Midiológicos* e *O Estado Sedutor: As Revoluções Midiológicas do Poder*. Pode-se ver que a tradução do termo acaba por distorcer o sentido da obra. O que será analisado a seguir é uma outra utilização do termo “midiologia”, não advinda da Mediologia de Debray, mas de uma corrente que busca estudar de forma bastante vaga conceitos que vão da história da imprensa a democratização da informação. A “Midiologia Brasileira”, proposta por José Marques de Melo no livro *A esfinge midiática* é comumente citada em outras publicações do mesmo autor como veremos a seguir.

3.2 A “midiologia brasileira”: raízes de um equívoco

Assim como o enigma proposto a Édipo em uma conhecida passagem da mitologia greco-romana, os meios de comunicação de massa constituem na visão de José Marques de Melo mais que um moderno artefato simbólico, mas uma esfinge a ser decifrada. A chamada força da imprensa ou o “quarto poder” despontou como um dos maiores instrumentos de democratização do poder simbólico em circulação dentro da sociedade. São os *media*, os grandes responsáveis por atuar na “legitimação da vigilância civil diante do aparato governamental”, mas acima de tudo, os profissionais e os meios de comunicação de massa atuam contra a exclusão comunicacional, que ainda deixa à margem tantos cidadãos (Marques de Melo, 2004, p.11). É justamente com a explicação sobre como é possível alterar o mapa da exclusão comunicacional e de que forma transformar uma possível realidade injusta, que o autor contextualiza a fundação da “midiologia brasileira” e abre as primeiras linhas do seu livro, que leva o mesmo nome do objetivo traçado por ele: decifrar o enigma comunicacional por meio da luta simbólica contra a exclusão de indivíduos e o pauperismo cultural das massas. *A esfinge midiática* (2004) é apresentada como uma obra que tenta mostrar de que maneira é possível lidar com a exclusão informacional. Um destes caminhos seria com a popularização das informações por meio dos veículos de comunicação de massa e a resposta para *A esfinge midiática* encontra-se não apenas na divulgação irrestrita de informações ao grande público, mas na tarefa manifesta de inclusão social.

Povoando o imaginário daqueles que se devotam ao seu estudo e compreensão, nas empresas e nos governos, na academia ou na sociedade civil, a “esfinge midiática” permanece como uma ameaça capaz de “devorar” as nossas sociedades. Diante disso, não resta outra alternativa, senão esboçar hipóteses e promover pesquisas, tentando superar os temores que nos atingem coletivamente (MELO, 2004, p.21).

Contudo, é fácil perceber que a discussão sobre o poder da imprensa é muito antigo (ela remonta aos séculos XVIII ou XIX, pelo menos) e contrasta fortemente com o neologismo “midiologia”, conforme empregado na obra em questão para designar e recortar tal problemática. Muito antes da publicação de *A esfinge midiática* – e sob outros nomes (estudos de jornalismo, liberdade de imprensa), subsumidos como estudos de comunicação – temos discussões mais que seculares relacionadas à democracia, acesso e poder de transformação dos meios de comunicação. A questão é que José Marques de Melo cria um neologismo chamado “midiologia”, que teria a tarefa de abordar o estudo dos meios e principalmente estaria no cerne do debate sobre os efeitos dos meios de comunicação na

paisagem social em que vivemos. Assunto amplamente discutido pelo saber comunicacional e que compõe, senão o objeto de estudo da comunicação, constitui certamente um de seus temas principais, tema que une as diversas habilitações da área, como jornalismo, relações públicas, publicidade, rádio, marketing e outras.

Na realidade, Marques de Melo define a “midiologia” como o estudo sobre os processos de produção e difusão das mediações entre técnica e cultura, por meio das tecnologias de largo alcance, contudo, seu interesse centra-se nos atos e processos de comunicação “*mass midiáticos*”. Ora, este é o foco de pesquisa de uma corrente bastante conhecida no universo anglo-saxão, os *Media Studies*³¹. A expressão designa a pesquisa sobre os meios de comunicação, sejam eles impressos, eletrônicos ou radiofônicos, tais como a produção de conteúdo de um jornal diário. Neste sentido, a “midiologia” seria uma apropriação indébita do que no mundo anglo-saxão é consagrada pelos *Media Studies* e os fatores de impacto destes na sociedade.

Na realidade, percebe-se uma oscilação do autor entre estudos estritos sobre os meios de comunicação (*Media Studies*) e estudos mais amplos, que abarcam o social gerado em torno deles (campo da Comunicação de forma genérica): a “midiologia” brasileira trata de “conhecimentos relativos aos fenômenos comunicacionais massivos e suas inter-relações com os fenômenos da comunicação interpessoal ou grupal” (Marques de Melo, 2004, p.46). Ou seja, o que podemos ver é a criação do termo “midiologia” se sobrepõe e coincide com a área de Comunicação (do qual seria apenas um sinônimo), ou com uma de suas sub-áreas (*Media Studies* do universo inglês). De todo modo, a “midiologia” brasileira não se parece em nada com a *médiologie* de Régis Debray, a qual Marques de Melo trata por “modismo”, entendendo-a como uma corrente de estudos contrária ao protagonismo dos meios de comunicação enquanto difusores de mensagens ou significados.

[A *midiologia*] não se confunde com o modismo francês criado por Régis Debray em seu *Cours de médiologie générale* e em seus manifestos mediológicos. Trata-se de uma corrente de estudos que recusa o protagonismo dos meios de comunicação enquanto difusores de mensagens ou significados, reivindicando a primazia das mediações entre técnica e cultura, ou melhor, entre as ideologias e as tecnologias mediáticas (MELO, 2004, p.47).

Mas José Marques de Melo vai além. Em algumas passagens de seu livro ele diz ainda que a “midiologia” encontra-se dentro das pesquisas realizadas no Brasil na área de comunicação, com ênfase em jornalismo, persuasão ou entretenimento massivo. Áreas, que

³¹ *Media Studies* = Estudo dos meios.

apesar de terem em comum o mesmo objeto de estudo – os meios de comunicação – tem especificidades teóricas e de pesquisa totalmente distintas. Seria a “midiologia” uma crítica da chamada “mídia” ou uma apropriação do termo já consagrado entre os teóricos do meio por *Media Studies*? Retorno difícil de ser dado, já que a obra do próprio inventor da palavra não nos trás este tipo de esclarecimento.

Voltando-se, no entanto, para a delimitação territorial da “midiologia” e o início de seus estudos, Marques de Melo afirma: “com origem bem marcada – final do século XIX – a “midiologia” brasileira vai abarcar questões voltadas ao campo profissional e em meados do século XX englobará todos os medias”. Se colocássemos a “midiologia” em uma linha do tempo, teríamos ao final dos anos 60, a aquisição de seu perfil acadêmico, em seguida o fortalecimento dos processos mediáticos, assumindo nas décadas de 70 e 80 a fisionomia de um campo específico de estudos. Mas será somente na década de 90 que os estudos *midiológicos* ganham corpo e projetam-se no escopo dos estudos dos meios. (Marques de Melo, 2004, p.60).

Seguindo sua linha de raciocínio, os primeiros estudos *midiológicos* iniciaram-se em 1690 na Universidade de Leipzig, local da defesa da tese de doutorado de Tobias Peucer (*De relationibus novellis*) e lugar onde outros pesquisadores como Fritsch, Weise e von Stieler desenvolvem estudos sobre a natureza do jornal diário e seu impacto na sociedade alemã. Apontamento histórico, no entanto, que nada tem a ver com a “midiologia”, já que o trabalho de Peucer é reconhecido como a primeira tese em comunicação e um estudo onde o autor estava propondo uma análise do jornalismo e não dos meios ou mesmo da “midiologia”, como afirma Marques de Melo.

Segundo ele, a “midiologia” assumiria um caráter perene e um ritmo contínuo no campo das ciências humanas, refletindo a repercussão dos fenômenos dos meios de comunicação na formação da opinião pública. “A continuidade dos estudos *midiológicos* seria marcada, durante os séculos XVIII e XIX, por um ritmo intermitente, demonstrando a repercussão dos fenômenos mediáticos na construção da opinião pública” (Melo, 2004, p.45). Mas é apenas no século XX que estes estudos assumem uma formação permanente. “A *midialogia* perde o seu caráter original de estudo isolado de *medium*, convertendo-se em pesquisa comparada dos *media*, cujo pano de fundo foi o *Radio Research Project*, sob a liderança de Paul Lazarsfeld” (MELO, 2004, p.46). A pesquisa comparou o jornal e o rádio como meios de comunicação massiva e chegou à conclusão de que o uso destes veículos pelos cidadãos se fazia de maneira complementar e cumulativa. Ou seja, Lazarsfeld conclui que o estudo dos *media* pressupunha uma estratégia comparativa, por estarem imbricados em um

sistema mediático que afetada de forma igual à economia, à sociedade e à cultura. No mesmo caminho, criam-se, na Alemanha, os pioneiros institutos de *publizistik*. Nos Estados Unidos, iniciam-se as primeiras escolas de *journalism* e os centros de pesquisa em *mass communication*.

Dado o contexto sócio histórico em que se apóia, Marques de Melo constrói sua visão do que vem a ser “midiologia” intrinsecamente ligado ao nascimento dos estudos sobre os meios na sociedade pós-industrial, que acabou por motivar uma avalanche de estudos críticos e pesquisas sobre as causas e efeitos dos meios de comunicação de massa. Mas será, mais uma vez, que isto já não é o que fazem os estudiosos que abordam o campo da Comunicação ou dos *Media Studies*? Porque a preocupação em aporuguesar um termo que já teria sua perfeita correspondência em português com estudos dos meios? Por outro lado, se a “midiologia” é o estudo da “mídia”, ou equivocado termo para *médium*, recaímos no equívoco que já vimos no item anterior.

Em suma, se tanto para Mediologia de Debray como para a “midiologia” de Marques de Melo apresentam suas dificuldades conceituais, falta a esta última sustentação e análise crítica sobre o que realmente versa este assunto, acabando por ser pouco útil, como um sinônimo para expressões já consagradas, as quais não consegue substituir, nem tampouco demonstra qualquer vantagem.

O trabalho de Régis Debray encontra-se muito mais ligado ao exame do processo comunicacional mediado pelos meios de comunicação do que simplesmente a um estudo da “mídia” e de comunicação de massa – como é sugerido em diversas fontes de pesquisa analisadas³² – e que, pese as dificuldades, não constituiu uma redundância, mas traz uma tentativa de abordagem original.

³² Diversas foram as fontes de pesquisa que contêm a palavra mediologia associada ao estudo das teorias da comunicação, a pesquisa em comunicação de massa, ou mesmo ao estudo da mídia. Dentre elas, destaca-se matéria publicada no site do jornal Folha de São Paulo, Folha Online: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/cult/ult010998039.htm>.

4. Mediologia e saber comunicacional

4.1 Transmitir ou comunicar?

Ao deparar-se pela primeira vez com a palavra Mediologia, muitos poderão relacioná-la diretamente com o estudo dos meios de comunicação de massa, ou mesmo com o conjunto de teorias que regem o saber comunicacional. Dedução fácil e equivocada. O estudo e interpretação concernentes aos fenômenos comunicacionais, as teorias que integram o campo ou mesmo os meios de comunicação de massa estão longe de ser o objeto de estudo mediológico ou uma real preocupação para Régis Debray. Seu pensamento centra-se no estudo das *mediações*. Mas o que isto significa exatamente? Sua tese principal consiste em substituir a palavra “comunicação” por “mediação” e desta forma valer-se de uma importante mudança de elemento que coloca a comunicação totalmente fora de suas pesquisas ou mesmo do seu interesse intelectual.

À primeira vista, uma disciplina é definida pelo seu *objeto*, e ter-se-á então a tentação de dizer: “A Mediologia é o estudo dos media”, o que seria um grave equívoco, pois, como lembrava recentemente o historiador das técnicas André-Georges Haudricourt: “Na realidade, o que caracteriza uma ciência, é o ponto de vista e não o objeto” (*Introdução à Mediologia*, p.11).

E é justamente o ponto de vista comunicacional ao qual Debray – ora ignora, ora se contrapõe – ao longo de suas quatro obras mediológicas analisadas nesta pesquisa (*Curso de midiologia geral*, 1993; *Manifestos midiológicos*, 1995; *Transmitir: o segredo e a força das idéias*, 2000 e *Introdução à mediologia*, 2004). Na prática, a visão do autor está focada no conceito transversal do ato de *transmitir*, onde é possível imprimir à humanidade sua herança cultural, valores, bens e capitais. Transmite-se o fogo sagrado, os grandes segredos de família, de Estado, do partido, dos deuses, da natureza. Transmite-se para ele, tanto idéias quanto o poder pontifical. Tanto forças quanto formas. Comunica-se, em contrapartida, sem limites. Comunica-se, pelo contrário, qualquer coisa, tendo a semântica da comunicação apenas a utilidade de fazer conhecer, fazer saber. O termo comunicar adquire um viés bem mais superficial e resumido que sua prima-irmã, a transmissão e atua essencialmente como o transporte de informações no espaço, enquanto a transmissão é capaz de transportar idéias através do tempo e das gerações.

A nosso ver, esse *termo cancerígeno*, como metástase tão galopante quanto incontrolável, não peca somente por uma indevida *extensão* de sua utilização a tudo, sem qualquer discriminação, mas por impropriedades intrínsecas, em sua própria *compreensão*; tal situação levou-nos, pouco a pouco, a dar um estatuto peculiar aos fatos de transmissão (*Manifestos midiológicos*, p.58).

Encontra-se aí a diferenciação colocada por Debray entre transmissão e comunicação. A primeira será tratada como um termo regulador, onde se transmitem bens, idéias, capital. E a segunda, como um simples fazer conhecer, fazer saber. Mas a diferenciação do autor vai além. A comunicação, enquanto tal, se mostra como uma rede responsável por religar um emissor a um receptor, presentes em duas extremidades da linha. Já para a Mediologia, a transmissão se mostra como o arrimo luminoso, algo que vai ordenar presente e passado, articular o efetivo ao virtual. A transmissão para ele, portanto, é algo que vai além do simples fato de comunicar. É fator chave para a perpetuação de vários movimentos sociais importantes, como: o cristianismo, o protestantismo, o liberalismo, o socialismo e não apenas atuou como sua vizinha “tacanha, burguesa ou em todo caso, tardia comunicação” (*Manifestos Midiológicos*, p.60), pois esta seria entendida como demasiado superficial para gerar os fenômenos de transmissão de herança e valores culturais atribuídos aos fenômenos citados.

A primeira [comunicação] é pontual ou sincronizante – trata-se de uma trama: uma rede de comunicação religa, sobretudo contemporâneos – um emissor a um receptor, presentes nas duas extremidades da linha. A segunda [transmissão] é diacrônica e caminhante – trata-se de uma trama – além de um drama – ela estabelece ligação entre os vivos e os mortos, quase sempre na ausência física dos “emissores” (*Transmitir*, p.15).

Segundo ele, os homens comunicam-se em um horizonte individualista imposto pelo processo comunicacional. Ato que se opõe ponto a ponto à natureza militante da transmissão, responsável por garantir status bem mais seguro ao patrimônio simbólico da humanidade. A oposição colocada pelo pensador francês entre *transmissão* e *comunicação* reforça a idéia de exclusão desta última do escopo formador das ciências humanas e é frequentemente colocada com não pertencente a um campo autônomo de conhecimento.

A Mediologia para Debray representa, além do estudo das formas simbólicas de transmissão, uma ciência sobre o *transmitir*. Na prática, o autor francês utiliza-se deste conceito como parte capital de sua teoria, que inclui os mecanismos de transmissões como responsáveis pelo processo gerador das grandes idéias sociais.

Desta maneira, o transmitir é parte intrínseca e fator capital para o estudo das *mediações*, tese principal do pensamento de Debray. Quando substitui a palavra

“comunicação” por “mediação”, Debray passa de uma filosofia da comunicação para uma filosofia da mediação, onde “o mediador substitui o mensageiro”. Seu pensamento se move focado em uma problemática de pesquisa dicotômica entre *comunicação* e *transmissão*, colocando os meios de comunicação contra a cultura; a cultura de massa contra valores simbólicos transmitidos ao longo dos séculos pela humanidade. Estes apenas poderiam ser transmitidos pelas valiosas forças da técnica e transmissão de idéias, mas colocados totalmente fora do escopo da comunicação. Assim, é visto que comunicação e mediação são fatores incongruentes, segundo o pensamento do autor. “O transporte da trama memorial de uma civilização através das épocas não foi feito pelos *mass media*. Nem as doutrinas de ontem ou os saberes de hoje parecem ser levados em consideração pelos pressupostos da ‘comunicação’ ” (*Manifestos midiológicos*, p.61).

Mas, além de creditar tamanha superficialidade ao ato de *comunicar* e distanciá-lo do *transmitir*, como Debray define o pensamento comunicacional? Debray centra-se na trajetória do matemático Claude Elwood Shannon, tido como o pai da Teoria da Informação, cujos trabalhos objetivavam aperfeiçoar e avaliar os custos das mensagens telefônicas. O que explica seu olhar bastante limitado sobre a formação dos processos e fenômenos comunicacionais.

Ser-nos-á perdoado o fato de lembrar que Shannon, o pai da teoria da informação, que criou um quadro matemático rigoroso para avaliar o custo de uma mensagem era um empregado da Bell Telephone Co? Isso evidentemente, não altera o valor científico de seus teoremas, mas sugere-nos a limitar suas extrapolações ao universo mecânico (*Manifestos midiológicos*, p.59) ³³.

Para ele, a história das teorias da comunicação aparece como a conjunção de duas extrapolações, intelectual (lingüística) e material (telefônica). Seguindo seu raciocínio, o termo comunicação estaria no cruzamento de conhecimentos lingüísticos e técnicos e exclui qualquer possibilidade de integração com a Mediologia por apenas tratar-se de algo superficial, já que o conhecimento comunicacional é demasiado genérico. A semântica da comunicação opõe-se sobremaneira ao material mediológico.

³³ A citação de Régis Debray faz referência ao modelo de Shannon-Weaver sem mencionar o último autor, comumente citado nas Teorias da Comunicação. “A origem do modelo encontra-se nos trabalhos de engenharia das telecomunicações: Escarpit (1976) caracteriza três momentos fundamentais: um estudo de Nyquist, de 1924, sobre a velocidade de transmissão das mensagens telegráficas; um trabalho de Hartley, feito em 1928, sobre a medida da quantidade de informação e, por fim, o esboço publicado por Shannon-Weaver, em 1948, no *Bell System Technical Journal*, a respeito da teoria matemática da informação, que é essencialmente uma teoria sobre a transmissão ideal das mensagens. A transferência de informação efetua-se da fonte para o destinatário, enquanto a transferência da energia vetorial ocorre do transmissor ao receptor. Esse esquema constitui uma presença constante nos estudos de comunicação” (*Teorias das comunicações de massa*, p.109).

A passagem de informações por meio de um telégrafo, um aparelho fotográfico, ou mesmo um raio hertziano, como cita Debray resume o que significa, para ele, a Teoria da Informação e mais ainda o que define enquanto saber comunicacional. Desta maneira, a comunicação seria muito mais um estudo das ciências do sinal, por meio do qual a essa suposta comunicação torna-se tecnicamente possível. “Trata-se nem mais nem menos, da variação de uma grandeza física – uma tensão em uma linha telefônica, uma ondulação de ondas hertzianas, etc” (*Curso de midiologia geral*, p.58).

Aqui se trata da tese de que de uma grandeza física realizada por meio de uma tensão em uma linha telefônica ou mesmo por ondas hertzianas pode resumir o que é comunicação e dar conta de toda a grandeza do campo.

Telégrafo, aparelhos fotográficos, meios de transporte, raios hertzianos, realidade virtual – ao longo do século, a cidadela sociológica parece alijar-se, de bom grado, desses *metecos*, remetendo-os às “ciências da comunicação”, bazar considerado aberto para receber qualquer coisa (*Transmitir*, p.112).

Mas é fácil compreender a preocupação de Debray face à pouca consistência do saber comunicacional e sua tentativa de desmarcar a Mediologia deste campo de estudos como veremos a seguir.

Em passagens de sua obra, ele expõe que a comunicação é apenas uma invasão tardia, tacanha e burguesa. “Colocar a Mediologia entre *Media Studies*: seria tão sagaz quanto colocar o estudo do inconsciente entre as ciências ocultas” (*Transmitir*, p.21). Tal equívoco, segundo ele, poderia provocar a desgraça de toda teoria mediológica. Desta maneira, Debray nega à semântica da comunicação e a opõe, ponto por ponto, ao material mediológico. Mas somado a crítica aos meios de comunicação, é nítido que Debray avalia a questão da definição do campo comunicacional como sinônimo ao estudo da Teoria da Informação. Para ele, as grandes heranças da humanidade não foram difundidas pela comunicação e menos ainda conseguiram ser transmitidas ao longo dos séculos por fio, cabo ou ondas hertzianas. Assim, o autor não apenas reafirma o que pensa acerca do pensamento comunicacional, como também demonstra pouco ou nenhum conhecimento sobre o que representa a formação de processos e fenômenos comunicacionais.

A visão de Debray em outras passagens de sua obra mediológica, também evidencia certa confusão entre o ato de comunicar, a Teoria da Informação e a cultura de massa. A comunicação para ele adquire a definição, de “rampa de lançamento”, e de “psicologia interindividual, onde um emissor e um receptor atuam na experiência principal que é o ato de interlocução” (*Introdução à mediologia*, p.12), obtendo um caráter estritamente técnico e

atomizado. Mas será que a comunicação seria também para Debray a relação entre emissor e receptor em um diálogo onde um receptor passivo e incapaz de reagir recebe informações de um emissor ativo que produz determinado estímulo? A resposta neste caso é positiva e baseia-se na premissa de que sua percepção concernente ao que é comunicação, coloca este saber de forma estritamente mecanicista, instantâneo e quase sem nenhuma amplitude de efeito. Quando faz referência à comunicação, Debray baseia-se ou na Teoria da Informação – onde a transferência de informação efetua-se da fonte para o destinatário e a transferência de energia do emissor para o receptor – ou ainda no modelo proposto pelo cientista político da Universidade de Chicago, Harold D. Lasswell³⁴, em 1948, que teorizava acerca de “processos comunicativos assimétricos, onde um emissor ativo produz o estímulo e uma massa passiva de destinatários, ao ser atingida pelo estímulo, reage” (Wolf, 2001, p. 30).

Na origem da *Mass Communication Research*, o livro de Lasswell, *Propaganda Techniques in the World War*, extrai lições de guerra do período de 1914 a 1918. Segundo o autor, os meios de difusão surgiram como instrumentos indispensáveis para a “gestão governamental das opiniões” (Mattelart e Mattelart, 2003, p.36). Sua abordagem foi responsável por delimitar um marco claro de representação dos meios, tida para o teórico como uma ferramenta bastante eficaz na circulação de signos. Na prática, o que Lasswell tenta mostrar é que a audiência do pós-guerra, nada mais é do que uma massa manipulável de indivíduos que obedece cegamente ao estímulo-resposta. Idéia de um alvo amorfo, também, compartilhada por Debray em uma série de citações em sua obra, mas neste caso dirigindo-se ao sentido do saber comunicacional.

Estimulada pelos meios de que assegura o suplemento da alma por intermédio de um constante intercâmbio de celebrações e de serviços, a comunicação tornou-se uma ideologia alimentando as mitologias da escuta, da transparência e da compreensão mútua necessárias à lubrificação dos motores econômicos e da consciência tranqüila de todos. É com toda a evidência a vulgata do liberalismo triunfante – com a nossa antiga “sociedade de consumo” a rebatizar-se, aliás, de “comunicação” (*Introdução à mediologia*, p.157).

É impossível não notar que a idéia de Debray sobre a comunicação é muito restrita, focada em paradigmas antigos, encontrados em autores como Harold Lasswell, em suas análises das estratégias de propaganda das grandes potências (Eixo, Komintern da ex-União Soviética). Foi com a publicação de *World Politics and Personal Insecurity* que este último propõe o estudo contínuo dos meios de comunicação e a elaboração de marcadores que iriam

³⁴ Ver WOLF, M. O modelo de Lasswell e a superação da teoria hipodérmica. In: *Teorias da comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 29-33.

revelar para onde caminhava a atenção mundial. “Isto é, os elementos que moldam o ‘ambiente simbólico mundial’ e a elaboração de políticas (*policy-making*)” (*apud* Mattelart e Mattelart, 2003, p.39). Essa tradição de pesquisa voltada para os efeitos considera três funções principais no processo comunicacional:

a) a vigilância do meio, revelando tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade ou as partes que a compõe; b) o estabelecimento de relações entre os componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio; c) a transmissão da herança cultural (*apud* Mauro Wolf, 2005, p.12).

Aqui aparece uma diferença importante, pois para Debray, a herança cultural não seria capaz de ser passada às gerações pela comunicação e estaria incluída no rol de atribuições dos fatores de transmissão simbólica. Entretanto, é possível notar que sua visão de comunicação é um tanto limitada. Para ele o pensamento comunicacional se restringe a discussões, bem datadas, sobre o produto dos meios de comunicação e da cultura de massa. Sua visão sobre a problemática comunicacional tem por base o debate dos anos 40 e 50, em torno de duas correntes bastante conhecidas: o Funcionalismo estadunidense e a Teoria da Informação. O que, em parte, explica suas críticas.

Nesta linha de pensamento, o indivíduo possui papéis claros, pré-determinados, tanto para o comunicador quanto para o destinatário. Este último, na maioria das vezes, é responsável pelo recebimento de informações de maneira acrítica, não expressando nenhum tipo de opinião sobre elas. Deste modo, a abordagem comunicacional colocaria os indivíduos em um contexto social de isolamento e o efeito comunicacional não levaria em conta as relações sociais, situacionais, nem mesmo a cultura. Os efeitos da comunicação, para Debray, dizem respeito a destinatários atomizados, diferentemente do processo de transmissão, que conta com a participação de sujeitos ativos e capazes de gerar seu patrimônio cultural e imemorial às gerações seguintes por meio de formas simbólicas de transmissão.

4.2 Uma tensão a ser resolvida

Mas se a Mediologia, de acordo com a visão de Debray não é o estudo da comunicação, então o que é? Ao desmembrar a palavra Mediologia, *medio* designa em primeira abordagem, o conjunto, técnica e socialmente determinado dos meios simbólicos de transmissão e circulação. Conjunto, que na visão do pensador, supera e precede os meios de

comunicação de massa contemporâneos, formados por veículos impressos, eletrônicos, radiofônicos e televisivos. Meios, estes, que ele aproveita para utilizar como conceito central de comunicação. “[...] Meios de informação ainda unilaterais, chamados sem razão de ‘comunicação’ - que supõe retorno, encontro, *feedback*”. (*Curso de midiologia geral*, p.15). E *logia* que vem do grego *Logos*, cuja tradução usual é saber, estudo, conhecimento, palavra, linguagem, tornando-se, desta forma, crucial para o saber mediológico, esta divisão quase que obrigatória entre a Mediologia e o saber comunicacional. Além de uma tensão claramente estabelecida entre os dois termos, não foram poucas as fontes de pesquisa, onde o autor deixa bastante claro sobre o que pensa acerca da comunicação e porque a coloca de fora do escopo formador da Mediologia. Ao analisar as quatro obras mediológicas de Régis Debray foi possível observar que, ao longo destes volumes foi dedicado pelo menos um capítulo, em cada obra, para demonstrar porque a Mediologia não versa sobre o saber comunicacional.

Se prestarmos uma atenção minuciosa, nenhum dos problemas levantados aqui [estudo das tecnologias da crença] é suscetível de ser pensado segundo as categorias já definidas da “comunicação” (*Manifestos midiológicos*, p.58).

Assim, em *Manifestos midiológicos*, ele inicia sua definição, sobre o que é comunicação e afasta qualquer hipótese de aproximação com o saber comunicacional. Mas apesar de afirmar com veemência não tratar da comunicação ou mesmo ignorá-la por completo, será que é possível traçar condições para sua aproximação com o pensamento comunicacional? Debray além de deixar claro que não trata da comunicação em uma série de passagens de sua obra mediológica, também transcreve ao leitor o que ele acredita que seja comunicação. Cabe a nós, em um primeiro momento, nos questionarmos se a concepção que Régis Debray tem acerca da comunicação corresponde a toda realidade que envolve os fenômenos e processos comunicacionais e se realmente é possível, segundo ele, que o pensamento e campo comunicacional possam se estruturar enquanto ciência e fonte de conhecimento autônomo?

De fato, seu pensamento coloca a comunicação totalmente fora do escopo das ciências humanas e na linha contrária à formação de um saber autônomo, regido pelas Teorias da Comunicação. Vemos que, mesmo constantemente tratando de temas próprios a este pensamento, Debray reage de forma negativa a toda e qualquer assimilação da Mediologia à comunicação.

Daniel Bounoux, por outro lado, incorpora à história das novas tecnologias e da transmissão simbólica a formação do pensamento comunicacional, na medida em que:

Podemos defini-la [a Mediologia], como o estudo das relações entre fatos de comunicação e de poder, ou da influência (complexa, não mecânica) de uma inovação mediática sobre um movimento intelectual (BOUGNOUX, 1994, p.17).

Fator, no entanto, totalmente negado por Debray, que não deixa de fugir a postura céptica, na medida em que nega à Comunicação o postulado de ciência. Sua visão, apresenta grandes contradições quanto aos fenômenos relativos à Comunicação e seu objeto de estudo. Debray coloca a Comunicação enquanto fenômeno destinado unicamente a entender um processo mecânico de passagem de uma informação por meio de uma linha telefônica. De acordo com ele, a Comunicação não tem fundamentos nem teoria dominante. Seria uma interpolação matemática e lingüística.

A “comunicação”, tal como se tem apresentado há meio século, incluindo as críticas, assemelha-se bastante à conjunção de duas extrapolações, intelectual e material: lingüística e telefônica. Ser-nos-á perdoado o fato de lembrar que Shannon, o pai da teoria da informação, que criou um quadro matemático rigoroso para avaliar o custo de uma mensagem, era um empregado da Bell Telephone Co? Isso evidentemente, não altera o valor científico de seus teoremas, mas sugere-nos a limitar suas extrapolações (ao universo mecânico). Não é diferente que na França, a administração das telecomunicações tenha sido a principal fonte de financiamento e apadrinhamento dos estudos a respeito da comunicação – congressos, seminários, cursos superiores, revistas e publicações (*Manifestos midiológicos*, p.59).

Ele acrescenta que o pensamento comunicacional não constitui um campo autônomo e consistente, passível de estabelecer uma disciplina específica, sendo um prolongamento particular, tardio e invasor no estudo da mediação. Mas o problema em jogo é a autonomia da disciplina. Debray nega à comunicação um estatuto de ciência ou de saber independente por meio da negação constante do pertencimento da comunicação ao quadro formador das ciências humanas, como por exemplo, a sociologia, antropologia, história e a psicologia. Estas, responsáveis por ocupar o papel de formadoras da base do pensamento mediológico. E isto fica bem claro durante a leitura do quinto capítulo do livro *Introdução à mediologia* e na primeira parte de *Manifestos midiológicos*, lugares onde ele marca a retirada da comunicação do rol formador das ciências humanas e afirma porque esta não merece lugar em sua obra. Para fundamentar sua afirmativa, Debray se debruça sobre os conceitos chaves de cada disciplina e demonstra como a Mediologia carecia de uma carta de identidade, que se diferenciasse do que estava sendo apresentado pelos atuais domínios universitários. Tal documento, no entanto, ignorou ou mesmo, descartou por completo a possibilidade de uma

aproximação com a comunicação, que sequer teve a preocupação de citar o termo nesta lista de domínios.

A meu ver, os meios não constituem um campo autônomo e consistente, passível de estabelecer uma disciplina específica: não somente porque, superdeterminados, conglomeram uma multiplicidade de determinantes, econômico, técnico, político, cultural, ideológico, etc. – aliás, esse é o caso de qualquer processo de transmissão – mas porque não passam de uma variação particular, inflada e derivam de uma questão de princípio global e permanente (*Manifestos midiológicos*, p.22).

Segundo ele, o termo comunicação conheceu em nossa época um enorme enriquecimento e prossegue em seu raciocínio com a afirmativa de que a Mediologia deve ultrapassar o horizonte do comunicar para chegar ao continente do transmitir, eliminando desta forma, um de seus maiores obstáculos epistemológicos, que é a proximidade com o campo comunicacional. Sua explicação, no entanto, deixa lacunas e baseia-se na afirmativa de que a comunicação tem um caráter instrumental e é composta apenas por ferramentas que serviriam para passar simples informações, atendendo a interesses de grandes corporações mercantilistas.

A *COM* [comunicação] interpela as empresas, a *TRANS* [transmissão] as instituições e, numa sociedade de mercado, não tem o mesmo peso na balança. A *COM* é transportada pelas camadas ascendentes que são os publicitários, consultores de comunicação política, recursos humanos, marketing, jornalistas de rádio e televisão, conselheiros de imagem. Estimulada pelos medias de que assegura o suplemento da alma por intermédio de um constante intercâmbio de celebrações e de serviços, a comunicação tornou-se uma ideologia alimentando as mitologias da escuta, da transparência e da compreensão mutua necessárias à lubrificação dos motores econômicos e da consciência tranqüila de todos. É com toda a evidencia a vulgata do liberalismo triunfante – com a nossa antiga “sociedade de consumo” a rebatizar-se, aliás, de “comunicação”. Por sua vez, profissionalmente a transmissão só respeita as classes do conhecimento, do saber-fazer e das tradições (*Introdução à mediologia*, p.157).

Desta forma, vê-se que além de não oferecer explicações convincentes sobre a retirada da comunicação do escopo formador das ciências humanas, ele ignora a existência de um pensamento comunicacional, regidos pelas Teorias da Comunicação e por fenômenos e processos comunicativos, para guiar-se em uma crítica sobre o fazer mercantilista de empresas que abastecem à sociedade de consumo.

O autor coloca o pensamento comunicacional com um alcance que vai até o fazer realizado pelos meios de comunicação de massa e procura dar conta deste universo citando os fenômenos comunicativos enquanto algo que se compõe apenas por informações difundidas

pela imprensa, pelo rádio ou pelo audiovisual. Segundo ele, estes são os meios utilizados pelo homem para *comunicar* e fazer falar ao mundo as informações da atualidade. Do outro lado, e, ocupando posição bem mais nobre, está o *transmitir*, mecanismo responsável por difundir, através das gerações, o que vivemos, cremos e pensamos de forma que todo o universo simbólico que nos cerca, não morra conosco. Vê-se que Régis Debray tem em vista um objeto de estudo para a Mediologia muito diferente daquele do saber comunicacional. Mas será que o autor não está baseando seu pensamento em um conceito um tanto particular, limitado, ou até mesmo errôneo acerca do que realmente versa a comunicação e utilizando-se disto para excluir a Mediologia do campo comunicacional?

Esta pergunta pode ser respondida de forma afirmativa e serve para explicar ainda o tom disperso e cético de Régis Debray ao definir Mediologia dentro da problemática que envolve a pesquisa e estudo acerca do pensamento comunicacional. Assim também, é possível ressaltar sua definição equivocada sobre a fundamentação teórica do campo, enquanto extensão da Teoria da Informação e, em outras passagens de sua obra, do esquema de Lasswell. Ambos, sistemas incluídos no rol de escolas comunicacionais que surgiram no início do século XX.

4.3 Problematização com o campo da Comunicação

Será que a visão equivocada de Debray sobre a comunicação constitui uma atitude isolada entre os pensadores que compõe o cenário intelectual da atualidade e realmente serve para reforçar a pouca noção constituída de comunicação enquanto saber autônomo? De fato, a diversidade e fragmentação do campo comunicacional contribuem para a falta de reflexão epistemológica a respeito do que é comunicação e quais seriam as teorias que regem o campo. A multiplicidade de novas teorias aplicadas e doutrinas que viram moda e *prêts-à-penser*, como bem definiram Armand e Michele Mattelart,

reforçam a impressão de frivolidade do objeto de estudo referente ao saber comunicacional. Talvez, mais nesse campo de conhecimentos do que em outros, seja forte a ilusão de pensar que se possa fazer tabula rasa dessa sedimentação e que, nessa disciplina, diferentemente de todas as outras, tudo está por ser criado (MATTELART, 2003, p.11).

Para Daniel Bounoux, a condição da Comunicação não deixa de ser diferente do que pensam autores interdisciplinares. Segundo o autor, sua formação se dá sob vários saberes e

seu objeto está na interseção de diversas disciplinas. Assim, como ele formula sua explicação mediológica: “Esta disciplina bastante recente é construída a partir de diferentes horizontes do saber” (BOUGNOUX, 1994, p.17). Ele também acredita que a Comunicação não poderia ascender ao estatuto de ciência, já que resiste às tentativas de torná-la uma área fechada, pela falta de precisão acerca de seu objeto, pela possibilidade disciplinar, de pesquisa e da pouca concordância sobre seus fundamentos metodológicos. Mas ele confere a estes fatores a principal riqueza da Comunicação já que suas características permitem que ela transite por outros campos de estudo sem se fixar em nenhum deles.

Ao concordar com o estado de grande fragmentação do campo comunicacional, Bognoux lhe confere, entretanto, um caráter positivo, no sentido em que vê nesta ciência uma das premissas de resistência às tentativas prematuras de fazer da ciência um saber fechado, universitário ou profissional. A comunicação “é uma disciplina desconfortável para o estudante se este espera um programa, objetos ou perspectivas” (BOUGNOUX, 1999, p.14).

Seu pensamento se apóia em proposições epistemológicas utilizadas em outras áreas de saber, como a Filosofia, que compensa a ausência de fundamentos ou de teoria dominante. Sua “missão” seria a de circular entre os saberes e questionar estes últimos. Na verdade, o que Bognoux propõe nada mais é que a justificativa para a desajeitada pluralidade de teorias que surgem no escopo do saber comunicacional e muitas vezes são confundidas com estudo da realidade social, responsável por abarcar variados tipos de conhecimento relativos às humanidades e que, com frequência, não deixa de ser tomado como objeto de estudo comunicacional.

Luiz C. Martino avalia que a dificuldade de delimitar com precisão o domínio do objeto de estudo comunicacional parece ser o centro sobre o qual gira a problemática epistemológica da área e seu principal contraponto enquanto estabelecimento de uma disciplina autônoma.

As razões para isto são de ordem diversa. Elas se encontram presentes na própria origem da problematização da comunicação no século XX, cuja variedade de abordagens abarca dimensões que vão desde a natureza do processo, até a diversidade das correntes de pensamento, com suas diferentes escolas e modos de problematização, passando pela sobreposição com outras problemáticas, mais bem definidas e que contam com tradições de pesquisa estabelecidas em disciplinas já consolidadas (transmissão da cultura, formação de subjetividade, dinâmica dos processos sociais, processos intersubjetivos...), sem falar, é claro, dos

problemas políticos e de interesses diversos relativos à divisão dos saberes e sua institucionalização (MARTINO, 2003, p.57).³⁵

O que Martino assinala é uma melhor definição quanto ao domínio de estudos da comunicação, como forma de atuar contra a corrente fragmentada, múltipla e principalmente com pouca ou nenhuma sistematização dos conhecimentos que atuam na área. Para Francis Balle, a comunicação varia entre a técnica e a ciência, dando ao campo caráter tão fragmentado que poderia ser comparado a uma “colcha de retalhos” (BALLE, 1992, p. 44). O autor chama atenção para a pluralidade de disciplinas que levam qualquer pessoa que se aventure pelo tema a depara-se com um “saber em mosaico”. Isso se deve, segundo ele, “a inexistência de um acordo entre os pesquisadores sobre os contornos do domínio estudado” (1992, p. 45).

Nesse sentido, Bernard Miège, incorpora a lista dos que acreditam na falta de unificação do pensamento comunicacional e diz que,

embora tenha alcançado um certo nível de elaboração, que, a partir de agora, lhe permite apreender a complexidade dos fenômenos que pretende abordar, o pensamento comunicacional não está unificado, nem pronto para se apresentar como tal (MIÈGE, 2000, p.129).

De fato, a posição de Miège integra o quadro dos que acreditam na falta de maturidade relativa às ciências da comunicação e a parca concordância entre os pesquisadores que compõe o campo. Mas o que representa o ceticismo frente à consistência do campo comunicacional? Não são poucos os autores que se recusam a tratar a comunicação enquanto disciplina e de forma pessimista tomam o termo comunicação (grafado em minúsculo) como sinônimo apenas de “fenômeno comunicacional” e compreendem a Comunicação (grafado em maiúsculo) como um “campo” (Martino, 2003, p.56), de estudos, constituído por abordagens heterogêneas. Posição que reforça a dificuldade em eleger um objeto de estudo que seja satisfatório ao saber comunicacional. Daniel Bougnoux ressalta ainda que o estudante que se aventura pelas veredas do saber comunicacional enfrentará, segundo as universidades e os cursos, programas sensivelmente diferentes; quanto aos professores e pesquisadores.

Cada um deles detém apenas uma parte incompleta do mapa dos estudos, e têm eles próprios dificuldade, quando lêem os trabalhos dos colegas, para entender-se sobre as definições de base ou para bem *comunicar* (BOUGNOUX, 1999, p.7).

³⁵ MARTINO, Luiz C. Ceticismo e inteligibilidade do pensamento comunicacional. *Galáxia: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, n. 5 (abril de 2003). São Paulo: Educ, Brasília: CNPq, 2003.

Coloca-se, assim, um problema epistemológico, que demonstra claramente a necessidade de se implementar uma organização e conseqüente sistematização das teorias já existentes e situar a Mediologia neste quadro. Questão que implica a necessidade de conhecimento do universo das teorias já existentes e a conseqüente formulação de um inventário sobre este conjunto.

Com objetivo de incluir nesse panorama, além das teorias já instituídas, aquelas mais recentes, assim como resgatar as contribuições das escolas que foram “sufocadas” por correntes hegemônicas [o funcionalismo norte americano e a Escola de Frankfurt] (MARTINO, 2003, p.58).

De acordo com o pensamento de Luiz C. Martino, a sistematização das teorias já existentes seria um caminho para distinguir, de maneira clara, critérios que servem de base para a apreciação das teorias que se julga pertencer ao campo da Comunicação.

E aqui encontramos o que nos parece ser o ponto crucial para a área, e que tomamos como o problema de nossa pesquisa: explicitar e analisar criticamente os critérios que nos permitem dizer que tal ou tal teoria ou escola pertencem ao campo da Comunicação (MARTINO, 2003, p.60).

Para tanto, o autor, iniciou, no ano 2000, uma pesquisa onde foi empregada o método da análise de conteúdo para comparação de alguns dos textos mais utilizados no ensino das teorias da comunicação, no quadro de formação universitário do Brasil. O desenvolvimento do trabalho não foi tarefa fácil, sobre o qual é possível optar por quais teorias entram ou saem do escopo comunicacional, tampouco ser categórico estipulando de maneira matemática quais são pertinentes ou não.

Não é nossa intenção ser pretender ditar o “certo” e o “errado”, mas nem por isso renunciar à reflexão sobre o relativo estado de abandono de questões tão primárias e essenciais quanto à definição do campo ou objeto da área. A pretensão a um tal esquematismo rígido é rigorosamente estranha aos investigadores com alguma familiaridade com as questões epistemológicas. Mesmo as mais estabelecidas das disciplinas científicas encontra, suas áreas de sombras, onde é difícil ser tão preciso (MARTINO, 2003, p.60).

Mas com efeito a pesquisa permitiu a ele apontar problemas, que mais tarde o denominaria de “critério de pertinência” das teorias em relação ao campo da Comunicação. O resultado da pesquisa chegou a um quadro formado por composições tão heterogêneas, que segundo Martino, a impressão é de “inconstância das teorias da comunicação; ficando a dúvida sobre a pertinência delas para a área, ou ainda pior, da pertinência da própria área” (MARTINO, 2003, p.59). A pesquisa mostrou também que autores como Defleur e Ball-Rokeach ou Mauro Wolf concentraram basicamente nas tendências estadunidenses, enquanto

Bougnoux e Rüdiger abastecem-se com um conjunto de teorias totalmente distintos, “surpreendentemente sem um único ponto de concordância entre eles”.

Desta forma, é capital o retorno a uma análise crítica da fundamentação teórica da área e mesmo das tentativas de sistematização existentes no que tange às teorias da comunicação. De acordo com Martino, tratar-se-ia de criar condições necessárias para que pesquisadores do campo possam apontar um conjunto de teorias onde seja estabelecido, “um acordo sobre o papel estruturante para a área e de poder justificá-lo a partir do trabalho de conceituação e do debate, como é natural para as atividades de cunho filosófico-científicas” (MARTINO, 2003, p.60).

Mas como estes diagnósticos se expressam em termos de posicionamento epistemológico em relação ao campo comunicacional? Para Martino, podemos discernir dois posicionamentos, os que defendem a cientificidade ou ao menos autonomia do saber do comunicacional, e de outra parte aqueles que se recusam a aceitá-la, seja assumindo uma postura céptica (negação) ou interdisciplinar (a comunicação seria apenas um campo formado por vários saberes) (MARTINO, 2003, p. 54).

Os cépticos vêm obstáculos epistemológicos e duvidam da possibilidade de uma “ciência da comunicação”, negando, desta forma, a comunicação enquanto saber independente e com status científico, como é o caso de Régis Debray, que apesar de não se interessar verdadeiramente pelo debate epistemológico em torno do objeto do saber comunicacional. Ele não acredita na composição do saber comunicacional, fundamentada por um campo teórico e com linhas de pesquisa bem definidas em seu estatuto epistemológico.

Atitude diametralmente oposta, mas não menos problemática é a da interdisciplinaridade, que embasa a dispersão do campo em função de um pretense cruzamento de saberes que resultaria no saber comunicacional. A interseção de saberes enquanto formadora do campo de estudos em voga, segundo Martino,

[Faz] passar o problema pela própria solução, a interdisciplinaridade desaparece com ele, na medida mesmo em que a inconsistência e a dispersão do *corpus* teórico se tornam ‘normalidade’, a interdisciplinaridade se institui como a natureza de um gênero de conhecimento *sui generis* e se institucionaliza como campo (MARTINO, 2003, p.65).

Na prática, o que ele tenta mostrar é que a dualidade entre o cepticismo e a interdisciplinaridade aponta para uma união entre estas posições que acabam passando ao largo de questões mais aprofundadas sobre a reflexão crítica acerca das teorias da comunicação. Cépticos e interdisciplinares engessam a possibilidade de ordenamento do campo e a competência de um saber comunicacional propriamente estabelecido.

Ora, esta falta de reflexão epistemológica coincide exatamente com aquilo que se pode criticar na atitude diametralmente oposta a do ceticismo, aquela da “interdisciplinaridade inconseqüente”, que vê na diversidade do campo um fator produtivo e que deve ser conservado (MARTINO, 2003, p.60).

Antonio Fausto Neto³⁶ integra a posição interdisciplinar quando afirma que a compreensão sobre a dinâmica disciplinar da comunicação deve ultrapassar a noção fundadora de um sentido estrito.

Mas a investigação em comunicação, não é um “espasmo”, efeitos dos ventos que são endereçados por uma determinada corrente teórica, mas conseqüência, ou ações caucionadas por dinâmicas complexas. Esta compreensão sugere admitir que a comunicação como objeto e disciplina resulta, assim, de movimentos e de processos que transcendem a noção de fundação no sentido estrito, o que também permite dizer que, como objeto de estudo, não pode permanecer à mercê de um “senhor epistemológico” (FAUSTO NETO, 2005, p.17).

Vera Veiga França pondera a questão interdisciplinar com a premissa de que múltiplos olhares advindos de outras áreas de estudo sobre a formação do saber comunicacional podem tanto contribuir para a construção de um pensamento multidisciplinar, quanto adquirirem caráter difuso no que diz respeito à integração teórica e metodológica da disciplina.

Fenômeno empírico com tantas facetas, a comunicação suscita múltiplos olhares; é um objeto complexo que apresenta recortes passíveis de serem investigados por várias disciplinas. De tal maneira que aquilo que chamamos “teoria da comunicação”, principalmente em seus primórdios, apresenta-se como um corpo heterogêneo, descontínuo e mesmo incipiente de proposições e enunciados sobre a comunicação, fruto de investigações oriundas das mais diversas filiações (sociologia, antropologia, psicologia, entre outras) – cada uma refletindo o olhar específico e o instrumental metodológico de sua disciplina de origem. Essa herança heteróclita tanto enriquece os olhares quanto dificulta a integração teórica e metodológica do campo (FRANÇA, 2001, p.50).

É possível notar que para diversos estudiosos e pesquisadores do campo comunicacional, essa capacidade invasiva da comunicação faz com que a mediação que a caracteriza torne-se objeto de estudo de diversos saberes e modalidades, o que caracteriza com veemência o pensamento interdisciplinar. Seria a comunicação em processo, ou seja, um estudo interdisciplinar, com a tomada de vários saberes advindos de outros campos de estudo, que, ao final, formariam a comunicação. Em outras palavras, é como se fazer ciência fosse premissa básica para a interdisciplinaridade.

³⁶ FAUSTO NETO, Antonio. Dos sintomas aos programas de estudo. São Paulo, Revista *Brasileira de Ciências da Comunicação*, v.. 28, n. 1, jan./jun. 2005.

A falta de autonomia teórica da área acarreta ainda prejuízos também à produção realizada dentro do campo. José Luiz Braga³⁷ expõe seu ponto de vista com ênfase na história da constituição do campo comunicacional. Para ele,

uma parte excessiva das contribuições para o nosso foco de interesse é gerada no âmbito de outras Ciências Humanas e Sociais (CHS); e porque uma boa parte dos próprios problemas e questões que movem o campo nos é ainda sugerida “de fora” (às vezes, diretamente por transferência) (BRAGA, 2004, p.2).

Mas a pretensão de se falar em um saber comunicacional ainda encontra obstáculos que talvez dificultem ainda mais o trabalho de quem pretende se instalar no campo de pesquisas da comunicação. Questões intelectuais tratadas frequentemente pela comunicação parecem não se adequar a este ou mesmo pertencer a áreas de saberes onde nasceu, como a sociologia, a psicologia ou mesmo estudos matemáticos, como é o caso da Teoria da Informação, tão citada por Régis Debray.

Panorama que se aplica também a *communication research*, formada tradicionalmente em pilares sociológicos e da psicologia social ou mesmo a Escola de Palo Alto, vertente surgida no *Mental Research Institute*, que tomou como procedimento a análise de tratamentos terapêuticos para distúrbios de comportamento. Nem é necessário citar que sua filiação está muito mais voltada à psicologia do que a comunicação. Temos ainda como integrantes dessa lista apátrida, pesquisas tomadas como comunicacionais, mas que nunca deixaram de pertencer a sua área embrionária. Desta forma funciona com a Pragmática, com relação à Lingüística, à Escola de Chicago referenciada a Sociologia, à Escola de Frankfurt que em nenhum momento teve como voga tratar dos fenômenos relativos a comunicação de massa, mas sim a estudos marxistas.

Mesmo a teoria hipodérmica, não raro celebrada como um marco do aparecimento de teorias científicas da comunicação – que por vezes DeFleur/Ball-Rockeach, e mesmo Wolf dão a impressão de se tratar de uma espécie de embrião ou primeiro sopro de uma atividade da ciência da Comunicação -, não resiste a uma leitura menos passional. [...] aqui como em muitos outros casos, menos que “teorias da comunicação”, deveríamos falar em “teorias sobre a comunicação”, teorias relativas a outros saberes e que foram aplicadas ao problema dos processos e fenômenos comunicacionais, de modo que, por detrás de hábitos lingüísticos, se esconde uma grande e inaceitável confusão entre objeto da análise (fenômeno comunicacional) e análise do objeto (o tipo de saber a que se recorre) (MARTINO, 2003, p.62).

³⁷ BRAGA, José Luiz. *Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação*. Texto proposto ao GT Epistemologia da Comunicação. São Bernardo do Campo, COMPOS, 2004. p. 2.

Na confluência destas duas posições, Régis Debray adora, mesmo sem falar da existência de um saber, uma clara postura cética e a torna público a um vasto número de leitores, que acompanham seu percurso intelectual, seja por meio de suas obras mediológicas, seja por meio de artigos publicados em periódicos e outras fontes de informação, reflexões equivocadas sobre o que são os estudos comunicacionais. De acordo com sua visão, a área não seria nada mais do que fruto de duas extrapolações: telefônica e lingüística. Para ele, a comunicação resultaria diretamente da Teoria da Informação e de uma relação instrumental entre emissor e receptor. Isto, no entanto, não deixa de representar um reflexo da fraca estruturação da área e na falta de sistematização a respeito do quadro teórico que a compõe.

Toda tentativa de fundar o saber comunicacional como a somatória de saberes de outras disciplinas ou na legitimidade de um fenômeno natural ou empírico são signos que tornam patente a fragilidade de sua fragilidade. Tais “argumentos” são na verdade falta de um “argumento” (MARTINO, 2002, p. 2).

Suas idéias nada mais fazem do que divulgar a confusão diante do objeto de estudo comunicacional e a falta de especificidade deste campo em apresentar-se enquanto um saber autônomo. De outra parte, embora seja pródigo em definições que claramente reafirmam o atual estado de dispersão do campo da comunicação, também seria possível questionarmos se a posição de Debray realmente caberia como cético, já que sequer acredita na existência de um *corpus* de idéias organizado para as ciências da comunicação.

Mas o problema da fundamentação do saber comunicacional é mais complexo. Sobre a autonomia do campo, Martino faz a seguinte reflexão:

Se o neófito, abandonado à tarefa de conciliar suas leituras, se ressentir de um quadro mais nítido, ficando-lhe a viva impressão de uma permissividade excessiva, ou de uma “seleção” um tanto aleatória (qualquer coisa pode ser comunicação); o pesquisador mais experimentado, por sua vez, não pode contar com uma discussão mais aprofundada sobre os critérios empregados pelos especialistas para operarem a seleção das teorias ou escolas. O que leva muitos estudiosos a adotarem a tese de que se trata apenas de um “campo” de estudo: “existem as teorias, mas não existe a Comunicação enquanto uma disciplina” (MARTINO, 2003, p.60).

Esta sensação de “qualquer coisa pode ser comunicação”, a qual Martino se refere como ponto inicial a ser superado é a sensação que nos é transmitida ao ler o que Régis Debray pensa sobre a comunicação dentro de sua obra mediológica. Ele utiliza-se de uma visão vaga sobre o campo, versa sobre um tipo de pesquisa específica composta pela corrente do *mass communication research* e a Teoria da Informação, onde o “sinal” é tratado como

meio que torna a comunicação tecnicamente possível. Sua análise parte do pressuposto de que todo o campo comunicacional está fundamentado na variação de uma grandeza física, uma tensão em uma linha telefônica, uma ondulação de ondas hertzianas, ou na comunicação interpessoal composta por um emissor e um receptor.

Debray estrutura sua concepção comunicacional fundamentado ainda em um postulado que sustenta o saber comunicacional sobre uma seara formada por “máquinas de comunicar” (*Introdução à Mediologia*, p.13). Termo que ele utiliza para designar todo um aparato técnico, tal como: o telégrafo, aparelhos fotográficos, meios de transporte, raios hertzianos, realidade virtual. Neste balaio, um tanto confuso, ele incorpora elementos incongruentes ou mesmo conflitantes, como é o caso de uma máquina fotográfica e da realidade virtual, ambos, “máquinas de comunicar”, citadas como responsáveis por garantir a força motriz necessária para fazer funcionar outra grande máquina técnica que seria a comunicação. Em *Transmitir*, Debray cita o termo “máquinas de comunicar” entre aspas, sem colocar a fonte de onde retira tal informação. Em *Introdução à Mediologia*, no entanto, ele fala um pouco mais sobre o assunto e afirma: “Pode haver – e há cada vez mais – de acordo com o título de Pierre Schaeffer, ‘máquinas de comunicar’ (o telégrafo elétrico, a televisão, o computador). Não pode haver e nunca haverá uma máquina de transmissão” (*Introdução à Mediologia*, p.13).

É possível visualizar desta forma, o conceito instrumental e baseado em aspectos tão disparees como formadores do conceito de comunicação para Régis Debray. Segundo ele, essa cidadela um tanto alijada e composta unicamente pela técnica é responsável apenas por transmitir informações a uma massa de pessoas. Em seus escritos sobre o tema, ele utiliza-se desta concepção como um denominador comum para definir todo o aparato teórico que envolve o universo da comunicação. Um campo, “considerado aberto para receber qualquer coisa” (*Transmitir*, p.112). É possível conferir em seu pensamento, que ora toma como objeto a *cultura de massa*, ora toma os *meios de comunicação*, uma multiplicidade de incertezas sobre o que realmente circunda o campo e garante seu lugar ao lado das disciplinas formadoras das ciências humanas.

É possível transportar notícias ou espetáculos destinadas ao grande público: é o que faz a mídia; mensagens individuais destinadas a particulares: é o que fazem tradicionalmente as “telecoms”; informações com código numérico destinadas a clientes ou usuários: é o que fazem as redes de telemáticas; pessoas físicas de um lugar para outro: é o que fazem os meios de transporte (*Curso de midiologia geral*, p.19).

Contrários à perspectiva de Debray, outros pensadores afirmam reconhecer a autonomia do campo, mas não deixam de utilizar o ceticismo como forma de criticar sua falta de organização teórica. O avanço na fundamentação do saber comunicacional depende desse reconhecimento, o que não significa, como quer Debray, sua anulação pura e simples. Em todo caso, Martino chama atenção para o fato que o problema do ceticismo é muito mais delicado e rico que uma decisão definitiva, entre “sim” ou não”. “A rigor talvez fosse preciso falar em ‘ceticismos’, visto que há diferenças de grau e de direcionamento em relação aos vários aspectos do problema” (MARTINO, 2003, p.56). Mas as duas visões dessa tendência têm um ponto de vista comum, um equívoco de tomar as teorias da comunicação como algo dado, como peças de um quebra-cabeças, cuja a montagem não seria possível. De onde a inviabilidade do saber comunicacional. Mas, na verdade, as duas posições partem da idéia de teorias da comunicação anteriores e independentes do saber comunicacional, de modo que pressupõem a existência de teorias antes mesmo de um domínio de conhecimento.

O ceticismo, antes de mais nada, aparece como uma falta de rigor em relação ao problema. Por isso não pode ser tomado como uma posição definitiva, como quer Debray, ainda que nisto coincida com a opinião de autores que ele mesmo desconhece.

4.4 Uma aproximação é possível?

Mas embora se recuse a falar dos e meios de comunicação de massa, o trabalho de Debray advém de uma filiação comum ao saber comunicacional, onde ambos tentam por diferentes caminhos e métodos sistematizar, analisar e compreender fenômenos ligados a processos de transmissão simbólica, em função da mediação técnica. Se pudéssemos dispor em um gráfico de coordenadas cartesianas a metodologia mediológica, poderíamos colocar de um lado, em ordenada e de forma ascendente, questões relacionadas à transmissão simbólica e de outro, em abscissa, o aparato técnico que a tornou capaz. Uma depende intrinsecamente da outra para agir e a partir disto dar origem ao que Debray denomina de técnicas de mediação. Na prática, mudanças no ambiente social ocasionadas pelo aparato maquínico em conjunto com as idéias circundantes. Alguns teóricos já haviam analisado esta simbiose, dentro do quadro do pensamento comunicacional, e é possível encontrar nele densa e extensa corrente

de pesquisa relacionada a fenômenos que envolvem os resultados da inserção dos novos meios de comunicação, representados pelos estudos da Teoria do Meio.

Esta corrente de pesquisa³⁸, que data a década de 1950, inicia-se com as discussões propostas por Harold Adams Innis sobre os efeitos dos meios de comunicação nas civilizações antigas. Marshall McLuhan dá seguimento à Teoria do Meio durante as décadas de 1960 e 1970 quando começa a estudar os meios de comunicação enquanto extensões de órgãos e tecidos humanos. O pesquisador americano Joshua Meyrowitz, responsável pela designação que reúne o trabalho destes autores, procura ligá-los ao Interacionismo Simbólico proposto por Erving Goffman. Sua abordagem tenta relacionar a Teoria do Meio às mudanças provocadas no cotidiano das pessoas em função dos meios de comunicação de massa. O objeto de estudo de todos estes pesquisadores encontra-se na análise dos meios de comunicação, como forma de compreender os fenômenos sociais provocados por intermédio do fator técnico, que atingem tanto o indivíduo quanto o meio o qual estão inseridos. De acordo com Janara Kalline Leal Lopes de Sousa,

Para a Teoria do Meio, cada meio de comunicação cria um ambiente único que propõe uma inter-relação singular entre os sentidos humanos. As transformações podem ser percebidas tanto no nível micro (a definição dos papéis sociais) quanto no nível macros (as mudanças nas instituições sociais). O que interessa aos teóricos do meio é entender como cada meio de comunicação em particular atua em distintos ambientes sociais (SOUSA, 2003, p. 85).

De forma simplificada, cada meio de comunicação muda as fronteiras que definem os papéis sociais e as instituições. E é justamente pela mudança acarretada e como forma de sistematizá-las, que os teóricos do meio dividem a história em períodos que representam a predominância de determinados meios de comunicação. Assim ocorre com a fase oral, fase manuscrito/impressa e fase eletrônica. Essa divisão facilita o trabalho de eleição dos meios de comunicação enquanto objeto de estudo privilegiado para as transformações sociais. Se para os teóricos do meio, o telefone, a televisão ou a internet são capazes de modificar a paisagem social onde estão inseridos, para Debray, os meios técnicos – que podem estender-se do papiro às rodovias – também não deixam de alterar a percepção social e principalmente as transformações simbólicas em jogo.

A esfera reconduz o sistema visível do médium ao macrossistema invisível que lhe dá sentido. Vemos o forno de microondas, mas não a imensa rede de eletricidade ao qual está conectado, vemos o automóvel, mas não a

³⁸ Muitas das referências apresentadas sobre a corrente de pesquisa citada foram em grande parte retiradas do trabalho da pesquisadora da Universidade de Brasília, Janara Kalline Leal Lopes de Sousa, intitulado *Contribuições, limites e desafios da teoria do meio*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, fevereiro de 2003.

malha rodoviária, os postos de combustível, as refinarias, os navios-tanques (*Manifestos midiológicos*, p. 47).

Ou seja, para Debray não são apenas os meios de comunicação de massa que contam no processo de transformação social, sua visão estende-se a objetos técnicos, ou *médium*³⁹, que representa o dispositivo veicular técnico capaz de originar mudanças reais em nosso espaço social.

Posto isto é necessário explicar o porquê. Para ambos, as mudanças em nossas formas de vivências situações e em nossa paisagem social são causadas primordialmente por instrumentos técnicos, que no caso dos Teóricos do Meio, encontra-se nos meios de comunicação de massa. Do outro lado, Debray põe os meios de comunicação em escanteio, mas não deixa de dizer que é *por e em função* da técnica que conseguimos modificar o que vemos e vivemos num dado período de tempo.

Evidentemente, não se trata de um determinismo tecnológico, os quais muitos autores acabam por incidir, mas claramente de uma postura humanista onde o homem é capaz de progredir *com e por meio* da técnica. Debray em seu percurso mediológico não deixa de analisar as mudanças nas “funções sociais superiores”, representadas pela arte, política e religião, e suas relações com as tecnologias de memorização e transmissão, compostas pela influência do meio técnico. “O *Airbus* transformou a França em um hexágono de uma hora e trinta de lado e as auto-estradas apagam as fronteiras da Europa” (*Introdução à mediologia*, p. 80).

Mas embora não tenha os meios de comunicação enquanto responsáveis únicos pelo processo de transmissão social, como é possível deixá-los de lado? Apesar de frequentemente não acreditar na comunicação, Debray em alguns momentos parece deixar tal postura de lado e reconhecer que a nova paisagem social é também forjada pelos meios de comunicação de massa. A principal comprovação disto é a divisão das idades mediológicas, ou *mediasferas*, em épocas determinadas pelos suportes de transmissão vigentes. Assim é com a *logosfera*, *grafosfera* ou *videosfera*. Cada uma é nomeia uma época específica dependendo do suporte técnico que a determina: *oral*, *escrita* e *gravada*. Debray não chega a assumir o batismo do nome enquanto referência direta aos meios de comunicação, mas admite em duas de suas obras mediológicas, *Introdução e Manifestos*, que é possível habitar um destes meios, bem como ser habitado por ele, em uma alusão direta às mudanças provocadas no social, dependendo do suporte de comunicação que o rege:

³⁹ Para um comparativo da palavra médium, dentre as definições de média e meio, ver: Debray, R. - *Introdução à Mediologia*, p. 33.

Não somente evoluímos numa semioesfera mais ou menos ingrata, como esta também evolui dentro de nós. O meu habitat habita-me. Não digamos: “Eu tenho um meio, mas eu sou o meu meio”. [...] Felizmente ele encaixa várias mediasferas numa só – eu sou bicicleta, automóvel, avião, pena de ganso e telefone, CNN e *CD-Room*, o que aumenta meus graus de liberdade relativa. Mas esse exterior atravessa-me por dentro. (*Introdução à mediologia*, p.80)

A Mediologia, em algumas partes do texto de Debray desconsidera os meios de comunicação como objetos técnicos capazes de transmitir idéias, pensamentos e o legado simbólico. Em outros momentos, e de forma mais branda, o autor lança um olhar transversal sobre os meios e os insere dentro do aparato técnico que sustenta o fazer mediológico. Essa forma um tanto dúbia representa uma das principais lacunas epistemológicas na pesquisa em Mediologia e nos leva a concluir que a Mediologia é uma corrente de pesquisa e não uma teoria, principalmente pela falta de certo rigor metodológico. Sua abordagem não inclui unicamente os meios de comunicação enquanto responsáveis pela transformação do social que nos cerca, mas também não os deixa de fora. Na Mediologia, diferente da Teoria do Meio, o acasalamento do fator técnico com o fator simbólico originado não ocorre unicamente pela televisão, rádio, internet, imprensa ou outro meio de comunicação de massa. É um processo mais abrangente, que leva em conta a inserção de diversos tipos de máquina na alteração espaço temporal ocorrida dentro de toda uma dinâmica de transformação do pensamento. A *mediasfera* une simbólico e técnico. Exerce influencia decisiva no instante *t*, que não pode deixar de ser explicado independentemente das tecnologias de memória utilizadas no mesmo instante.

Damos muito valor ao sufixo-*esfera*, sejam quais forem as objeções que se possa e deva adiantar, do ponto de vista histórico, contra estas taxionomias idealtípicas: logo, grafo, vídeo. Da uma conotação de envolvimento e não de frente a frente e, por essa faceta distingue-se do *campo*. A esta noção bidimensional e óptica opõe-se o caráter tridimensional, sinérgico, emergente das *mediasferas* (*Introdução à mediologia*, p.46).

Com as *mediasferas* Debray se preocupou com as influências sociais originadas por processos mediados por um instrumento técnico, não apenas as que foram mediadas pelos meios de comunicação social. Fator que aproxima a Mediologia da comunicação e serve para mostrar, em um universo de análise mais amplo, que os meios também estão inseridos na análise de Debray. A técnica em conjunto com a estrutura organizacional que a cerca seria responsável por mudar nosso sentido de lugar como também pela criação de novos ambientes sociais. Como poderíamos definir um meio social alterado por transformações simbólicas

mediadas por um instrumento técnico? No entanto, no interpretar mediológico, esta mudança ganha novos contornos representados pelas siglas O. M.⁴⁰ e M.O., que respectivamente significam Organização Materializada e Matéria Organizada. Ambas, palavras para denominar a interação entre técnica e cultura, entre máquina e símbolo. O melhor exemplo disto estaria no poder dos meios de comunicação de massa. Todos os dias assistimos matérias nos jornais que dizem respeito a acontecimentos, na maioria dos casos, bem longe do alcance dos nossos olhos. Milhares de pessoas destinam parte de seu tempo diário para assistir, ler ou ouvir o que está sendo divulgado pelos meios de comunicação de massa. Asiáticos conseguem assistir pela televisão ou acessar pela internet notícias que estão acontecendo na América do Norte, na África ou no Brasil. A reportagem divulgada em território europeu sobre pessoas que passam fome em outro continente é capaz de transformar-se na emissão de alimentos para necessitados. Dentre a Teoria do Meio não é difícil perceber as mudanças que os meios de comunicação provocam em nosso espaço social.

De acordo com Joshua Meyrowitz, “perdemos nosso sentido de lugar e ganhamos novas noções de comportamento social e identidade” (*apud* Sousa, 2003, p.89). O autor acredita que os meios de comunicação modificam as situações sociais porque alteram nossos sentidos de lugar e nosso acesso as informações. Para Debray, dentro da Mediologia, este conceito se estende. O objeto de estudo mediológico é o efeito de um aparato técnico, a ponto de criar transformações simbólicas no comportamento social. Aparatos técnicos que vão além dos meios de comunicação de massa, mas não chegam a excluí-los, como prega Debray em partes de seus textos.

Para abordar a televisão como mediólogos, e não como sociólogos da comunicação, devemos assumir uma alma de antepassado e observá-la em perspectiva, na contraluz do ícone bizantino, da pintura, da fotografia e do cinema. Chegamos à compreensão do momento pelo processo, assim como da parte pelo todo (*Manifestos midiológicos*, p. 23).

Um exemplo da união entre técnica e cultura, técnica e produção simbólica é o da construção de estradas e rodovias. Caso um mediólogo se questionasse sobre qual seria o papel de uma estrada, que resposta poderia ser dada? Engana-se quem lembrou apenas dos longos caminhos que ela é capaz de originar ou da quantidade de tráfego que é capaz de suportar. Hermes, o deus das estradas e dos cruzamentos, talvez seja um dos maiores representantes da Mediologia, já que seus caminhos sempre se confundiram com uma intensa rede de interfeudos, de intercâmbios e de passagens. O Império Romano, por exemplo, abre

⁴⁰ O.M.= Organização Materializada
M.O. = Matéria Organizada.

estradas para enviar suas legiões, aspirar sua subsistência, reproduzir sua hegemonia. “O historiador defende que não há Império [exemplo de Organização Materializada, sem estradas Matéria Organizada], enquanto o geógrafo afirma que não existem estradas sem Império” (*Transmitir*, p.27). A Organização Materializada (neste caso o Império Romano) desempenha o papel-motor, enquanto a Matéria Organizada (estradas) são os fatores que viabilizam tais feitos.

Esclarecida a importância de reconhecer a inserção dos meios de comunicação de massa enquanto fatores abordados pela Mediologia e a conseqüentemente inserção do estudo de certos tipos de processos comunicacionais, podemos aprofundar nossa discussão nas características de inserção da comunicação dentro dessa corrente de pesquisa.

É ao professor de filosofia, literatura e estudioso das CIC (Ciências da Informação e da Comunicação) Daniel Bounoux, a que devemos o mérito de aproximar a comunicação dos estudos mediológicos. Francês, intitulado um dos maiores propagadores e estudiosos da Mediologia francesa, Bounoux escreveu em 1994, o livro *Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação*⁴¹, que apresenta uma visão totalmente contrária à exclusão da comunicação dos estudos mediológicos e, ao contrário de Debray, traz um olhar completamente dispare com relação à formação e constituição de um saber comunicacional. Para Bounoux a Mediologia apresenta-se como uma disciplina que vai pensar os fenômenos comunicacionais sob o exame minucioso dos meios de comunicação de massa e as ferramentas de transmissão – telefone, imprensa, rede de internet.

[os fenômenos comunicacionais] sob todas as suas facetas, em seus aspectos *semiológicos* – que tipo de signos utiliza tal mídia, limita-se ela a transmitir o texto, ou enriquece-o com imagens ou índices, e para que desempenhos?; *pragmáticos* – como os usuários se apropriam das mensagens para modificar-lhes o sentido, que grau de interatividade se observa entre a emissão e a recepção destas?; *imaginários* – como o sonho individual ou social não se contenta em utilizar a ferramenta, mas irrealiza-a, estetiza-a, envolve-a com identificações ou projeções; *sistêmicos* – como nós possuímos meios de comunicação que nos possuem, como essas próteses técnicas nos preparam um meio ou um tecido conjuntivo que tomamos eventualmente por prolongamentos de nós mesmos (BOUGNOUX, 1999, p.15).

Bounoux demonstra um claro interesse pelos usos, pelos efeitos simbólicos e pela fisiologia dos meios, onde todo o social e interpessoal estão contidos nesta análise. É a partir da sua contribuição que a Mediologia retoma o fôlego nas pesquisas do saber comunicacional e onde teremos uma intensa influencia dos meios nos mecanismos de transmissão simbólica,

⁴¹ BOUGNOUX, D. *Introdução às ciências da informação e da comunicação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

seja para divulgar o aparecimento de grupos guerrilheiros, a manifestação de minorias sociais que deu origem a novas políticas públicas ou a crise do sistema educacional que acaba por originar medidas de favorecimento a alunos em todo país. Este movimento de globalização intenso é capaz não apenas de aumentar o ritmo com que recebemos notícias e informações advindas dos meios de comunicação de massa, mas como estas estão provocando reais transformações no meio em que vivemos.

Sobre isso, Bounoux afirma que a comunicação consiste primeiramente em organizar o vínculo social, em estruturar a vida quotidiana e em manter a coesão da comunidade. É um conceito coextensivo que deve ser estendido à nossas formas de viver. “Se viver é comunicar, como estabeleceram corretamente por princípio, Bateson e seus discípulos, é preciso distinguir entre os registros e traçar fronteiras semióticas, pragmáticas, mediáticas” (Bounoux, 1999, p.20). A Mediologia, de acordo com ele, representa a continuidade do conceito comunicacional e debruça-se, primordialmente, em uma ação sobre a produção simbólica presente na sociedade. Em outras palavras, a ação comunicacional não põe em relação o sujeito e o objeto, mas o sujeito com o sujeito. “É o homem agindo sobre (*as representações de*) o homem por meio de signos” (Bounoux, 1999, p.16). Um exemplo disto é a comunicação interpessoal, onde a rede de uma conversa provém de portas e das relações comportamentais entre os indivíduos, fator este que para Debray está fora dos estudos comunicacionais e significaria isoladamente fator de transmissão simbólica.

A conversação ao pé do ouvido e o ouvir dizer que, durante dois milênios, garantiram a migração de nossos mitos fundadores através de imensos espaços, escapam a teoria da informação e suas disciplinas subsidiárias contemporâneas (*Manifestos midiológicos*, p. 60).

O que Debray coloca enquanto transmissão simbólica, Bounoux expõe enquanto prolongamento dos estudos comunicacionais, fator que demonstra simbiose e perfeita união entre os dois conceitos, tornando a comunicação e a transmissão fatores inseparáveis. “No começo não era o verbo, mas a carne, sensível, extensível, os corpos tocam-se e comunicam-se antes dos ‘espíritos’ ” (Bounoux, 1999, p.21). E não é apenas na comunicação interpessoal que isto ocorre. Na esfera social, locais como a escola tornam-se um intenso palanque de trocas e espaço comunicacional. A escola, segundo Bounoux, arranca a criança da esfera doméstica primária para introduzi-la em um espaço de transição, ainda sem a dureza do mundo e do trabalho, mas capaz de confrontá-la com situações e conflitos inéditos no universo infantil.

O saber veiculado pela escola pertence, amplamente, ao que Régis Debray nomeou grafosfera⁴², e a maioria das performances escolares passam tradicionalmente pelo livro; esta majestade da coisa escrita, que sempre sofreu a concorrência da oralidade ou foi completada por ela e pelas relações interpessoais, encontra hoje o desafio de outras ferramentas, o audiovisual, a multimídia, os telecursos ou diversas redes alternativas de distribuição ou troca de conhecimentos (BOUGNOUX, 1999, p. 24).

Vivendo no ponto de encontro das duas esferas vemos com nostalgia afastar-se uma forma de cultura vinculada ao livro, e advirem, com incompreensão e inquietação outras formas de imaginários, saberes, ou de outras maneiras de ficar junto.

Estando, o tempo da cultura, necessariamente atrasado em relação ao tempo técnico, tempo das ferramentas, este intervalo leva-nos a julgar uma *mediasfera*, segundo os critérios instituídos por sua precedente. Avaliamos a televisão pelos valores difundidos pelo cinema, as telas pela medida dos escritos, ou a internet pelos valores do livro. A solução ou a correção desta análise é, para Bounoux, uma forma de enxergar a Mediologia com menor grau de melancolia, enxergando a cultura comunicacional como uma forma de pensar, dizer, conhecer, crer, imaginar, mas também para transmitir e ter em comum, seja em qual esfera está inserida este contexto está inserido.

A abordagem mediológica perturbará tanto mais quanto a distância do fenômeno simbólico explicado ou causado e o fator técnico explicante forem percebidos como muito grande pela consciência ingênua (BOUGNOUX, 1999, p. 117).

Assim, ele propõe diante do saber mediológico uma virada entre os parâmetros do fazer sentido, sendo sua linha de pensamento uma junção entre os estudos comunicacionais enquanto estudo e pesquisa sobre a produção sócio-mediática e a simbologia contida nos processos de transmissão cultural, defendidos tão bem por Debray. Para ele, o conjunto disciplinar formado pela vertiginosa diversidade das escalas da comunicação, do interpessoal ao planetário é um desafio formidável, que presta um enorme serviço à cultura.

A eficácia simbólica das idéias, crenças e doutrinas propostas pela Mediologia, estariam aquém ou além dos meios. No sentido estrito, uma Mediologia interessar-se-á, portanto, por esses meios, indissociavelmente sociais e técnicos, que fabricam e reciclam nossas representações simbólicas, e nos permitem ficar juntos (BOUGNOUX, 1999, p.117).

⁴² A grafosfera é o período denominado por Debray como uma longa fase de transmissão de mensagens que se abre com a generalização da imprensa: o livro torna-se ferramenta por excelência da autoridade simbólica, e a forma que a informação, a memória e a imaginação ou o conhecimento científico devem tomar. O período seguinte é o da videosfera, nascida com as telas das televisões e depois do computador. A videosfera, para Debray, não expulsa a precedente, mas concorre com o texto pela imagem e o som, com o tempo difundido pela escrita com o audiovisual e pela interatividade trazidas por novas tecnologias.

5. A obra mediológica de Régis Debray

Neste capítulo, analisaremos de que forma conceitos centrais do pensamento do autor foram expostos ao longo de quatro de suas obras mediológicas que formam o referencial de análise deste trabalho: *Curso de Midiologia Geral*, *Introdução à Mediologia*, *Manifestos Midiológicos* e *Transmitir*. Para construção da análise desta pesquisa, partimos da observação de que a compreensão do pensamento mediológico de Régis Debray não pode se dar sem o trabalho de construção e exame crítico das quatro obras aqui expostas e divididas de acordo com conceitos relativos ao estudo da Mediologia ⁴³.

5.1 A Mediologia em “Curso de Midiologia Geral”

Desenhado ao longo de oito livros, o projeto de uma Mediologia iniciou-se verdadeiramente com a publicação *Cours de médiologie générale* lançada em 1991 pela francesa Gallimard. No Brasil, o livro foi publicado dois anos depois sob o título de *Curso de Midiologia Geral*, pela Editora Vozes. É nesta publicação que o saber mediológico toma corpo e com ela que Debray expõe, pela primeira vez, de que forma os fatos de transmissão justificavam uma disciplina específica. Seu projeto mediológico merece especial atenção ao que se segue em *Curso de Midiologia Geral* pelo fato de expor termos ainda inéditos no que concerne o novo saber que está sendo apresentado e por colocar sob a ótica dos fatos de transmissão toda a explicação a que se deve a Mediologia.

De forma estrita, a Mediologia interessar-se-á pelo que está *entre, pelo que nos vincula e nos organiza*. É esta abordagem que Debray inaugura em sua obra e se mostram indissociáveis de uma física de vestígios sociais que reciclam nossas representações simbólicas.

Lembro-lhes a questão que a Mediologia entende formular enquanto problema: através de que mediações uma idéia se torna uma força? De que maneira uma palavra pode tornar-se acontecimento? Um espírito tomar corpo? (*Curso de midiologia geral*, p.97).

O que Debray se pergunta é de que forma as mediações tecno-culturais podem dar origem a toda uma logística de operações de pensamento responsáveis pela criação de

⁴³ Vide Anexo II.

doutrinas, pensamentos, cátedras, facções, escolas ou mesmo definir como age o poder das palavras.

A Mediologia tem por objetivo, através de uma logística das operações de pensamento, ajudar a clarificar esta questão lancinante, irresolúvel e decisiva declinada – conforme se é escritor, etnólogo ou moralista – como “o poder das palavras”, “a eficácia simbólica” ou ainda “o papel das idéias na história” (*Curso de midiologia geral*, p.14).

E Debray relaciona isto às causas e ferramentas técnicas capazes de ordenar toda corrente de pensamento mediológico, de forma a relacionar técnica com produção simbólica e, por meios disto, expor toda a construção desta física de vestígios sociais, que a disciplina se propõe a investigar. Daniel Bounoux lembra bem a importância da técnica para processos de transmissão de idéias e representações simbólicas quando diz que,

Este obscuro meio conjuntivo compõe-se de sujeitos (mediadores) e de objetos (técnicos); encontra-se aí organização material (os corpos constitutivos, as instituições, Igrejas ou partidos...) e matéria organizada (as ferramentas ou os meios propriamente ditos). [...] É possível dedicar-se aos efeitos “ascendentes”, simbólicos e sociais, das mutações técnicas. Como o papel, a imprensa, a eletricidade ou a Internet, hoje, modificam nossos regimes de memória, de saber, de autoridade, de crença? (BOUGNOUX, 1999, p.117).

Para Bounoux, a abordagem mediológica perturbará tanto mais quanto a distancia entre o fenômeno simbólico explicado ou causado e o fator técnico explicante. Na prática, o saber mediológico se propõe a não apenas nos colocar como críticos literários do romance ou o folhetim do século XIX, mas pensarmos na prensa, na rede nacional de escolarização e nas estradas de ferro que foram fundamentais ao suporte e demanda desta forma literária. Outro exemplo pode ser levado à formação de um processo revolucionário, que não se faz apenas com fuzis e guerrilheiros. A construção simbólica de uma revolução é feita ainda do encontro de um posicionamento intelectual que sai do gabinete para ganhar as ruas e invadir a mente das pessoas. É a união material e simbólica. Estas as maiores responsáveis pela sistematização do pensamento mediológico. Linha de pensamento que visa à natureza das funções realmente exercidas. Debray explica este processo, afirmando que:

Uma revolução é o encontro de um pensamento com um poder, “uma opinião que encontra baionetas”. Afinal, aquilo que se chama “processo” revolucionário, não será a transmutação de um verbo em carne, de “um grupo intelectual” em “um grupo dirigente”, de plumas em fuzis? Pensar a Revolução Francesa é pensar de que maneira o que entra como “doutrina de gabinete” sai como “decreto da Convenção”. É abrir a caixa preta que apresenta, à entrada, um *dizer* e, à saída, um *fazer* (*Curso de midiologia geral*, p.173).

Assim, com *Curso de midialogia geral*, Régis Debray pretende preencher algumas lacunas de nossos conhecimentos deixadas, até aqui, pela história e sociologia tradicionais. Seu projeto mediológico pretende investigar a história das doutrinas, do nascimento à incorporação e confinamento. Centra-se no estudo dos mitos e crenças que ficaram submersos por uma palavra, que para ele, tem caráter tão falacioso: a “ideologia”, termo que não dá margem a explicações sobre o processo e a natureza do acontecimento simbólico, tampouco permite a interação entre idéias e acontecimentos.

Este termo, inventado pelo francês Destutt de Tracy, em 1796, para designar a ‘ciência da origem das idéias’, foi retomado de forma bastante leviana por Marx para designar o conjunto das produções simbólicas de uma sociedade (*Introdução à mediologia*, p.95).

Marx havia descrito bem o fenômeno de apoderamento de uma idéia até o seu tornar-se força material. O problema é que, segundo Debray, apenas é possível abrir o ventre deste tornar-se força, a partir do momento o qual dá se as costas para a palavra “ideologia”. “O mediólogo pretende ‘des-ideologizar’ as ideologias a fim de compreender a sua ação, ou seja, passar da história das idéias à das suas ligações e suportes” (*Introdução à Mediologia*, p.96). Assim, a ideologia é para a Mediologia um dos obstáculos epistemológicos mais tenazes, que impede não apenas a compreensão de fenômenos simbólicos sociais, mas principalmente as reais correlações entre as funções sociais superiores, como a ciência, religião, arte, política e os conseqüentes processos de memorização e representação. Um exemplo está no fragmento retirado de *Curso de Midialogia Geral*, onde Debray mostra os reais sentidos de um pensamento para a Mediologia:

Creio poder indicar-lhes que “o pensamento”, por exemplo, não existe. Para o mediólogo, essa pomposa abstração designa o conjunto material, tecnicamente determinado, dos suportes, relações e meios de transporte que lhe garantem, em cada época, sua existência social (*Curso de midialogia geral*, p.18).

Seu pensamento segue por meio de exemplos, tais como o marxismo e o cristianismo, onde ele se questiona de que forma foi possível a transformação de idéias em forças materiais. Como essa “passagem do bastão”, no momento da corrida simbólica, a linguagem articulada transborda como forma de gerar uma pragmática do pensamento, que, segundo ele, não deve apenas ficar no estágio inicial.

5.1.1 O exemplo do Cristianismo

Debray não se atém ao exemplo da construção pragmática de um pensamento para explicitar de que forma age o pensamento mediológico. Segundo ele, estabelecer as relações de força desde o nascimento de uma idéia até seu tomar corpo, já haviam antes sido exploradas pelo Cristianismo e a toda a doutrina Cristã, que no nascimento da figura do messias e seus muitos descendentes, viu “o verbo se fazer carne”, como diz o versículo 14 do capítulo primeiro do Evangelho segundo São João. Debray faz alusão ao surgimento da crença religiosa na figura de Jesus Cristo, que “com sua mensagem para anunciar, seu messias para adorar, seus mediadores para venerar, o cristianismo tem o necessário para entrar em ressonância com a Mediologia” (*Curso de midiologia geral*, p. 97).

É em *Curso de Midiologia Geral*, que o autor trata desta alusão de forma bastante elucidativa aos estudos mediológicos e ao uso de alguns conceitos, como *médium* e *mediação*. Ambos utilizados com êxito pela Igreja Católica.

A originalidade decisiva do cristianismo, que decorre da Encarnação, é, portanto sua *vulgata*. Monoteísmo, batismo, missa, comunhão, tudo isso já era conhecido. O que é novo é a democratização da vida eterna (*Curso de midiologia geral*, p.139).

Segundo Debray, Jesus de Nazaré é o primeiro deus que foi completamente homem. Uma pessoa em carne e osso que foi a representação exata do primeiro *médium* de nossa história. É o corpo de Cristo fundindo emissor e a mensagem. “A notícia é o portador. *Message is message*” (*Curso de midiologia geral*, p.43). Ele o coloca não só como mero participante da história, mas alguém que se confunde com ela. A questão epistemológica colocada aqui, reside em saber de que maneira a curta história do *verbo feito carne* incorporou-se à longa história dos homens. Jesus torna-se o mediador único da salvação. É por meio dele que a Mediologia entra em ação com a história do cristianismo. Em comparação a isto, Debray cita a figura de Lênin, em relação ao marxismo:

Jesus é o mediador único da salvação, mas São Paulo é o melhor mediólogo em ação do cristianismo. Assim como Lênin em relação ao marxismo. Se entendemos por *ideólogo* o produtor de um sistema de interpretação da realidade, que fixa os objetivos da ação coletiva, e por estrategista o organizador das forças disponíveis para o prosseguimento de tal ação, que garante sua condução no terreno, neste caso, os estrategistas têm de alguma forma a Mediologia encavilhada no corpo, como instinto, não como saber (*Manifestos midiológicos*, p.127).

Desta forma, a malha dos signos é tecida e é preenchido o conjunto material e tecnicamente determinado dos meios e formas que garantem a contínua existência do fenômeno mediológico.

5.1.2 Lacunas teóricas

Mas apesar de fecundo em conceitos e citações históricas, *Curso de Midiologia Geral* é uma publicação que carrega uma série de lacunas epistemológicas. O papel mediológico de formador de nova teoria, que surge no escopo das disciplinas formadoras do campo das ciências humanas do século XX, carece de esclarecimentos quanto à questão do método, hipóteses e uma definição acabada de seu campo de atuação. A definição de um território mediológico composto por um objeto claro de estudo é uma estratégia ineficaz para Debray. É no início de *Curso de Midiologia* que vemos lacunas quanto à definição epistemológica que cerca a disciplina.

É factível que para o primeiro volume, Debray tenha exposto uma série de conceitos e teorias formuladas que poderiam ser melhor trabalhadas nas publicações seguintes, como é o caso de *Manifestos Midiológicos* (1995), ou mesmo *Introdução à Mediologia* (2004). Mas o que se vê em sua obra inicial são perguntas não respondidas com relação a formulação teórica e constituição metodológica do campo de estudos mediológicos.

Logo no primeiro capítulo de *Curso de Midiologia Geral*, Debray coloca a seguinte questão: o que é Mediologia e qual seu objeto de estudo? Segundo ele, os leitores deveriam estar a perguntar-se qual é o objeto de estudo por qual esta área de estudos se interessa. E de forma surpreendente, responde:

Começo por indicar-lhes o que ela não é. É frustrante, mas é uma questão de método, como dizia o outro. A unidade de uma disciplina tem de ser procurada no nível de seu objeto, ou de seu método. E sigo a ordem de exposição do bom senso que começa pelo objeto: de que se fala? (*Curso de midiologia geral*, p.17).

Segundo ele, apenas ao final do percurso é que se poderia chegar a tal resposta. Sendo o mais aborrecido, a arte de iniciar algo, ele se detém à utilização de categorias, esquemas, “mitos” e anteparos, que servem para delimitar e mesmo nomear as ações de pensamento

tomadas em âmbito mediológico. Neste começo é possível ver a utilização de palavras como “espírito” e “ideologia” para denominar processos ainda em estágio inicial. “Portanto, peço-lhes que tenham paciência” (*Curso de midiologia geral*, p.18).

No entanto a clareza quanto à limitação epistemológica da Mediologia fica patente ao longo da obra. Sua caracterização recairia mais sobre uma corrente de estudos, do que uma tradição de pesquisas. O termo “teoria”, segundo o dicionário de sociologia de Allan Johnson, relaciona o termo ao desenvolvimento de um método e em proposições claras de pesquisa, voltado à determinado estudo ou corrente de pesquisa.

Uma teoria é um conjunto de proposições logicamente inter-relacionadas e as implicações que delas derivam, usado para explicar algum fenômeno. Implícito em qualquer teoria há um conjunto de suposições e métodos básicos que raramente são questionados, numa perspectiva teórica (JOHNSON, 1997, p.231).

Além da questão do método, onde nos estudos mediológicos, ainda provoca dúvidas quanto à dedução das conseqüências possíveis de serem confrontadas com uma dada realidade, ainda não é possível visualizar uma avaliação rigorosa, com resultado teórico comprovado.

Sob os aspectos formadores do pensamento mediológico, Debray segue seu pensamento com a afirmação de que o *médium* não existe. É possível fazer aí, entrar instituições, como a escola, ou mesmo objetos técnicos, por exemplo, aparelho de rádio, tela de cinema, tubo catódico, ou ainda códigos sociais, como a gramática e a sintaxe. Mas esta indução de elementos ainda não é o bastante para uma definição concreta do conceito de *médium* e o conseqüente esclarecimento epistemológico acerca do objeto de estudo da Mediologia.

É como se tudo nesse mundo fosse mensagem e qualquer coisa pudesse servir de vetor de comunicação (um perfume comunica-me informações sobre uma mulher, um toque de buzina sobre meu mundo circundante, etc). Ainda que nos limitemos exclusivamente à comunicação verbal, “simbólica” e não “indicial”, aquela que, portanto, exige colocação em código e decodificação, o termo *médium* poderá aplicar-se tanto à linguagem natural utilizada, como ao órgão físico de apreensão (voz que articula, mão que traça sinais, olho que decifra texto), ao suporte material dos traços (papel ou tela), ao processo técnico de coleta de dados e reprodução (impresso, eletrônico): ou seja, no mínimo quatro acepções (*Curso de midiologia geral*, p.18).

Mas questionar-se ia o leitor, se a Mediologia não é a arte de exprimir conceitos imprecisos sobre um objeto impreciso. Para Debray apesar das evidências, esta afirmação é falsa. Sua resposta só aparecerá com a publicação de *Transmitir*, livro editado na França em

1997, no Brasil em 2000 e lugar encontrado pelo autor para tratar das verdadeiras intenções epistemológicas da Mediologia e cercar seu objeto de estudo. “Vamos nos concentrar, em um primeiro tempo, na perpetuação de sistemas simbólicos explícitos – religiões, ideologias, doutrinas e produções de arte” (*Transmitir*, p.22). É assim que Debray inicia sua explanação sobre o objeto circundante do saber mediológico em *Transmitir*.

Para ele, em um momento, mais maduro dentro da atividade de pesquisa mediológica, a fecundidade do campo encorajaria a certo salto formal em direção a uma disciplina que tratando das funções sociais superiores – arte, religião, ideologia – em suas relações com as estruturas sócio-técnicas de transmissão, teria como objeto as vias e meios de eficácia simbólica. Posto isto, Debray prolonga sua explanação com a afirmativa de que o mediólogo será o intermediário – ou seja, o *go-between* das diferentes esferas de influência, que assume um interesse especial pela história das técnicas e observa, como tecnólogo, a vida das formas e do espírito.

Já o papel do mediólogo retratado por Daniel Bougnoux, tem forte ligação com os meios de comunicação de massa. A Mediologia, para ele, aponta uma função obscura e geralmente negligenciada, o que está entre, o que ao nos vincular, nos organiza, o que permite duravelmente dizer *nós*. É preciso ter ferramentas para pensar, conhecer, crer, e ter em comum, mas acima disto:

Uma Mediologia conseqüente deveria interessar-se pela dimensão técnica da experiência quotidiana; esclareceria a estabilização de nossas relações pelas indústrias do *fazer crer* e pelos inúmeros dispositivos de mediação que nos contêm, nos organizam e nos permite cumprir esta proeza essencial a toda sociedade suficientemente boa: *viver juntos separadamente* (BOUGNOUX,1999, p.123).

Pensamento convergente com o de Debray, que afirma dedicar-se aos corpos médios, aquele que estão no meio da caixa preta de uma produção de sentido, entre um *in-put* e um *out-put* e são os grandes responsáveis por esta máquina de fazer sentido, que tornam operacional uma transmissão e formulam a questão do método: em que condições é possível uma herança? “Questão tão trivial quanto insólita, como todas as questões interessantes que têm o costume de transformar uma banalidade em enigma” (*Transmitir*, p.93). Questões que serão retomadas de forma mais acabada alguns anos depois com a publicação de *Transmitir*, e em seguida no livro *Introdução à Mediologia*, este talvez por ser um dos últimos volumes publicados acerca do tema, trata com distanciamento necessário a busca pela chave epistemológica, ainda não encontrada nos volumes anteriores.

5.2 A Mediologia em “Transmitir: O segredo e a força das idéias”

Pode-se dizer que o projeto mediológico ganha contornos reais de disciplina com objeto e método estabelecidos com a publicação de *Transmitir*. Única publicação, dentre as quatro obras estudadas por este projeto de pesquisa, que aborda e explica um conceito capital para os estudos mediológicos: *Matéria Organizada (M.O.)* e *Organização Materializada (O.M.)*. Conceito de ampla relevância, que implica no acasalamento entre fator técnico e fator institucional, questão capaz de esclarecer não só o passado atual, mais de forma ampla, o enigma da história humana como “sucessão sem exterioridade”, por meio da junção entre fator técnico e fator simbólico, ou melhor, pela combinação dos dois. Responsáveis pela geração da transmissão cultural entre as gerações. Se pudéssemos explicar de outra forma, seria como unir o técnico com o material para transformar o social que nos cerca.

Matéria Organizada e *Organização Materializada* nada mais são do que o acasalamento do fator técnico com o fator institucional, pelo e no processo de uma detenção das vias e meios da eficácia simbólica. Se a Mediologia concentra-se na perpetuação de sistemas simbólicos explícitos – religiões, ideologias, doutrinas e produções de arte – não há como deixar de nos questionar de que modo o mundo social reproduz suas estruturas constitutivas, tais como Estado, a família, a propriedade, as classes sociais, e como essa transmissão de sentido ultrapassa a esfera da linguagem articulada. “Em suma, se não há transmissão cultural sem técnica, também não há transmissão puramente técnica” (*Transmitir*, p.25). É por meio da relação O.M./M.O. que esse sistema é materializado e coletivizado. Duplo trabalho de elaboração que fabricará algo de memorável e ao mesmo tempo capaz de conservar vestígios em meio a coisas mortas ou já transformadas em monumentos.

O fator de transmissão é indissociável da informação organizada contida nos estoques identificáveis de memória que agem por meio de determinadas técnicas de inscrição, contagem, estocagem e colocação em circulação de organismos coletivos. Ou seja, organismos sociais que compõe nossa paisagem social são modificados por meio deste processo dialético entre técnica e cultura.

Inventemos um exemplo. Pense na publicação de um livro. Quem imaginou apenas o conteúdo a ser divulgado, ou a mensagem contida naquelas páginas errou pela pouca abrangência. Enquanto mediólogos devemos pensar não apenas no que contém as páginas daquele livro, mas na rotativa, nas estradas de transporte que o farão chegar a outros destinos, nos pontos de distribuição e no sistema econômico que possibilitará sua aquisição. Isso porque um livro não é feito sem toda essa estrutura e muito menos sua mensagem consegue

transmitir algo sem o aparato técnico que a cerca. E é por meio de toda esta rede de suporte que funciona um dos principais pilares mediológicos, a relação entre M.O. e O.M., onde representam respectivamente técnica e instituição que dá suporte. É a perpetuação de um pensamento por meio da *techné* que o dirige. Causa material e a causa eficiente. O técnico e o simbólico.

A interação M.O./ O.M. ou, ainda, a dialética suporte/relações, constitui o ponto nevrálgico do esquema proposto. Impossível tratar separadamente a instância comunitária do dispositivo de comunicação, uma sociabilidade de uma tecnicidade (*Transmitir*, p. 35).

Do lado da M.O. estão dispostas as coordenadas nas quais é possível distinguir o fator técnico utilizado: texto, imagem, som, pedra, madeira, papiro, papel, ondas, assim como o meio de transporte dos homens e das mensagens – caminhos, veículos, infra-estruturas, redes, etc. Sob a plaqueta M.O. será possível encontrar, organogramas e burocracias, bispos e professores, institutos, academias, chefes de repartição e líderes revolucionários. Por exemplo, o cinema. A sétima arte é a adição do cine-clube com o celulóide, ou mesmo de formas de organização surgidas de revistas, clubes, festivais, críticos, com uma técnica de representação dotada de caráter evolutivo – os aparelhos de projeção e de filmagem, a trilha sonora, a grande tela, etc.

Para pensar mediologicamente a produção simbólica das esferas superiores (arte, religião, cultura) é necessário adicionar uma estratégia a uma logística, uma *práxis* a uma *techné*, ou ainda de um endereçamento institucional com uma instrumentação maquinica.

O trabalho de transmissão deve ser analisado como uma dupla incorporação que combina dois tipos de formações: não há transmissão cultural sem técnica, bem como também não há transmissão puramente técnica. E o binômio M.O./O.M. trata justamente de colocar o projeto mediológico diante não apenas de uma sucessão de fatos simbólicos de transmissão, mas da transmissão e do uso de utensílios técnicos para que isto seja feito. Em outras palavras, não há transmissão gratuita. É necessário extrair, tratar, encaminhar ou espalhar determinada forma de informação, em conjunto com a operação técnica.

Revelando alguns fatores escondidos, e humildemente materiais, do que se chama pensamento, a pesquisa mediológica inscreve-se como redução contra explicações mais grandiosas, e daí resultará, fatalmente, para todos os idealismos uma espécie renovada de ferida narcísica; não gostamos muito de pensar as condições de nosso pensamento (BOUGNOUX ,1999, p.119).

Para Bounoux, o meio conjuntivo de atuação mediológica visa à ação de sujeitos (mediadores) e objetos (técnicos), encontrando-se aí a organização material – corpos

constituídos, instituições, Igrejas ou partidos – e a matéria organizada – ferramentas ou os meios propriamente ditos. Na eterna proposição do *fazer sentido*, Daniel Bounoux nos lembra que com a Mediologia,

Descemos até às condições materiais de nossas abstrações simbólicas e colocamos em movimento e em perspectiva histórica, representações que tendem a imobilizar-se na majestade ideal das superestruturas (BOUGNOUX,1999, p.119).

Inserir o processo mediológico em uma torrente de ferramentas técnicas pode ao mesmo tempo mostrar a compatibilidade entre a configuração mediática e o desempenho simbólico e respectivamente chamar atenção para o meio e a mensagem. Preferir-se-á dizer que é próprio da razão difundir-se de forma automática, como por exemplo, se propagam os raios solares e achar que é razoável aqueles que pensam do mesmo modo. Contra essas evidências ingênuas, no entanto, Bounoux ressalta que um espaço de propagação nunca está vazio, mas sempre já saturado de mensagens ou de representações conscientes; que a cultura tendo horror ao vazio, faz com que o espírito humano sempre busque explicações ou doutrinas satisfatórias. Bounoux coloca de forma conclusiva as ferramentas técnicas no mesmo patamar de nossas relações sociais e diz que esta, está subordinada à existência daquela.

Mas essa relação não caminha em linha reta. No meio de uma estrada tortuosa como a que une produção simbólica à ferramentas técnicas é necessário levar em conta que os estudos mediológicos devem sempre unir e não o oposto quando se trata dos aspectos simbólicos e técnicos dos fenômenos. Para ele, “pela mesma razão também não se separa o indivíduo e o meio, o si e os outros, o mundo interior e o exterior” (BOUGNOUX,1999, p. 121).

Debray concorda e diz que do mesmo modo que as tecnologias do *fazer-criar* - ao pé do ouvido, leitura pública leitura privada ou audiovisual, as ferramentas técnicas acabam por modificar a necessidade antropológica de criar. André Leroi-Gourhan⁴⁷, autor de *L’Homme et la matière*, tida por Debray como obra seminal das fontes de inspiração mediológicas, religa conquistas simbólicas às conquistas técnicas.

Segundo Leroi-Gourhan, “gênio científico escandalosamente ignorado” (*Transmitir*, p.104), o objeto técnico havia sido mostrado como um processo de exteriorização dos órgãos ou das faculdades internas. A foice é uma extensão do braço, assim como os óculos, o são dos olhos, que por si tornam-se extensão do olhar. O objeto técnico articula e mediatiza os dois mundos, abrindo um terceiro espaço, composto pela relação O.M./M.O., onde se encontra a

⁴⁷ Cf. Leroi-Gourhan, *Le geste et la parole*. v.1: *Technique et langage*; v. 2: *La mémoire et les rythmes* (Albin michel, Paris, 1964). Para uma análise mais extensa sobre a fisiologia dos processos técnicos de Leroi-Gouhan, ver Debray: *Transmitir*, p.75, 99, 107; *Manifestos midiológicos e Introdução à mediologia*, p. 30, 49, 87.

Mediologia, essa ciência capaz de abordar os espaços potenciais nos quais se estabelecem as negociatas de nossos pares antagonistas-complementares.

Sobre isso, Debray afirma que o animal humano sobrevive tanto por seus sonhos, quanto por suas próteses e reafirma o pensamento de Bougnoux quando diz:

a operação cultural inventa e mobiliza uma terceira e uma quarta ordem existentes, cujo conhecimento, contrariamente aos precedentes, ainda é muito imperfeito – sem dúvida será a obra dos próximos séculos: a matéria organizada e a organização materializada (*Transmitir*, p.24).

O que a Mediologia utiliza para a construção de seu pensamento é o casamento entre O.M. (Igreja, comunidade, relíquias, imagens santas, Escrituras) e M.O. (crença, fala, palavra de Jesus) são cruciais para a disseminação de uma fé religiosa que sobrevive até hoje. Pode-se afirmar que a geração biológica dos apóstolos desapareceu, mas não a sua crença, o que não deixa de ser um motivo surpreendente de investigação.

Do mesmo modo, convém questionar-se acerca de uma expressão utilizada pelos historiadores da filosofia: “o pensamento fundador de Platão”. Digamos que o filósofo em questão não tivesse tido a idéia de adquirir um terreno perto de Colona e instalar aí um santuário das Musas? Esse local, chamado de Academia tornou-se propriedade de uma escola e Platão lançou essa associação religiosa, responsável por instaurá-lo como originário de um pensamento disseminado até os dias atuais.

Debray coloca em cheque, o que teríamos conhecido a respeito de Platão se não fosse seu sucessor, o sobrinho Spêusipos, em seguida Xenocrates e depois Polêmon que, constituindo uma corrente, construíram a integridade de uma doutrina. “São os discípulos que inventaram os mestres” (*Transmitir*, p.35), afirma o pensador francês, trazendo a tona, os agentes cruciais de transformação simbólica de nossa paisagem social, sejam eles cristãos, marxistas ou platônicos. São os corpos, não espíritos, já que somente os primeiros podem anunciar a mensagem.

Mas acima de tudo afirma-se, que são corpos em relação a seu aparato técnico que foram capazes de organizar e estruturar pensamentos e vestígios simbólicos que viraram patrimônios imemoriais da humanidade. “Começai por fazer corpo, o espírito vos será dado por acréscimo, e uma sucessão será iniciada: a recolha faz a herança e não o contrário” (*Transmitir*, p.35).

Pode-se dizer, desta forma, que o esquema proposto M.O./O.M. constitui o ponto nevrálgico do edifício mediológico. A dialética suporte/relações é impossível de ser tratada isoladamente quando se fala em analisar as formas e vestígios simbólicos que acabam por

torna-se forças materiais. Para os ingressantes nas primeiras linhas do projeto mediológico é capital o reconhecimento da união entre aparelhagem e instituição ou esta àquela na análise dos percursos simbólicos. Caminho, no entanto, que não deixa de oferecer obstáculos aos andarilhos de primeira viagem. Para Debray, no campo das ciências humanas, cada especialidade saboreia o conforto e a preguiça da singularidade. Salvo raras exceções, estudiosos da filosofia social, historiadores e sociólogos, especialistas da O.M., viram as costas para os meios técnicos e para os aparelhos da memória. Como comentaristas reduzem a história das idéias à das doutrinas e das “grandes obras”. Inversamente, no lado dos adeptos da tecnologia, os tecnólogos, historiadores das mnemotécnicas e observadores da cultura material, estes por sua vez, especialistas da M.O., colocam, entre parênteses, as questões e parâmetros da história social ou política. Trata-se aqui, segundo o pensador francês, em pensar bases metodológicas de abarcar com o mesmo gesto teórico, o conjunto de artefatos e artifícios mediadores, que em determinados meios, permitem uma transmissão de sentido – conjunto que religa, simultaneamente, um pelo outro, o homem ao homem e o homem à matéria. Isso é o ideal mediológico. Debray cita o exemplo de André Leroi-Gourhan:

André Leroi-Gourhan demonstrou praticamente que – tenho o hominídeo se humanizado por suas operações – tanto a técnica havia inventado o homem, quanto o homem a técnica. Se é verdade que “o homem é programado para aprender” (F. Jacob), não seria possível, em primeira aproximação, qualificar como “técnica” qualquer atividade que não figure diretamente no programa? Falar é uma disposição natural: os humanos normalmente constituídos articulam, não há sociedade sem fala (*Transmitir*, p.100).

É para o autor de *Le Gest et la parole*, que Debray manifesta tamanho interesse pela obra, que segundo ele, é o mais denso relatório da sucessão dos homens, onde em incessantes idas-e-voltas entre o corporal e o espiritual, os vetores e os valores, as memórias e as libertações permite abarcar a partir da dinâmica dos milênios, a evolução combinada entre o córtex, o sílex e o signo. André Leroi-Gourhan foi capaz de deduzir as estruturas internas a partir de um ordenamento externo dos vestígios verificáveis a uma intenção de sentido.

Um exemplo caro disto é o fato de que a estagnação de nosso equipamento orgânico desde o homem de Neanderthal – de quem guardamos a caixa craniana e o arcabouço osteomuscular – é para Debray compensada com uma extensão explosiva dos artefatos de ajuda exterior; se nossa faculdade de memória individual diminuiu com nossos lembretes gráficos. Essa perda é compensada pela acumulação de memória extra-cerebral, que constituiu a aparelhagem coletiva da humanidade.

Essa ilimitação abre às sociedades uma marcha sem fim – neste aspecto, a tese do fim da história é uma idiotice, uma vez que a técnica é aquilo que não pode deixar de relançar a história (*Transmitir*, p.103).

É fato que haverá sempre mais força abrasiva na mó de moinho do que nas unhas da mão, mais informação armazenada em uma biblioteca do que nos neurônios humanos, mais poder de cálculo em um chip de silício do que no cérebro de Einstein. E justamente essa capacidade de expansão é que faz toda diferença na análise técnica dos fenômenos simbólicos.

Dadas as diferenças entre o instrumento que pode esgotar-se logo após o uso, a ferramenta técnica é conservada depois de sua utilização, como uma espécie de guarda-memória. Um sílex com duas faces talhado em amêndoa, por exemplo, é, sem dúvida, depósito e vetor de cultura, portador de uma competência aprendida. Uma Mediologia bem sucedida deveria permitir a investigação minuciosa de nossa própria paisagem ideológica com o olhar frio de um escavador de necrópoles, que pela cultura e pelo trabalho dos materiais encontrados reconstitui tal mentalidade desaparecida. O que Debray fala aqui, representa um aprofundamento nos valores da cultura técnica seus usos e atribuições, que em conjunto com vestígios simbólicos são capazes de apoiar e permitir a disseminação do material de estudo mediológico. A explanação do autor a respeito da transmissão cultural perpassa toda a obra *Transmitir* e posteriormente é retomada em *Introdução à Mediologia*, livro que apóia conceitos inaugurados no primeiro.

Cabe assim à Mediologia, explorar os espaços de construção simbólica de nossas crenças e de nossas ilusões vitais por meio de um aparato técnico que torna possível a relação O.M./M.O.

Dir-se-á que a arte de transmitir, ou de fazer cultura, consiste na adição de uma estratégia com uma logística, de uma práxis com uma techné, ou ainda de um endereçamento institucional com uma instrumentação semiótica (*Transmitir*, p.26).

Para Debray, a explicação da atuação entre M.O. e O.M. encontra-se na cadeia de sentido que utiliza constantemente elos vivos no processo de formação das crenças coletivas. Processo que carrega uma composição permanente e uma proporção dos componentes variável, ou seja, quanto mais forte for a inovação de uma mensagem simbólica, tanto mais sólida deverá ser a armadura organizacional de sua transmissão porque mais árdua será a abertura das vias em um meio hostil. Debray explica este fenômeno fazendo alusão à arte de criar um perfume.

Do mesmo modo que, em perfumaria, uma essência não diluída torna-se tóxica ou nociva, assim também existe uma arte mediológica de derramar algo de banal no original, como se deita água na fervura (*Transmitir*, p.27).

Outro exemplo é o do historiador, que não deixa de defender as estradas (M.O.) como forma primordial de criação dos impérios (O.M.).

A *matéria organizada* é o instrumento de produção de uma projeção de sentido; seu modo de produção, o macrosistema de transmissão em vigor – ele próprio híbrido de eras técnicas sobrepostas; e sua força produtiva, a coletividade recolhadora e irradiadora. Nessas ordenações do mundo, a *organização materializada* desempenha o papel-motor – em nosso exemplo, o Império Romano que abre estradas para enviar suas legiões e aspirar sai subsistência, reproduzir sua hegemonia (*Transmitir*, p. 27).

Com o exemplo da criação do Império romano, que com suas estradas acaba fundando uma civilização e supõe nessa construção fatores territorializantes, tais como o envio de tropas, a expedição de missões ou mesmo o recebimento de relatórios que eram feitos através da criação de estradas, e futuramente possibilitaram a expansão do cristianismo ocidental por meio das canalizações do Império, é possível ver claramente que dentro da relação exposta por Debray, nenhuma forma cultural é dada antecipadamente do dispositivo material que a torna possível. Nunca houve cultura sem maquinismo. Exemplo disto são as pedras erguidas, que não se erguem sozinhas, os estoques de memória que não se depositam por si mesmos. O vestígio, a jusante, tem a virtude – ou o vício – de suprimir seu traçado coletivo e coercitivo a montante. De forma a ilustrar este pensamento

A via romana sobrevive ao Império Romano, como as cópias do *Fédon* à Academia, e os *in-octavo* de Marx ao Movimento Comunista – sem o qual não teria sido feita a coletânea dos escritos, nem a patrimonialização em *opus*, tampouco sua colocação em circulação (*Transmitir*, p.28).

Mas Debray coloca ainda a questão do esquecimento que envolve o processo de transmissão bem sucedido. Segundo ele, uma transmissão realizada com sucesso acaba por ser esquecida. É como o exemplo do livro. Quando comentamos a respeito de um *best-seller*, não conseguimos lembrar de toda rede de suporte que deu acesso àqueles escritos, ou mesmo as estradas que serviram de transporte àquela demanda literária. Apenas nos lembramos do prazer de ler tal conteúdo.

Daniel Bounoux deixa claro o que pensa a respeito do *médium* quando afirma que os meios de comunicação de massa são verdadeiros *médium* na medida em que continuam sendo para nós inconscientes.

É preciso fazer uma Mediologia (=uma ecologia das idéias) na medida em que os meios de comunicação de massa continuam sendo para nós constitutivamente inconscientes. O bom médium trabalha para ser esquecido; transparente, parece deixar que as coisas falem por si mesmas. [...] Todo progresso mediático enterra o meio termo e encurta o circuito de acesso; e a Mediologia relata a pequena história desses curto-circuitos (BOUGNOUX,1994, p.33).

Debray discorda de Bounoux e diz que o *médium* trata de um espaço construído a partir de redes, agentes de ligação, credenciadores. A tipografia, por exemplo, os editores, divulgadores, bibliotecários, organizadores de rodas de leitura, todos selecionam, difundem e dinamizam a informação, acabando desta forma, por deixá-la assimilável aos agentes ativos de sua apropriação e posterior transformação.

Ele chama atenção para a necessidade de ir contra este movimento e organizar as escalas de pensamento, de forma que a transmissão seja equivalente a fazer um território, solidificar um conjunto, traçar fronteiras. Para isso, é necessário garantir a herança por meio de um titular autorizado, sua circulação na comunidade e, por fim, a aclimação das duas coisas ao meio exterior. Essa receita, aparentemente, simples é responsável pela relação primordial que une uma memória a um território e, mais amplamente, o simbólico ao político. “Não existe território, ideal ou físico, sem capital – de *caput*, cabeça – nem escola sem diretor, nem doutrina sem fundador, nem cantão sem sede” (*Transmitir*, p.29).

Para Debray, a fortificação territorial está sedimentada em um processo ortodoxo encarregado de reconduzir a partilha fundadora entre o interior e o exterior. Em outras palavras, organizar significa hierarquizar e para isso vislumbrar a formação de territórios a partir de um centro (dirigente) e periferias (subordinadas). Está aí a chave da relação entre rede (técnica) e território (político). Um exemplo contrário, para ele, seria a internet, rede sem cabeça, que em uma ambiente anárquico é incapaz de “transmutar os neurônios de um cérebro planetário em membros de uma comunidade de sentimento e ação” (*Transmitir*, p.30).

A crítica de Debray quanto à formação da tão sonhada “ciberdemocracia” proposta por Pierre Lévy encontra-se na formação estrutural da Web, horizontal e ilimitada. “A ‘ciberdemocracia’ é o sonho do tecnocrata que esqueceu sua parte animal (aquela que é administrada – daí, seu permanente sucesso – pelos *encarregados da demarcação* que, afinal de contas são os profetas religiosos e políticos)” (*Transmitir*, p.30). A falta de uma unidade, de uma cabeça é fator de impedimento, portanto, para a criação de um meio técnico de transmissão que poderia vir a ser a forma institucional de comunicação de toda uma civilização.

Uma rede não é um não-território, mas uma conexidade organizada (definição mínima da rede, termo surgido no início do século XIX, com as canalizações urbanas de esgoto e transporte de água) não corresponde aos mesmos critérios de eficácia de uma simples relação de ordem com sentido único (*Transmitir*, p.31).

Por outro lado, há aqui de merecer que seja feita uma reflexão especial para a defasagem existente entre a instituição portadora (O.M.) e a infra-estrutura material (M.O.). A matéria organizada é inovadora, enquanto a organização materializada é conservadora, representa um motor imóvel na história das transmissões. Reside aí, segundo Debray, nossa grande “crise identitária”, interpretada pelo mediólogo como o resultado do confronto entre a crosta técnica da espécie humana, em acelerada renovação e, o manto subterrâneo das culturas, violentamente comprimida pela primeira, embora com fraca elasticidade.

A comunidade judaica atual conserva os mesmos ritos, observa o mesmo calendário, salmodeia os mesmos versículos, com o mesmo balanceamento já praticado há três mil anos (segurando a maleta com uma das mãos, a Tora com a outra, como pode ser visto junto ao Muro de Jerusalém). A Igreja católica e romana conservam quadros de pensamento e administração herdados de uma época técnica totalmente ultrapassada, a da era constantiniana. O crente da informática contemporâneo da energia atômica respeita o mesmo ano litúrgico e move-se na mesma geografia dos Lugares Santos (Roma, Jerusalém, Santiago de Compostela, etc) do contemporâneo de Felipe II e dos moinhos de vento (*Transmitir*, p.31).

Ou seja, os filhos dos novos tempos vivem e respiram os mesmos ares da escolástica medieval. Vivemos com as mesmas “orientações” espaciais e temporais datadas da época de criação do Cristianismo. Isso se deve, segundo Debray, pelo fato de que mesmo atravessando distintas fases técnicas: literal, analógica e digital, a memória cultural da humanidade mantém-se a mesma. “Com efeito, não é verdade que, no conflito ‘memória étnica / tendência técnica’, pode ser pressentido o desafio do próximo século” (*Transmitir*, p.64).

Daniel Bougnoux responde esta questão dizendo que vivemos em um tempo de contradições inevitáveis entre as configurações mediáticas e o desempenho simbólico. Não se pode esperar, por exemplo, da *videosfera* – época aberta pelo rádio, televisão, audiovisual e o aumento em potência do imediato em geral – que ela estenda e mantenha promessas nascidas da *grafosfera*, a qual repousava, essencialmente, sobre as transmissões do escrito e do livro.

Vivendo no ponto de encontro das duas esferas, vemos, com nostalgia, afastar-se uma forma de cultura vinculada ao livro, e com incompreensão, portanto inquietação, advirem outras formas de imaginário, de saberes, ou de outras maneiras de ficar junto (BOUGNOUX, 1999, p.120).

Segundo ele, estando o tempo da cultura necessariamente atrasado, em relação ao tempo das ferramentas, este intervalo leva-nos a julgar uma mediasfera, segundo os critérios e desempenhos instituidores da precedente. A julgar a televisão, segundos os valores do cinema, as telas pela medida dos escritos, ou a Internet com os valores do livro. Muitos trabalhos acadêmicos foram escritos sobre “Isto matará aquilo” como forma de declamar o fim da cultura e a estabilização do fator técnico⁴⁸.

Mas os bons espíritos que entram em guerra contra a televisão, a Internet ou o “virtual” cometem o erro lógico de se enganar de andar, ou de endereço: esquecem-se de que esta cultura ou este real, que eles invocam em seu benefício, nunca deixou de ser artefato ou categoria técnica, condicionado pelas ferramentas disponíveis (BOUGNOUX, 1999, p.121).

Um pouco de cultura técnica deveria corrigir estas recriminações, que tornam os estudos mediológicos pesados. Bounoux resume: “A Mediologia não é uma melancolia” (1999, p.121).

Mas se a Mediologia como disse Bounoux e Debray, não é o prazer de tornar mais pesado um estoque de neologismos já suficientemente grande, como definir as relações entre ferramenta técnica e o mundo simbólico? Entre o meio e a mensagem? Entre o estilo de pensamento e o maquinário que o envolve? Para Bounoux esta ligação recai diretamente sobre a forma como nos relacionamos socialmente. Para ele, nossas relações sociais são informadas e mediatizadas por dispositivos técnicos. Relação pragmática e relação técnica giram em círculo e os estudos comunicacionais devem, portanto, via de regra, unir estas duas extremidades e nunca colocá-los em contraposição. “Mas, pela razão de comunicação ou mediológica, também não se separarão o indivíduo e o meio, o si e os outros, o mundo interior e o mundo exterior” (Bounoux, 1999, p.121). E Debray reintegra o pensamento de seu contemporâneo com a afirmação de que a Mediologia não diz respeito ao *domínio dos objetos*, mas ao *domínio das relações*, o que é um ponto fundamental.

É exatamente esse o nosso propósito: estabelecer as correlações entre as nossas “funções sociais superiores” – ciência, religião, arte, ideologia, política – e os nossos procedimentos de memorização, representação e remoção: explorar as intersecções entre “o nobre” e o “vulgar”, o que frequentemente é traduzido por unir um macro a um microfenômeno correndo o risco de descer na escala, pequenas causas, grandes efeitos (*Introdução à mediologia*, p.65).

⁴⁸ Diferente de Debray e Bounoux, Leroi-Gouhan, no capítulo final de um de seus livros, discorre a respeito de que ou o homem vai sobreviver como um homo sapiens ou nós estamos fadados a regredir a um estado primário. Ele deixa claro sua preocupação com o futuro da humanidade e teme o pior, já que a humanidade vem se exterminando desde o século XVIII. “Os humanos podem já habitar esse planeta há dois bilhões de anos, mas se não formos cautelosos e mantermos nossa tecnologia sob controle, pode ser que nós tenhamos somente mais alguns mil anos pela frente”. Leroi-Gouhan, A. Les racines du monde Paris: Belfond, 1982, p. 242.

Para o autor, deixar de lado essa relação é como estudar a história simbólica, apenas descrevendo o histórico de um símbolo, ou produzir uma obra no campo dos estudos mediológicos apenas recompondo a trajetória da escrita, do livro ou da televisão. Bruno Latour e outros autores já têm nos mostrado que não há objeto técnico puramente técnico, totalmente “inumano” ou redutível a uma pura neutralidade instrumental. Está carregado de valores positivos e negativos, inseridos em instituições, redes sociais. “Se os objetos inanimados não tivessem uma alma (social), não seria compreensível que as coisas pudessem também falar-nos dos homens” (*Transmitir*, p.67).

Debray segue dizendo que depois dos trabalhos de Alain Gras e de Philippe Breton sabemos o quanto a história das mentalidades está grudada à de nossas máquinas e como a história das máquinas prolonga nossos mitos e alimenta outros, como por exemplo, Frankenstein. Portanto, não se pode traçar fronteiras inimigas entre os campos. “Todos nós sabemos que a menor atividade cultural ou arquivamento de uma informação em um texto, de um quadro ou de uma partitura, supõe de competência artesanal no tratamento de certos materiais ou dispositivos” (*Transmitir*, p.68).

Em suma, o objeto manufaturado e até mesmo padronizado (o automóvel) veicula os sonhos, o estilo, os valores, a auto-imagem de uma época, implica na junção da máquina com o sonho, da estrutura técnica com a carga simbólica capaz de transmitir toda essa informação.

Se, para esclarecer o complicado, nos lembrássemos de colocar em ordem, do lado da “cultura”, as relações entre as pessoas e, do lado “técnica”, as relações das pessoas com as coisas, constataríamos imediatamente que as relações sujeito-sujeito são mediatizadas por algo de objetivo, assim como as relações sujeito-objeto o são por subjetividades subjacentes, colegiais ou coletivas (*Transmitir*, p.68).

Na prática, a mediação opera nos dois sentidos e o mediólogo atuará como o intermediário,

o *go-between* das diferentes esferas de influência, infeliz do ponto de vista social por não estar ligado a uma corporação – que assume um interesse propriamente espiritual pela história das técnicas e observa, como tecnólogo, a vida das formas e do espírito. Esse afastamento é tão difícil de viver quanto de conceitualizar e, no entanto, nosso alógeno entre a cruz e a espada tem o vago sentimento de encontrar-se no âmago do assunto (*Transmitir*, p.63).

5.2.2 Efeito jogging: retroação da cultura em relação à técnica

Em meados deste século, alguns futuristas prognosticaram que o uso imoderado do automóvel pelos cidadãos provocaria, em breve, a atrofia dos membros inferiores, pelo fato do bípede motorizado ter perdido o costume de andar. Na realidade, o que se observa é que desde que as pessoas pararam de andar, elas correm. Freneticamente. Nos parques, em uma sala, na esteira. O ato de correr, ou em inglês, *jogging*, é um nome irônico a um efeito que, para Debray, denomina da retroação da cultura em relação à técnica. É o chamado *efeito jogging do progresso técnico*. Algo que tenta mostrar como o determinismo tecnológico é capaz de atuar como fator multiplicador da cultura. O *efeito jogging* está presente em uma série de fenômenos cotidianos. Ele potencializa a função cultural em detrimento da marca tecnológica que a gerou. François Dagognet já havia mencionado que a matéria avança mais depressa que o espírito. No entanto, o imperativo tecnológico acabar por multiplicar o processo de transmissão cultural, em sua potência máxima.

Vamos chamar atenção para o prosaico sanduíche consumido no mundo todo em cadeias de *fast-food*. Esse prosaico alimento, muito comum, especialmente na cultura norte-americana foi a causa que originou a criação de uma rede universal de *fast-food* mega-étnico, o *McDonald's*. O aparecimento do sanduíche de fácil preparo e gosto comum, poderia ter levado ao fechamento, em Londres, Nova York e Paris, de restaurantes tailandeses, chineses, indianos e marroquinos. No entanto, o que aconteceu foi a proliferação destes centros culinários, demonstrando a necessidade coletiva de recentralização em referências simbólicas da cultura local.

O livro *Transmitir* e posteriormente *Introdução à Mediologia*, são as únicas, das quatro publicações analisadas, que demonstram como o *efeito jogging* recai sobre a cultura. O termo não é citado nas outras duas publicações analisadas e ganha contornos especiais enquanto demonstrativo claro de atuação da dialética entre cultura e técnica. Algumas situações do chamado *efeito jogging* podem ser explicadas em exemplos claros do cotidiano social. Vamos a elas.

Efeito jogging nos idiomas. A mundialização do inglês como ferramenta padrão de comunicação deveria ter sido fator de anulação para as outras línguas. Não é o caso. A língua das ciências, das bolsas de valores e das redes acaba por despertar o patriotismo lingüístico dos dominados e sugere a necessidade do plurilingüismo. A dialética cultura versus técnica no

caso concreto do linguajar faz do unilingüismo multinacional – o inglês – ideal econômico dos empreendedores dentro de suas federações, mas não viável a alma dos povos.

É visto que o inglês obrigatório nos colégios, recomendações e revistas científicas reaviva a seiva criadora dos dialetos. Na Europa, por exemplo, existem mais de 70 línguas faladas. “Ora diante de um médium utilitário, a língua predileta volta a ser a maternal, a territorial” (*Transmitir*, p.83). A cultura, como bem define Debray, está do lado do vivo e o que é próprio do vivo consiste em ser múltiplo, turbulento, proliferante.

Efeito jogging no vestuário. A maneira de vestir é uma marca distintiva de nossa zoologia social e o ser humano distingue-se por unidades étnicas. Assim, como a língua, o traje é um traço típico de etnicidade.

Com toda certeza, Leroi-Gourhan não se enganava ao ver “na perda dos trajes nacionais e profissionais” o sinal mais impressionante de desintegração étnica (*Transmitir*, p.84).

A uniformização na maneira de vestir assinala um processo de mutação altamente tecnológico dos indivíduos despojados de sua personalidade coletiva nacional, regional ou corporativa. Mas, o menor denominador comum dos adereços, tais como o *blue-jeans*, a *T-shirt* e o blusão, adotados de acordo com a adaptação do mais forte modelo de identificação, no caso o americano, é diretamente compensado pela tatuagem, *piercing*, excesso de penteados, produção de filmes e telefilmes com vestuário de época, paradas ou desfiles onde os figurantes usam trajes da região ou de cerimônia.

Efeito jogging no arquivo. Em um mundo tecnicista, a memória é mero artefato documental, onde a construção de bibliotecas gigantes representa um contra-senso ridículo. Na época do on-line e da consulta digital à distância, a circulação é fator máster para tornar inútil a concentração. O que ocorre no entanto é a proliferação de centros de arquivamento e memória de informações. Debray lembra que, a cada dia, um museu é inaugurado no mundo, fazendo apelo a uma profusão de “lugares de memórias” e demonstrando que quanto menor é a coerência coletiva, maior será o número de símbolos comunitários ou mediações que religam o indivíduo à seu patrimônio coletivo.

De acordo com Bougnoux, esse retorno lancinante dos arcaísmos refuta bastante cruelmente as filosofias do progresso inspiradas pela Revolução Francesa e todos aqueles que acreditavam, durante o pleno florescimento do capitalismo e da colonização, que, por exemplo, a abertura das escolas conduziria ao fechamento das igrejas e à extinção das prisões. Pensamento, que para Debray, representa em dose exagerada, o desequilíbrio de organismos civilizatórios, por meio da tecnicidade – nossas aglomerações urbanas – as quais, passando

por processos deste tipo, voltam a fabricar tecnicamente a natureza sob medida. Um exemplo claro são os CDs com marés, trovões e cantos de pássaros que tentam escapar a tecnicidade exacerbada do meio circundante.

O homem tecnológico tem, pelas mesmas razões, tanta necessidade da natureza, quanto da cultura – tanto de parques nacionais, jardinagem, cantos de pássaros e esquilos nas praças, quanto de espetáculos vivos, mitos incompreensíveis e velhos livros de magia. [...] Da mesma forma que os seres vivos dotados de uma parafernália excessiva têm necessidade de um mínimo de cosmos, assim também a integração cósmica precisa de um mínimo de etnicidade (*Transmitir*, p.85).

Para Debray, tudo se passa como se a mundialização dos objetos e signos apresentasse no avesso uma tribalização de sujeitos e valores. A questão mediológica não deixa de se basear no questionamento de que maneira a aparição de uma aparelhagem modifica uma instituição, uma teoria estabelecida ou uma prática já codificada. Questionamos-nos, enquanto mediólogos, como um novo objeto técnico leva um campo tradicional a modificar-se? Um exemplo disto pode ser a mudança nos suportes que originou transformações sobre a definição de uma arte, ou mesmo o que o disco mudou na música, a fotografia na pintura, assim como na literatura. Por exemplo, o que a aparição da fotografia modificou a arte da pintura? O que a eletricidade mudou na arquitetura ou a aparição da televisão, na venda e modo de fazer da imprensa escrita. Walter Benjamin um dos precursores da Mediologia e uma das maiores fontes de inspiração da disciplina, já havia se questionado não se a fotografia é uma obra de arte, mas o que a fotografia mudou no conceito artístico moderno.

Assim, não é nada espantoso que os poetas e os artistas, de forma intuitiva, tenham sido e continuem a ser os pioneiros da sensibilidade mediológica – que curto-circuita as hierarquias e avança a corta-mato – e, de forma reflexiva, o precursor do método fosse um historiador filósofo que se manteve o mais perto possível das materialidades evolutivas da arte: Walter Benjamin (*Introdução à mediologia*, p.57).

Portanto, segundo Debray, o que vemos aqui são transformações, “de um lado, na geomorfologia de uma paisagem cultural e, do outro, sua geodinâmica”. Interessar-nos-emos, enquanto mediólogos, por este choque cultural, nesta zona de fricções ultra-sensíveis, onde o manto subterrâneo das culturas é violentamente comprimido pela crosta técnica da espécie humana (*Transmitir*, p.139). Os mediólogos estão interessados nos efeitos das transformações sociais e culturais causadas por fatores técnicos responsáveis por estas modificações.

Como alusão ao trabalho mediológico, Debray nos propõe investigar uma obra de arte:

Diante de uma imagem fixa chamada de arte, pintada ou esculpida – seja ela medieval, barroca ou de vanguarda – retiraremos nossos óculos de estetas, semiólogos, iconólogos ou filósofos de arte. Não nos dedicaremos ao estilo, nem a significação oculta, tampouco aos códigos de figuração.

Deslocaremos a ênfase, de maneira falsamente ingênua, para o mais tolo: qual suporte? Qual procedimento material de fabricação? Qual função? Qual tipo de atenção é exigido por ela? Está ou não assinada? Vamos aperceber-nos, então, de que não podemos considerar a eficácia da imagem como uma operação simbólica – com o quê ela nos coloca em relação? – sem considerar a imagem como produto técnico – em qual cadeia operatória ela se inscreve? (*Transmitir*, p.154).

Descrição que se contenta em desdobrar as panóplias que podem tornar operacional uma transmissão e constitui-se como um dos pilares na busca pelo método mediológico: em que condições é possível uma herança? “Questão tão trivial quanto insólita, como todas as questões interessantes que têm o costume de transformar uma banalidade em enigma” (*Transmitir*, p.93).

Assim tornar-se-ia o projeto mediológico, descrito em *Transmitir*, um programa de pesquisa proposto em dois ramos. De um lado, perguntar-nos-emos por quais redes de transmissão e formas de organização se constitui esta ou aquela herança cultural. De que maneira foram instituídos os pensamentos fundadores? Quais meios físicos, materiais, espirituais e simbólicos tiveram que atravessar, quais tipos de compromissos tiveram de aceitar até sua fundamentação? De que maneira um novo objeto técnico leva um campo tradicional a modificar-se? De que maneira a mudança de suporte repercute sobre a definição de valores culturais? Questões discutidas e tratadas em uma obra que analisa desde a fundação do catolicismo enquanto a ideologia, até na construção de estradas e impérios. Portanto, o que há de interessar ao investigador mediológico é o choque entre elementos heterogêneos.

O que Debray coloca em cheque é a junção entre fator técnico e cultural que não podendo viver de forma separada, unem-se em prol da construção simbólica de toda uma sociedade. “Pequena causa técnica, grande efeito civilizacional”, já havia dito Bounoux. O que se pergunta o autor é quanto tempo mais será necessário até que se perceba que a inovação nascida dos meios técnicos, ou na chamada *tecnosfera*, se infiltre no âmbito simbólico.

Chamaremos, portanto, *técnica* em geral, o conjunto dos objetos ou das operações que não podem *não* progredir porque estão expostas ao torneio permanente da concorrência ou, como diria Popper, da falsificabilidade. Mas nas vizinhanças deste vetor técnico que tende a adotar a linha reta, a profundidade e os meandros do tempo social merecerão ser mais bem escrutados. Quanto tempo e persistência são necessários para que tal inovação nascida na *tecnosfera* infiltre e penetre com sua lei na esfera simbólica? (BOUGNOUX,1999, p.115).

Bougnoux chama atenção aqui para o mundo dos objetos técnicos, como algo que se move e não pode cessar de transformar-se. Cabe a Mediologia, enquanto, disciplina que estuda os fenômenos simbólicos, de um mundo em constante transformação técnica, colocar-se contra o reducionismo, ou o determinismo técnico. Ou mesmo, como afirma Bougnoux: “e também não pode se comprazer-se numa deploração passeísta” (1999, p. 116). Portanto, a história técnica deu à Mediologia um sólido terreno empírico, mas a Mediologia interessar-se-á antes de tudo pelos usos e efeitos simbólicos de tais artifícios.

5.3 A Mediologia em “Introdução à Mediologia”

Com o primeiro traçado sobre a relevância dos objetos técnicos enquanto construtores do processo de transmissão social, Régis Debray fecha a obra *Transmitir*, com um projeto inacabado em mente. O fio condutor que faltava, do ponto de vista teórico e metodológico, ao projeto de uma Mediologia, viria mais a frente, com a publicação de *Introdução à Mediologia*, lançado em 2004. Publicação que, apesar do caráter introdutório, traz consigo o peso da maturidade teórica de um projeto iniciado, nos anos 90, com o livro *Curso de Mediologia Geral*.

O tempo da transmissão, as relações, a eficácia simbólica e a interdisciplinaridade são assuntos que permeiam toda a obra *Introdução à Mediologia*, e explicam ao leitor o porquê de um projeto mediológico. Não é tarefa fácil entender o pensamento de Debray, sem por último, se dirigir a uma, que talvez seja a mais elucidativa de suas publicações mediológicas. Marcada por diferenças que, na visão do autor, são cruciais para o entendimento e esclarecimento da disciplina proposta, *Introdução à Mediologia* deixa claro logo nas primeiras linhas do texto: “na realidade, o que caracteriza uma ciência, é o *ponto de vista* e não o objeto” (*Introdução à Mediologia*, p.11). Frase que serve para delimitar o campo de estudos mediológicos e mostrar que o assunto tratado é o *homem que transmite*.

Como não o conhecemos [*o homem que transmite*] tão bem como aos outros, temos de desenvolver um esforço conceitual mais original, ou deslocado, no que se relaciona com os pontos de vista anteriores (*Introdução à mediologia*, p.11).

Pontos de vista já estudados pelo largo espectro das ciências humanas, mas ainda não explorado do ponto de vista da transmissão social, onde de uma perspectiva diacrônica é analisado as interações que os indivíduos executam entre as gerações. O que está em jogo é a

dinâmica da memória coletiva, inserido em um todo mais complexo que abriga a comunicação como momento, ou apenas uma parte deste todo em questão.

O termo comunicação conheceu na nossa época um enorme enriquecimento (por razões que examinaremos mais adiante). Temos de ultrapassar o horizonte do “comunicar” para chegar ao continente do “transmitir” que não é visível a olho nu e que, como todos os conceitos operativos, não podem ser recebidos em estado bruto da experiência imediata. Muito embora a sua familiaridade e os seus títulos de nobreza, ou melhor, por causa deles, encontra-se aí o nosso primeiro “obstáculo epistemológico” (*Introdução à mediologia*, p.12).

É com esta diferenciação clara que Debray inicia o livro *Introdução à Mediologia* e começa a tratar do que, segundo ele, tem caráter histórico e é capaz, realmente, de deixar seu legado à humanidade: a transmissão cultural. Para ele, o fato de transmitir engloba o de comunicar em um processo anterior, onde para transmitir é necessário, antes disso, comunicar.

Se Jesus de Nazaré não tivesse comunicado com as pessoas que o rodeavam, se não tivesse conversado com os seus discípulos, se não tivesse interpelado as multidões, jamais a Igreja cristã poderia ter assegurado a transmissão da mensagem evangélica através das épocas e dos continentes (*Introdução à mediologia*, p.13).

A diferença de nomenclatura é para Debray fator chave na delimitação teórica e reconhecimento de uma área de estudos, que se interessa por fatores com maior relevância, que os estabelecidos pela comunicação. O autor francês retoma o conceito de comunicação já citado anteriormente, que consiste em máquinas de comunicar, como o telégrafo, a televisão e o computador, reforçando a extensão matemática e telefônica similar à Teoria da Informação de Shannon e Weaver.

Não pode haver - e nunca houve - nenhuma máquina de transmissão. [...] Uma transmissão não é nem imediata nem impessoal. Pode ser uma relação interpessoal - entre pai e filho, mestre e discípulo, professor e aluno, companheiro e aprendiz, etc. Tecnicamente arquitetada mas onde a interface técnica não é condição suficiente (*Introdução à mediologia*, p.13).

Assim, é estabelecida a primeira diferenciação no olhar de um mesmo objeto tratado, que para o francês Régis Debray é fundamental no processo de construção epistemológica da Mediologia.

5.3.1 Transmitir sim, mas para quê?

Já foi visto que Debray deixa clara a distância existente entre o ato de comunicar e o de transmitir. Fator agravado pelo fato de que, segundo ele, a transmissão começa ainda na infância. É o pai, a figura responsável por transmitir ao filho sua educação e valores. É na escola onde são transmitidas as futuras normas de convívio social, e isto não para por aí. Desenvolvem-se no tempo hierarquias e protocolos determinados que progridem por etapas segundo rituais sociais de aprendizagem, filiação ou mesmo adoção. Debray ressalta um fragmento do escritor Paul Valéry, que diz:

O maior triunfo do homem – e de algumas outras espécies – sobre as coisas é ter sabido transportar para o amanhã os efeitos e os frutos do trabalho da véspera. A humanidade só lentamente se elevou sobre a imensidão do durável (Paul Valéry *apud* Debray, *Transmitir*, p.13).

O que é dito aqui incide diretamente sobre o processo de perpetuação das idéias, das crenças e do saber, que exige um elo de filiação comunitária sob o qual se encontra um local de identificação imaginário – a Igreja, o Partido, a Família, a Empresa – e não se conhece sem uma genealogia assumida. Postura esta, que exclui do escopo formador das tradições e da herança social, a comunicação, por seu caráter, acreditado efêmero e pouco duradouro.

Para Debray, articular a legitimidade de valores simbólicos passados entre as gerações, não determinados por um genoma específico ou por filiação biológica, mas por tradição cultural é sinônimo de excluir o fator comunicar de todo este processo. Para se articularem a legitimidade dos valores ou mesmo a validade dos conteúdos, é necessário aqui evocar o que foi dito em *Transmitir: Organização Materializada (O.M.) e Matéria Organizada (M.O.)*. Se ganha muito mais com a valorização e estudo do funcionamento da Organização Materializada, do que de sua prima-irmã tecnológica, a Matéria Organizada.

A idéia de que é possível assegurar uma transmissão (cultural) com meios (técnicos) de comunicação constitui uma das ilusões mais típicas da “sociedade de comunicação”, característica de uma modernidade cada vez mais bem armada para a conquista do espaço e cada vez menos para o domínio do tempo (ficando por se saber se uma época pode simultaneamente domesticar um *e* outro ou se todas as culturas não estarão vocacionadas para preferir um *ou* outro) (*Introdução à mediologia*, p.14).

O que Debray afirma com este pensamento é que nosso parque de máquinas fascina-nos, em contrapartida, a nossa variedade de instituições aborrece-nos. Isso porque o primeiro se renova constantemente e com uma velocidade quase incapaz de se acompanhar e o segundo se reproduz pouco ou de forma muito semelhante.

É visto, desta forma, que se em *Transmitir* o discurso acerca da M.O. e O.M. foi iniciado com parcimônia e de forma ponderada, com o objetivo principal de mostrar que ambas co-habitam um mesmo território, em *Introdução à Mediologia* este discurso ganha contorno bem mais partidário em favor da retirada da comunicação do escopo mediológico. Isso porque para atravessar o espaço basta um aparelho, para atravessar o tempo é necessário um instrumento material ou formal somado a uma instituição social.

Um exemplo tangível dado por Debray é a biblioteca. Entende-se por biblioteca, um armário de livros, um conjunto de sinais escritos depositados para a conservação e consulta sob a forma de volumes e de impressos em um edifício apropriado. Esta concentração física, nada mais é do que a reserva de memória exterior de determinada transmissão interior. Receptáculo, que não tem apenas a missão de conservar a herança simbólica dos séculos, mas de suscitar também a inscrição de novos vestígios, servindo de matriz para rituais próprios a determinada comunidade – tradução, compilação, etc. Uma biblioteca é capaz de gerar escritores e foi criado como que num ato de soberania política. Não há biblioteca que não tenha sido real, pontifical, principesca, do Senado, o Presidente, da Ordem, ou da Universidade.

Está aí o *suporte do suporte*, o invisível operador da transmissão do qual a biblioteca é o meio vidente mas não o motor. Mais precisamente, é esta comunidade instituída que *transforma o depósito em vetor*, inclusive de sua própria perpetuação (*Introdução à mediologia*, p. 15).

A biblioteca (O.M.) será a prótese indispensável para toda uma reprodução simbólica social, mas não seu fator preponderante, que equivale a lembrar que em nenhuma instância a dispensa é o necessário para se acabar com a fome, é necessário aqui uma intervenção orgânica prévia. Portanto, a memória externa dos livros só adquire força através da memória interna de um grupo. O que Debray tenta chamar atenção aqui é para a visão errônea de que a memória coletiva é capaz de descansar nos lugares sob o mesmo nome. É necessário aqui distinguir entre procedimento e processo. Fator, que na obra *Transmitir* foram colocados enquanto junção, enquanto algo que deveria unir-se. Em outras palavras, é em *Introdução à Mediologia* que o autor utiliza-se de alguns conceitos lançados em sua obra anterior para contrapor duas correntes de pensamento: o comunicar e o transmitir.

Dos pressupostos colocados acima, Debray inaugura um campo de pesquisa, mais amplo, que o reservado à investigação sobre a comunicação e reafirma sua posição quanto à necessidade de um organograma simbólico que mantenha a mensagem viva, mesmo após a morte de seu emissor – ou dos primeiros destinatários . Este organograma, composto por

elementos, que para Debray, não fazem parte do edifício comunicacional, fazem parte da construção de identidade do que diz respeito mais ao ser do que ao ter dos indivíduos.

Dada a sua ligação matricial aos *mass media*, a comunicação está prioritariamente ligada ao universo dos sinais lingüísticos ou aparentados – a linguagem musical, a linguagem cinematográfica – enquanto a transmissão inclui, para além e para aquém do verbal, muitos outros suportes de sentido: tanto gestos e locais, como palavras e imagens, tanto cerimônias, como textos, tanto fenômenos corporais e arquitetônicos como fenômenos do intelectual e da moral (*Introdução à mediologia*, p.17).

Desta forma, pode-se exemplificar a situação exposta por Debray tal qual um jornalista é capaz de comunicar, um professor de transmitir, traçando-se assim, diferença crucial entre as informações em relação ao conhecimento. “Um notário trata das sucessões, um padre assegura uma tradição – é a diferença dos atos em relação aos ritos” (*Introdução à Mediologia*, p.18).

Com efeito, para comunicar, basta interessar. Para bem transmitir, é necessário transformar, senão converter. Segundo Debray, um comunicólogo calcula em semanas, dias ou mesmo meses, um mediólogo em decênios, senão em séculos. A plataforma temporal muda de sentido tanto quanto o olhar por um mesmo objeto. O mediólogo, como define Debray, será obrigado a mergulhar em vastos espaços deixados em brancos por outras ciências menos interessadas no que está entre, no que ocupa o espaço de uma mediação. Será obrigado a ocupar quase que os limites de uma sociedade sem escrita.

Nenhuma das filiações doutrinárias da qual o mediólogo pode reconstituir um pouco o itinerário – como é o caso do cristianismo primitivo e do socialismo proletário – é abordável através da comunicação (*Introdução à mediologia*, p.19).

O que se reafirma aqui é a percepção registrada em suas obras mediológicas analisadas, que ele classifica o saber e pensamento comunicacional enquanto extensões maquínicas da televisão, rádio, telefone. Para ele, os quadros de pensamento responsáveis pela formação da tradição social, que servirão de matrizes para construção de escolas clássicas do pensamento, ou mesmo a formação de toda uma ideologia social não são passíveis de serem abordados por extensões tecnológicas, dos quais os *mass media* se ocupam.

Estudar a história dos vestígios simbólicos de formação de um todo social, não cabe, para Debray, sob a ótica da comunicação. O encontro com a infância da humanidade, o qual se propõe o mediólogo é um caminho que não se pode percorrer com os olhos da comunicação, estes sob medida para enxergar ruídos e emissão de informações por meio

eletrônico. Mas será que a análise de Debray é similar ao pensamento de outros autores mediológicos?

Daniel Bounoux é um autor que se coloca totalmente em contraposição a esta idéia. Isso fica tão claro em seus livros pela forma, inclusive verbal de se reportar ao fato de comunicar algo.

[Os] meios de comunicação tradicionais *transmitem*, segundo um esquema “um/todos”, mensagens necessariamente impessoais, e fortemente estandardizadas segundo os índices de audiência ou a vocação dos canais (BOUGNOUX, 1999, p.22).

É possível notar a utilização da palavra *transmitir*, sendo colocada como verbo de ação para os meios de comunicação de massa, o que na visão de Debray é inadmissível, já que esses meios são apenas capazes de reproduzir uma informação segundo ditames técnicos. Bounoux ressalta que dentre as missões preenchidas por nossos diferentes meios de comunicação, uma visão intelectualista privilegiou muito tempo à informação pura, ou fatores culturais, enquanto a comunicação consiste primeiramente em organizar o vínculo social, em estruturar a vida quotidiana e em manter a coesão na sociedade. E se comunicar é relacionar-se, manter vínculos sociais, autenticar relações, não deixa de ser uma forma de orquestra ou como bem exemplificado pela frase de Gregory Bateson e a escola de Palo Alto: “Comunicar é entrar na Orquestra”.

Dito de outro modo é impossível comunicar bem, sem acordar com os jogos vigentes ou harmonizar as partituras.

Entrar na orquestra, é jogar o jogo de um certo código, inscrever-se numa relação compatível com os canais, os meios de comunicação, a rede disponível. Ora, esta rede por definição nos precede, encontramos-la muito mais do que a criamos. Isso se chama também o simbólico, cujo melhor modelo é o código da língua que falamos. [...] comunicar supõe que se adote essa orquestra sem modificações excessivas, e que se insira sua voz ou sua interpretação na representação geral (BOUGNOUX, 1999, p.35).

Ou seja, para Bounoux, comunicar pode até ir além do transmitir. É necessário engendrar -se em uma rede tão complexa como a que rege as relações sociais entre os indivíduos para corretamente compreender o fato de comunicar algo. E isso é o que se destina a Mediologia, a compreender processos tão complexos quanto cruciais para a formação do pensamento social e a construção de certos vestígios analisáveis sob a ótica do simbólico.

Porém, sua discordância quanto ao pensamento de Régis Debray não fica por aí. O fato de achar que a comunicação é uma extensão matemática e telefônica, onde ondas são emitidas por meio de cabos hertzianos, é para Bounoux uma imagem linear que pouco fala sobre o real processo comunicacional. Segundo ele, utilizar-se da metáfora da orquestra, dita

por Bateson, tem a vantagem de se opor à imagem linear do telégrafo pela qual Claude Shannon resumia classicamente o modelo das transmissões: emissor-código-canal-mensagem-receptor. O modelo de Bateson – um dos pais da abordagem cibernética em comunicação – é mais sensível às causalidades sistêmicas ou em círculo, assim como à prioridade da relação sobre o conteúdo de nossas mensagens. Mas se Debray rejeita a comunicação enquanto ciência, ele trata a Mediologia enquanto o domínio das relações entre os homens, a mesma relação que Bougnoux classifica enquanto parte do escopo comunicacional e havia classificado enquanto uma relação pragmática (*práxis*) – ação do homem sobre o homem. Bougnoux deixa claro seu pensamento mediológico quando afirma que,

A Mediologia (Debray, 1993) tem como objeto o estudo do sistema dos estrangimentos materiais e guiamentos técnicos graças aos quais a informação circula. Apóia-se, portanto, na “questão técnica”. O mediólogo não considera o pensamento como já elaborado, espontâneo ou disponível de antemão, mas como a adaptação sonambúlica a essas redes às quais responde na medida em que se ajusta a elas. Todo pensamento “convive com” a infra-estrutura mediática em geral que constitui seu parceiro oculto (BOUGNOUX, 1994, p.33).

Bougnoux desta forma sistematiza e explica a Mediologia enquanto uma disciplina formada por diferentes horizontes do saber. Ele a define como:

O estudo das relações entre fatos de comunicação e de poder, ou da influência (complexa, não mecânica) de uma inovação mediática sobre um movimento intelectual (BOUGNOUX, 1994, p.17).

É o estudo das idéias e da física de nossos pensamentos, capaz de tornar uma representação mais dinâmica que outra disseminada no mesmo tempo e espaço. Mas para tornar uma idéia factível não apenas de veracidade e circularidade, mas capaz de ganhar “a mente e o coração dos homens”, Bougnoux coloca os meios de comunicação de massa enquanto fatores chave na propagação destas, ao contrário de Debray que os exclui e sequer considera a comunicação enquanto um campo específico, capaz de ser estudado e dentro do escopo constituinte das ciências do homem.

A comunicação na visão de Bougnoux é singular na formação de uma nova paisagem social. Serve tanto para intoxicar a sociedade, com suas campanhas de massa, propagandas, prestação de esclarecimentos, quanto uma “ideologia de reconciliação”, que poderia ser capaz de superar o divórcio que se aprofunda entre as formas de transmissão cultural superiores, elencadas por Debray: literária, científico-técnica e cultura de massa. O que o autor busca é por uma maior inteligibilidade entre estes três aspectos, onde os média seriam ao mesmo tempo as causas e o efeito dessa cisão. Debray se preocupa em tirar o véu dos efeitos dos

meios de comunicação de massa, enquanto fatores determinantes sobre a mediação técnica, e demonstrar os efeitos das técnicas em nosso comportamento social e cultural.

5.3.2 Ciências da Informação e da Comunicação (CIC)

De acordo com Daniel Bounoux, as Ciências da Informação e da Comunicação (CIC) é um título francês utilizado para denominar o estudo acadêmico da comunicação. Como forma de suprir uma lacuna epistemológica sobre as mudanças que os meios de comunicação provocam nas sociedades contemporâneas, Bounoux defende a autonomia e legitimidade das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC). Segundo ele, as CIC correspondem a uma exigência pedagógica e teórica:

As CIC correspondem a uma exigência pedagógica e teórica. Nasceram, nas universidades, do desejo de adaptar os cursos a perspectivas inéditas e à rápida expansão de novas profissões: no campo intelectual, a discussão surgiu de uma interrogação antropológica sobre a redefinição de cultura [...]. Na prática, nossas CIC acompanham e tentam enquadrar, hoje em dia, as transformações dos meios de comunicação, o desenvolvimento incessante das “novas tecnologias”, e assim como a expansão das relações públicas em geral (BOUGNOUX, 1998, p.13).

No campo intelectual, a disciplina surgiu de uma interrogação antropológica sobre a redefinição da cultura, identificada com as diferentes maneiras de comunicar e, de início, centrada nos anos 70 na troca e na formalização lingüística realizada com as pesquisas estruturalistas de Lévi-Strauss, Barthes ou Jakobson.

Na prática, nossas CIC acompanham e tentam enquadrar, hoje em dia, as transformações dos meios de comunicação, o desenvolvimento incessante das “novas tecnologias”, assim como a expansão das relações públicas em geral. Elas concernem, portanto, ao mesmo tempo, a muita gente e encontram-se esparsas na cultura e no corpo social. À sua maneira, a “comunicação” prolonga a filosofia recolocando as grandes questões sobre a verdade, o real, a coesão social, o imaginário, a possibilidade do ensino, da justiça, do consenso, do belo, com conceitos renovados (BOUGNOUX, 1999, p.14).

O que Bounoux demonstra é que as CIC examinam nossas condições práticas, sob o instrumental mediático, institucional e simbólico, favorecendo, desta forma, o retorno ao sujeito, ou mesmo, ao sujeito e todo o arsenal técnico em que está inserido. Para fixar o pensamento de Bounoux é necessário, entretanto, focar parte dos estudos comunicacionais na história da tecnologia e na transmissão das mensagens.

Se para Debray, todo o pensamento comunicacional, se reduz a uma extensão maquínica como o telex, as ondas do rádio ou mesmo a imagem fabricada e transmitida por um aparelho de televisão, para Bougnoux essa relação tem um leque amplo de atuação e se destina a analisar não apenas a relação que entrelaça o sujeito com o sujeito, mas também o sujeito sobre o objeto o qual atua.

É capital para nossos estudos distinguir bem uma relação técnica, que corre do sujeito para o objeto, de uma relação pragmática, que entrelaça o sujeito com o sujeito (BOUGNOUX, 1999, p.16).

Isso se dá devido a concepção comunicacional de Daniel Bougnoux, que ao contrário de Debray, implica uma ação sobre o espírito das pessoas e sob essas, é capaz de formular simbologias e transmitir informações e vestígios materiais de sentido que serão incorporados e utilizados pelo social. Bougnoux define bem neste fragmento o que pensa sobre a dialética tão refutada por Debray:

a ação comunicacional não põe em relação o sujeito e o objeto (par técnico), mas o sujeito com o sujeito (par pragmático). *É o homem agindo sobre (as representações de) o homem por meio dos signos* (BOUGNOUX, 1999, p.16).

E, pode-se dizer, que é próprio desta relação não ser automática, arbitrária, ou como diz Debray, uma mera extrapolação técnica na contenção de ruídos que marcam o processo comunicacional. É próprio desta relação não ter certeza ao certo dos efeitos que surgirão como resposta. Programa-se uma máquina ou uma linha de produção, mas não seus amores, suas conversas. A comunicação apareceria portanto como a parte não qualificável, quantificável de nossas relações ou trocas. Aquela que não se deixa tecnicizar, nem descrever objetivamente. O pensamento de Bougnoux é tão contrário no que diz respeito à definição de Debray acerca do comunicar e transmitir, que ele chega a oferecer o mesmo exemplo, só que de modo contrário à Debray. Bougnoux mostra que não é necessário ocupar a profissão de educador ou mesmo de sacerdote para ser capaz de transmitir uma idéia. Muitos que já a ocupam não conseguem sequer comunicar um fato.

Onde as relações pragmáticas aleatórias conseguiram fixar-se a objetos, a pontos fixos ou a rotinas bem conhecidas, elas perderam o nome de comunicação para se chamarem simplesmente de ensino, comércio ou venda... Mas essa autonomização relativa em torno dos conteúdos não soluciona a questão sempre preocupante da *relação*: quantos pedagogos sábios, mas incapazes de dar aula! Quantos médicos, bons técnicos das feridas ou dos micróbios, mas inaptos para prodigar ao paciente o mínimo apoio! – O inglês distingue dois níveis de cuidados, *to cure*, objetivo e *to care*, subjetivo ou relacional (BOUGNOUX, 1999, p.18).

Desta forma, ele retira a importância dada por Debray ao verbo transmitir e demonstra que muitos profissionais, mesmo ocupando cargos e titulações capazes de gerar conhecimento simbólico, podem não fazê-lo por falta de astúcia ou mesmo capacidade cognitiva.

Assim vemos que é no livro *Introdução à Mediologia* o lugar escolhido por Debray para servir de palco à dialética entre o transmitir e o comunicar. Determinante, segundo o autor francês, em explicar as diferenças e semelhanças entre o projeto mediológico e o pensamento comunicacional (ou segundo ele, da não existência desse pensamento), ele mostra na obra a necessidade de transmitir o conhecimento como forma de construção do imagético social e conseqüentemente, de elaboração de um plano mediológico.

Já sua antagonista, e nem tão próxima assim, comunicação fica restrita aos cães de guarda, à passagem de informações. Com baixíssima capacidade de armazenar, a comunicação se destina não apenas a conversa entre duas pessoas, ao diálogo interpessoal, mas ao conteúdo liberado por meio de um meio técnico ou integrante do escopo dos *mass media*.

5.3.3 Isto vai matar aquilo

“Não acredito nas coisas, dizia Braque, só acredito nas suas relações” (*Introdução à Mediologia*, p.65). É com este fragmento que Debray explica o propósito mediológico: estabelecer as correlações entre as funções sociais superiores – ciência, religião, arte, ideologia, política – e os procedimentos de memorização, representação e remoção. O que se pretende com a Mediologia é explorar as interseções entre o nobre e o vulgar, correndo o risco de descer na escala de valores sociais, já que a tradução disto é unir um macro a um microfenômeno. Mas o que isso representa?

Pode-se passar da observação do telégrafo elétrico do século XIX, ao aparecimento das pequenas notícias, ou ainda da telegrafia sem fio à grande reportagem como gênero literário autônomo; do satélite de observação que propaga a imagem da Terra, à expansão ecológica. A Mediologia se interessa não pela amplitude e tamanho dos objetos analisados, mas pelo impacto que causam na nova paisagem social. Trata-se de pensar a influência das novas técnicas sobre as sociedades humanas. Mas imagine a técnica como um fator em constante desenvolvimento. A chegada de determinado aparelho ao mercado já vem com data de validade. Pensemos no caso dos computadores. Mesmo sem apresentar problemas, eles acabam por se tornar obsoletos em função do desenvolvimento de novos softwares ou mesmo expansão da memória. Fator que, propositalmente, nos levará a aquisição de um novo, com mais capacidade e velocidade. Olhando para outro fenômeno já tratado, temos ainda o impacto do desenvolvimento da técnica com relação à cultura, que nunca conseguirá alcançar a primeira em função de seu desenvolvimento rápido e impulsionado pelo mercado.

Dentro da análise mediológica já vimos o *efeito jogging*. Mas existe um fator bastante tratado que não deixa de levar em conta a eterna negociação entre o *isto* e o *aquilo*. Debray dedica um capítulo inteiro da publicação *Introdução à Mediologia*, onde analisa, sob o ponto de vista da investigação mediológica, a ligação entre o interno e o externo, entre o material e o espiritual.

Esta é a razão pela qual o capítulo II do Quinto Livro de *Notre-Dame de Paris* tem para os nossos propósitos um valor emblemático. A sua tese “O livro vai matar o edifício”, reforçada por uma segunda, “A tipografia vai matar o sacerdote” foi mil vezes repudiada por entidades mais astutas, mais instruídas, mais rigorosas, mais bem documentadas do que Victor Hugo. Assim, todos sabemos que isto não matou aquilo, que a tipografia não destruiu a arquitetura que refloresce como nunca aos nossos olhos e que a imprensa não matou a Igreja que festeja com pompa o Jubileu (*Introdução à mediologia*, p.63).

A verdade é que, de forma antagônica, Régis Debray idealiza a idéia de Victor Hugo como algo “metodicamente genial”, onde o “isto vai matar aquilo” ocupa lugar paradigmático, no que concerne a mediação. Em um gráfico imaginário, o *isto* estaria em abscissa, representando uma máquina ou um *médium*, e *aquilo*, em ordenada, denominando um traço cultural ou uma instituição. O *isto* se encontra geralmente na parte inferior de uma escala de valores, que servirá de mediação ao *aquilo*, representado pelo traço cultural ou Instituição. Para fugir das ilustrações pontuais, digamos que se trata de avaliar o impacto das novas técnicas sobre as sociedades humanas. Este impacto não é uma ação simples e unilateral mas, antes, dá sempre lugar a uma transação – *isto* negocia com *aquilo*. Não é de se duvidar que a investigação Mediologia tenha abrangência de análise que vai do utensílio até o software.

É justamente pela análise destes fatores, que o campo de estudos mediológicos ganha duas portas de entrada através dos efeitos simbólicos das técnicas (*bottom-up*) ou através das condições técnicas do simbólico (*top-down*). Idéia também colocada na obra *Introdução à Mediologia*, onde o autor francês falará sobre o abrir de horizontes, sobre o tornar-se mediólogo pelo direito estabelecido de traçar ligações e vestígios materiais de sentido entre o interno e o externo, entre o técnico e o simbólico. Em outras palavras, isso acontecerá, segundo ele, quando unirmos positivamente um *isto* “material”, com um *aquilo*, “espiritual”.

Por muito depreciado que esteja, o “isto vai matar aquilo” continua, no entanto, a ser o paradigma do gráfico onde isto, em abscissa, designa uma máquina ou um médium, e aquilo, em ordenada, um traço cultural ou uma instituição (*Introdução à mediologia*, p.64).

5.3.4 A técnica e as alterações no social

Um exemplo é o processo, que toma como objeto de estudo uma prosaica forma de locomoção: a bicicleta. Construída com duas rodas, presas a um quadro movido pelo esforço humano, esse objeto tornou-se uma das mais populares formas de locomoção. Sua inserção afetou consideravelmente a história da humanidade pelas transformações sociais, econômicas e culturais pelo qual foi capaz de protagonizar. Imagine se caminhando, um indivíduo possa percorrer, a pé, um quilômetro de extensão em 10 minutos, com o uso da bicicleta, esse tempo cai pela metade. O que se altera nesse processo é a paisagem social que passa a contar com um indivíduo capaz de executar uma atividade em menos tempo, transportar um maior

número de objetos, aumentar a demanda econômica e, assim, modificar o quadro social que o cerca.

Visto de perto, esse objeto esquisito não mostra apenas a “complexidade do simples” mas faz com que nos interroguemos sobre qual a razão, porque a bicicleta foi inventada depois e não antes do caminho-de-ferro? Participou do desenvolvimento do feminismo, do turismo e individualizou as conquistas democráticas. Como é que uma máquina tão modesta, uma pequena rainha, pôde servir assim de revelador social e de acelerador político (*Introdução à mediologia*, p. 66).

E por meio das interações técnicas e culturais, levantadas tanto por Bounoux quanto por Debray é que o campo de pesquisas mediológicas tem duas portas de entrada: através dos efeitos simbólicos das técnicas, chamado de *bottom-up* e através das condições técnicas do simbólico, chamado de *top-down*. Debray contextualiza esse processo em *Introdução à Mediologia* com o seguinte exemplo:

Quando Balzac, no início das *Illusions perdues* descreve o caminho que vai levar da pasta da madeira a democracia opinativa – com o papel de trapos não havia manuais escolares, nem jornais de grande circulação, está a proceder *bottom-up* (*Introdução à mediologia*, p.65).

Bounoux em diálogo com Debray reintera a afirmação de que é possível dedicar-se aos efeitos ascendentes, simbólicos e sociais, das mutações técnicas por meio do processo *bottom-up – top-down*, uma abordagem que explore tanto o fenômeno simbólico explicado e causado e o fator técnico explicante.

Quando, em seu *Cours de médiologie générale* (1991), Debray ousa relacionar a religião monoteísta aos constrangimentos do nomadismo, ou a forma eterna do divino aos impedimentos do transporte, tal perspectiva pode parecer cavaleira! Mas Jack Goodoy não assombra menos a consciência comum quando explica a forma considerada eterna ou imanente da razão pelo desenvolvimento de “simples” ferramentas gráficas. Pequenas causas técnicas, grandes efeitos civilizatórios (BOUGNOUX,1999, p.118).

Bounoux afirma que o *objeto da transmissão* não preexiste à operação de sua *transmissão*. Um exemplo disto, colocado em *Transmitir é o Cristianismo*, explicado por um processo fundamentado na crença e perpetuação de um salvador, onde nunca será possível saber verdadeiramente se ressuscitou ou não, mas em compensação, estamos seguros de que houve quem acreditou nisso verdadeiramente. Pode-se imaginar o mecanismo psicológico de tal crença. Mas como agiu através dos tempos e das gerações tal mecanismo?

A experiência cristã certifica melhor do que qualquer outra experiência histórica a verdade geral baseada na dupla: efeito simbólico somado a seu determinante técnico. Na

realidade, é manifesto que a instituição que, supostamente, serviu de intermediário, inventa aos poucos sua origem. Em outras palavras,

Não houve, *em primeiro lugar*, a palavra de Jesus; *em seguida*, sua recolha e transcrição por apóstolos-mediadores; e, *por último*, sua difusão por toda parte (*omnes gentes*) por um corpo sacerdotal que serviu de intermediário. O processo foi ao contrário: é a instituição cristã que fez a proclamação cristã. Não “uma palavra que se torna mundo”, mas um mundo que falou através dessa palavra (*Transmitir*, p.34).

Ou seja, o que Debray afirma é que não há, *stritu senso*, tampouco “pensamentos fundadores” – expressões, no mínimo mal compostas. A Mediologia – que irá pagar caro por isso – obriga a renúncia à ilusão idealista das “mensagens fundadoras de nossa cultura”, à superstição das sacrossantas origens.

Um mediólogo acrescentaria: “Nada é imediato, nem espontâneo. *Tudo se tornou no que é*”. Jesus não era Cristo naturalmente nem imediatamente. Como filho de Deus, tornou-se Cristo. O movimento Cristão dos séculos I e II não era uma religião. Tornou-se religião (*Introdução à mediologia*, p.67).

Mas de que maneira as variações técnicas do meio afetam uma constante cultural ou antropológica? É para Debray uma questão muito pertinente saber se um processo técnico vem atualizar uma virtualidade preexistente no ser humano – como a aspiração a tornar-se inesquecível e a viver postumamente no olhar e no pensamento dos outros, ou se ela modifica não só as suas condições de atuação, mas também a sua própria natureza.

Compreende-se que o tratamento disciplinar aplicado pela Mediologia ao estudo das formas simbólicas de transmissão perpassa e aprofunda-se no estudo da técnica como forma de analisar os dispositivos suscetíveis de modificar a percepção, a cognição ou a locomoção. Em outras palavras, capazes de alterar nossas práticas de tempo e espaço, tudo que serve para encaminhar, codificar ou armazenar uma informação e não qualquer sistema organizado que transforma um trabalho no outro – o que se pode dizer que é de origem puramente mecânica.

Um exemplo é a análise da máquina de escrever e não a máquina de costura. Debray parafraseia o dito de Lévi-Strauss sobre a etnologia, como forma de comprovar sua tese mediológica: “estaríamos tentados a dizer que a Mediologia é mais do que uma fonte particular de conhecimentos, é uma maneira original de conhecer”. Assim tornar-mo-emos mediólogos não pelo direito estabelecido, mas pela movimentação do qual tratamos que passa longe do mecânico e analisa de forma sistêmica, a circularidade causa/efeito/causa.

No entanto, essas causalidades sistêmicas têm caráter até certo ponto negativo e não sem conseqüências para o processo de transmissão. Por exemplo, não chove no Saara porque não há vegetação e não há vegetação porque não chove. Para Bougnoux, essa relação pode ser

representada assim: “A não produz B, mas se não há A, não existe B”. Debray complementa: o estribo não *produziu* o feudalismo, mas sem estribo não teria havido cavalaria.

Assim, compreende-se que para Debray e Bounoux o elo causal entre técnica e uma cultura não é automático, nem unilateral. Se foi em *Transmitir e Manifestos Midiológicos*, os lugares escolhido por Debray para iniciar a fundamentação teórica acerca dos fatores técnicos que circundam a Mediologia, é em *Introdução à Mediologia*, o local escolhido para retomar este pensamento. Sua visão não é excludente, nem determinista. Apenas coloca em posição de iguais: cultura e técnica. Ambas enquanto construtoras do edifício mediológico.

As inovações técnicas tornam possíveis ou condicionam o aparecimento desta ou daquela forma cultural – não haveria ciência moderna sem tipografia nem computadores pessoais sem microprocessadores, mas não as determinam necessariamente. É um pouco como no campo da biologia: uma espécie não deriva de um meio. É evidente que não haveria peixes sem água, mas o mar não tinha obrigatoriamente de ser habitado por vertebrados podendo ter contido unicamente algas ou moluscos (*Introdução à mediologia*, p.77).

O que Debray quer dizer com isto é que o fator técnico será considerado condição necessária mas não suficiente. É a metade da eficácia, constituindo o meio a outra metade, de forma que se pode dizer de uma inovação o que se diz de uma erva: ela cresce pelo meio. Um exemplo pode ser o aparecimento da sétima arte, que testemunha fenômeno análogo ao citado. A invenção dos irmãos Lumière, onde o desfilar de imagens animadas em um suporte de celulóide, não foi responsável por construir e fazer o cinema. O que vai fazer brotar esta arte e uma cultura voltada à cinefilia, é o acrescentar de um novo *mecanismo* que acopla um movimento de rotação (a manivela) com um movimento de translação (o avançar da película) e de uma velha aspiração aos espetáculos edificantes.

O caminho que levou do cinematógrafo (1885) à cinemateca (1936) passou pelo cine-clubes (1920), ou seja uma criação do proselitismo social-cristão – as primeiras revistas e as primeiras críticas de cinema são católicas – e seguidamente do progressismo laico da Frente popular. A ideologia que antecedia a invenção utilizou-a de imediato, enquadrou-a e elevou-a à dignidade de cultura (*Introdução à mediologia*, p.79).

5.4 – A Mediologia em “Manifestos Midiológicos”

O primeiro capítulo de *Manifestos Midiológicos* é pródigo em explicações sobre o que se destina essa disciplina. Sob o título de “Carteira de Identidade”, Debray propõe, logo nas primeiras páginas do livro, definições sobre quais são as reais intenções da Mediologia. Esse

caráter didático não é à toa. É conveniente a Debray mostrar, neste, considerada uma das obras mais elucidativas dentro da gênese mediológica, a evolução da disciplina enquanto campo de estudos.

Logo nas primeiras linhas, Debray faz sua primeira delimitação teórica. Baseado na premissa de que havia algo de simbólico em circulação, o autor diz que ainda era necessário explicar a maneira como um símbolo abstrato pode produzir efeitos concretos e a verificação dessa constante, que ele chamou de “eficácia simbólica”, recebeu o nome de Mediologia. Em outras palavras, isto é explicado em alusão a uma *blitz* policial. Imagine que a Mediologia fosse parada por um guarda que questionasse sua identidade?

- “Apesar de meu nome, não trabalho precisamente com os média. Ocupo-me dos signos”, poderia ser a resposta dada ao policial.
- “Mas a muito que a lingüística se ocupa disto”.
- “Com certeza, mas entendo signo em sentido amplo e não apenas dotado de características arbitrárias, lineares e discretas que são atribuídas pelos lingüistas”.
- “Ocupo-me de todos os vestígios sensíveis a uma intenção de sentido”, diria a Mediologia.
- “Mas isso é o que faz a semiologia”, seria a réplica do policial de fronteiras.
- “Alguns teóricos ocupam-se do *sentido* dos signos, ocupo-me de seu *poder* que é um outro problema. Quanto a mim, além das relações da palavra e dos calorosos cara-a-cara da intersubjetividade, viso alguma coisa como uma pragmática do pensamento na história da sociedade” (*Manifestos midiológicos*, p.15).

Encerraria a Mediologia, dando ali as explicações necessárias para delimitar sua área de interesse e objeto de estudo. Debray deixa claro com essa passagem que a influência sobre os homens não é exercida somente por palavras. As mensagens também são transmitidas por gestos, imagens, símbolos e toda a panóplia do signo e assim realiza uma primeira demarcação em torno de seu objeto de estudo: *as vias e meios da eficácia simbólica*. Não se trata de entender e decifrar o mundo dos signos, mas compreender o processo pelos quais os signos tornam-se mundo. Analisar qual o percurso de um discurso, a passagem entre as forças que regem as idéias até suas materialização enquanto ato social. De onde vem a força “performática” dos enunciados? Como determinadas forças simbólicas constituem-se forças materiais? É em *Manifestos Midiológicos*, que ele retoma a linha de pensamento iniciada em *Curso de Midiologia* e mostra porque estuda as filiações coletivas do simbólico, longe de fatores ideológicos.

Para isso, o autor estuda como a força dos símbolos passa por formas específicas de poder e não se desenvolve no mesmo espaço-tempo que crenças coletivas próprias a pensamentos fundadores ou dogmas responsáveis pela formulação de certas doutrinas.

A crença é, talvez, tanto mais incompreensível quanto mais fácil de acesso, encoberta por sua familiaridade e pela falsa transparência de seus encadeamentos (*Manifestos midiológicos*, p.18).

O que Debray tenta demonstrar é que em face de uma construção epistemológica com objeto e métodos bem consolidados, torna-se mais fácil conhecer engrenagens e redes que compõe o quadro das ciências, além do funcionamento da máquina que move o imaginário coletivo. Segundo ele, é necessário agir contra metáforas incolores que ocultam, pela banalização, o mistério performático. Os livros que “criam rupturas”, as idéias que “modificaram a face das coisas”, as palavras que “abalaram o mundo” são exemplos de expressões que tentam sintetizar fatos reais de transmissão simbólica e por sua eloquência enunciativa dão fim ao processo incutido na transformação de uma idéia, em matéria.

5.4.1 Vias de Transmissão Simbólica

O fato de que uma representação do mundo possa modificar o estado do mundo – e não somente sua percepção, considerada como natural – é o olhar que o mediólogo lançará sobre os fatos de que se propõe tratar a Mediologia. São as vias de transmissão simbólica envolvidas neste ato, as grandes responsáveis por transformar verdadeiras banalidades em enigmas. De acordo com Debray, seus diferentes trabalhos surgiram de uma “sideração intelectual diante dos clichês que naturalizam uma operação ainda mais misteriosa que a da significação: a transição do signo para o ato” (*Manifestos Midiológicos*, p.20).

Analisar a “caixa preta” que envolve estas sonoridades, letras, vestígios, novas forças da ordem é o que faz o mediólogo. *Manifestos Midiológicos* é considerada a obra mais elucidativa de Régis Debray, no que tange fenômenos inerentes ao processo de transição de uma idéia para força material. Depois de um primeiro capítulo que aborda a “Carteira de Identidade” desta disciplina, é com “Primeiras Definições”, que ele mostrará ao leitor do que se trata este novo campo de estudo.

Tratar das funções sociais superiores é o que Debray coloca como meta central do estudo mediológico. O estabelecimento caso a caso de possíveis correlações entre as atividades simbólicas de um grupo e suas formas de organização, arquivamento e produção de vestígios é o que representa o método mediológico. Sua hipótese de trabalho baseia-se na idéia de que as atividades simbólicas exercem influência definitiva sobre a circulação de vestígios e as formas de organização sociais, levando em conta, que as produções simbólicas de uma sociedade não podem ser explicadas independentemente das tecnologias de memória

utilizadas naquele instante. Em outras palavras, nos mostra que uma dinâmica do pensamento é inseparável de uma física de vestígios. O exemplo mais próximo para explicar este fenômeno é o da televisão.

Para abordarmos a televisão como mediólogos, e não como sociólogos da comunicação, devemos assumir uma alma de antepassado e observá-la em perspectiva, na contraluz do ícone bizantino, da pintura, da fotografia e do cinema (*Manifestos midiológicos*, p.23).

O que ele tenta fazer é chegar à compreensão do momento pelo processo, assim como da parte pelo todo. Mas como conduzir uma disciplina sem apresentar e caracterizar os elementos que a compõe?

De forma explicativa, *Manifestos Midiológicos* apresenta os principais ditames que compõe o quadro mediológico, tal qual o conceito de *Médium*, enquanto dispositivo à *mediação* e incluso em *mediasferas* específicas. É a partir da conceitualização de *médium* dada por Debray que partiremos para os outros conceitos compostos na obra.

Na transmissão de uma mensagem médium pode ser entendido de quatro formas que não se contradizem e tampouco se confundem. São eles:

- 1) um **procedimento** *geral* de simbolização (palavra, escrita, imagem analógica, cálculo digital);
- 2) um *código* social de comunicação (a língua natural na qual a mensagem verbal é pronunciada: latim, inglês ou tcheco);
- 3) um **suporte** *material* de inscrição e estocagem (argila, pergaminho, papel, banda magnética, tela);
- 4) um **dispositivo** *de gravação* conectado a determinada rede de difusão (gabinete de manuscritos, tipografia, foto, televisão, informática) (*Manifestos midiológicos*, p.23).

Debray une as três definições e apresenta o conceito de *médium* enquanto *sistema dispositivo-suporte-procedimento de memorização*, ou o que é posto em movimento pela revolução mediológica. O processo da escrita, por exemplo, sem uma rede de sustentação ou dispositivos que a conduzam não representa a natureza de um *médium*. Outro exemplo: o signo da escrita na tela do computador. De acordo com o pensador francês, um *médium* diferente do mesmo signo apresentado em um suporte de papel, pois passou da *grafosfera* para a *videosfera*. Mudança de suporte, mudança na representação significa.

Seguindo a explicação sobre o conceito de *médium*, Debray chama atenção para o fato de que o *médium* desenvolve-se a partir do meio em que está inserido, quer faça parte, ou não, da demanda. Uma analogia à criação do relógio pode ser introduzida aqui: “Não é o relógio que provocou o interesse pela medida do tempo, mas o interesse pela medida do tempo levou à invenção do relógio” (Debray *apud* D.Landes, *Manifestos Midiológicos*, p.25). O que

Debray tenta dizer é que o maquinismo pode ser epidêmico em determinada cultura, bem como em outra é considerado totalmente inócuo.

O terreno chinês do século XI não conseguiu e se apropriar dos caracteres móveis que ressurgiram e cresceram no século XV, na outra extremidade do mundo, passando da madeira para o chumbo. A xilografia chinesa era suficiente para satisfazer uma demanda modesta de impressos, não exigia grandes investimentos e mantinha, mais facilmente, a filiação caligráfica (*Manifestos midiológicos*, p.25).

Ao pequeno sistema *suporte-dispositivo* que faz o *médium* corresponde ao grande sistema *médium-meio*, onde meio será mais do que um espaço externo de circulação. Ele condiciona à semântica dos vestígios pela lógica da organização social. Tal lógica está agarrada à regulação de diferentes suportes.

Um médium é mais do que um vetor ou um canal. Uma língua, por exemplo, é uma matriz de sentido – quando o grego traduziu a mensagem judaica para a sua língua, transformou seu próprio conteúdo. Ou ainda, a imprensa como médium não divulgou uma idéia nacional já existente, deu forma ao seu advento (*Introdução à mediologia*, p.33)

No entanto, cada novo *médium* modifica a capacidade de operação de cada uma das redes de funcionamento. “Em geral, o novo desclassifica o antigo” (*Manifestos Midiológicos*, p.27), desconsiderando o efeito jogging bem retratado em duas de suas publicações mediológicas: *Introdução à Mediologia* e *Transmitir*.

Em *Manifestos Midiológicos*, Debray afirma que o que existe é um atraso eterno entre a utilização efetiva e as potencialidades do utensílio, do acontecimento, em relação à técnica. Fica clara, a variação dentro da gênese de pensamento de Debray, que muda ao longo de sua obra mediológica, tratando assuntos iguais sob diferentes enfoques. Fator, no entanto, que não serve para descaracterizar a seriedade de seu pensamento e formação mediológica.

Outra definição apresentada por Debray em *Manifestos Midiológicos* é a de *médio*, que não corresponde em nada com os *média*, nem *médium*, mas com *mediação*, ou conjunto dinâmico dos procedimentos e corpos intermédios que se interpõem entre uma produção de signos e uma produção de acontecimentos. Como foi dito em *Introdução à Mediologia*, “em *médio*, o acento tônico terá como objetivo a mediação” (*Introdução à mediologia*, p.33).

Esses entremeios são compostos por processos, mediações, simultaneamente técnicas, culturais e sociais. O médio de Mediologia vem como forma de análise da passagem de um enunciado simbólico às suas ações concretas, para isso a disciplina reclama um lugar entre três poltronas: a do historiador das técnicas, do semiólogo e do sociólogo. Eis a razão que a

travessia dos campos se torna inevitável para quem quer ocupar uma posição dentro da Mediologia.

A maneira ou expressão peculiar do espírito mediológico consiste em colocar o dedo nas interseções entre vida intelectual, vida material e vida social, e em fazer ranger tais charneiras demasiado silenciosas. Em procurar não a mulher, mas a mola mestra, o terceiro elemento de nossas grandes narrativas, o que sabe realmente sem pontificar, ao estabelecer conexão entre o aspecto formal de um programa e seu suporte material (*Manifestos midiológicos*, p.30).

O que Debray quer dizer com mediação simbólica, pode ser exemplificado pelo fato de que não foram as idéias ou a temática da Revolução Industrial que provocaram toda mudança no sistema produtivo, fabricação e circulação da moeda, mas essa logística sem a qual tais idéias nunca teriam tomado corpo. O desejo do mediólogo, por assim dizer, é mergulhar na contingência dos fatos históricos, ao mesmo tempo em que pretende descobrir o véu que encobre as estruturas. Com efeito, ao invés de se limitar a anotar, como o historiador, ele sonha em encontrar o porquê, mostrando a ossatura escondida por baixo da carne. Em outras palavras será que poderíamos chamar este processo de abertura de um compartimento entre vetores e valores? Na realidade, seria mais uma forma de análise entrecruzada que serve para “des-ideologizar” as ideologias e dessacralizar as sacralidades.

5.4.2 O que é uma *mediasfera*?

Mediasfera denomina-se o meio de transmissão e transporte das mensagens e dos homens. É para Debray uma nomenclatura que serve para nomear processos estruturados por seu papel capital de memorização e por sua vez, credenciamento dos discursos de acordo com certa temporalidade dominante. A *mediasfera* é formada por um triado composto pela “personalidade coletiva ou perfil psicológico característico de um período mediológico” (*Manifestos Midiológicos*, p.40). Em outras palavras, é como se Debray tivesse dividido os períodos de análise dos fatos de transmissão em três épocas distintas: *logosfera*, *grafosfera* e *videosfera*.

A *logosfera*, ou idade do *oral*, é predominantemente marcada por processos onde o escrito, central, é difundido através das contingências e canais da oralidade; a *grafosfera*, toma corpo quando o *impresso* impõe sua racionalidade e toma lugar e por último, a *videosfera*, liberada dos limites da escrita, parte para os *suportes audiovisuais*. A *mediasfera*

não trata de épocas e sociedades sem escrita. Com efeito, a escrita inaugurou a transmissão do símbolo à *distância*, no espaço e no tempo, daí sua importância enquanto marco cronológico do trabalho mediológico. Limitamo-nos a passagem da atividade manuscrita e oral (*logosfera*), para a reprodução mecânica (*grafosfera*) e, em seguida, para a gravação dos signos sonoros e visuais (*videosfera*). Em outras palavras, Debray define *mediasfera* como, “uma relação mental ao espaço e tempo físicos” (*Manifestos Midiológicos*, p.42). Mas como relacionar a *mediasfera* simbólica no espaço e tempo?

A resposta para essa pergunta baseia-se em um exemplo muito tratado ao longo de *Manifestos Midiológicos*: o Cristianismo, ou na comunicação traçada com Deus. Não nos comunicamos com essa figura mítica e sacra em qualquer lugar, mas por meio da mediação conjugada de certos locais privilegiados (representados por santuários e peregrinações). Outro exemplo é o do cinema, como bem descrito em *Transmitir*.

O mediólogo irá considerar capital a maneira como os filmes são assistidos – no escuro e em silêncio, coletivamente, mediante a compra prévia de um bilhete, a arquitetura das salas escuras, os cerimoniais – cartazes, festival, *oscars*, publicidade, etc. Refletirá na maneira como o abandono da película, em proveito da imagem digital, assim como da passagem da mesa de montagem, para o computador irão modificar a feitura do filme. Esses detalhes técnicos terão efeitos e não somente especiais. Em particular, relativamente à dispersão dos públicos, ao impacto da sétima arte tanto no imaginário social, quanto sobre a estrutura narrativa dos filmes e a fragmentação de seus modos de comunicação – salas, videocassete e televisão ⁴⁹ (*Transmitir*, p.155).

Por conseguinte, o espaço, enquanto relação entre a geografia física e moral, traça uma relação que depende tanto dos meios de transporte, quanto dos de transmissão. Suas mudanças de velocidade são determinantes para modificar mudanças de pensamento. Sobre isso, Debray afirma:

O espaço de uma mediasfera não é objetivo, mas trajetivo. Portanto, seria preciso arriscar um “mediospaço”, relação de uma superfície a uma duração. O mediospaço “esfera terrestre” da grafosfera não é o da videosfera: o primeiro tem três anos de circunferência e o segundo, vinte e quatro horas. Por conseguinte, qualquer dicotomia sujeito / objeto, qualquer dualidade espírito / matéria, seriam fatais para uma apreensão realista da mediasfera que é tanto objetiva, quanto subjetiva. Dispositivo e disposição, comportamento e representação, maquinismo mentalizado e mentalidade maquinal, ela ativa o traço de união no interior do “tecno-cultural” (*Manifestos midiológicos*, p.43).

⁴⁹ Podemos, igualmente, referir-nos a uma perspectiva mediológica do teatro, como forma material, in *Cahiers de médiologie*, I, La querelle du spectacle, abril de 1996 (Adrem-Gallimard).

Desta forma, Debray relaciona a *mediasfera* aos meios técnicos de transmissão. Ela une simbólico e técnico. Exerce influência decisiva no instante *t*, que não pode deixar de ser explicado independentemente das tecnologias de memória utilizadas no mesmo instante.

De acordo com seu pensamento, a padronização do tempo social apóia-se exatamente na expansão técnica. A análise da *mediasfera*, segundo o autor francês, passa obrigatoriamente pela fronteira onde as máquinas transformam-se em cultura e a cultura em maquinismo. O instrumento técnico adquire uma alma que lhe é conferida pelo investimento imaginário que fez disso, o órgão “mediabólico”, demoníaco para alguns, mirífico para outros.

Um exemplo é o mito do livro enquanto templo de Deus e emancipador do gênero humano, que não resistiu à inserção dos novos suportes. Assim, o velho investimento mítico transporta-se para o computador que vai salvar o mundo, ou mesmo segundo algumas crenças promover a democracia direta e a educação permanente do gênero humano. Tal crença posta por Debray deixa completamente de lado o que foi pregado no efeito *jogging*, descrito em *Transmitir*.

O primado mítico irá sempre se deslocar de acordo com sua utilidade prática. O fato é que, no final das contas, uma cultura ou uma tradição social têm o destino dos aparelhos de memória que lhes servem de suporte. Somado a isso, pode-se dizer que cada *mediasfera* acaba por destruir a classe dos mediadores hegemônicos de sua precedente. Debray, marca desta forma a dinâmica social de acordo com o aparecimento dos objetos técnicos.

A *fortiori*, poderíamos definir a ideologia como o jogo das idéias no silêncio das técnicas. A alma é a idéia do corpo, dizia Spinoza. Será que uma mentalidade é a idéia da mediasfera? (*Manifestos midiológicos*, p.45).

É com o jogo de palavras apresentado acima que o autor chega à conclusão de que é impossível levar a história tecnológica a desempenhar o papel de uma história filosófica e pressupor que “a técnica governa o mundo”, mas por outro lado a técnica, segundo a visão do autor, não deixa de ser imanente para o desenvolvimento e evolução de uma *mediasfera*. Desta forma, é evidente seu papel na construção espaço temporal, palco de transformações que mudam não apenas nossa paisagem, mas todo o social o qual estamos inseridos.

Todas as formas de organização, os modos de coleta, seu arquivamento e circulação de vestígios cabem em uma das *mediasferas* determinantes para o acontecimento mediológico. Debray afirma em *Transmitir*, que “para conseguir uma travessia do tempo, para perenizar, devo – eu, emissor qualquer – simultaneamente, *materializar* e *coletivizar*” (*Transmitir*, p.23). Mas antes é necessário levar em conta que o acasalamento do fator técnico com o fator

institucional só ocorre em uma *mediasfera* que os sustente. Portanto, a *mediasfera* é capital quando se tenta explicar do que é formado o edifício mediológico. Enquanto nomenclatura responsável pelas alterações espaço temporais ocorridas dentro de toda uma dinâmica de transformação do pensamento.

5.5 Comparações, limites e contribuições dos estudos mediológicos

Não é a apresentação de uma mensagem, a que a Mediologia se destina. Sua finalidade encontra-se centrada no estudo dos procedimentos através do qual a mensagem é expedida, circula e, na maior parte das vezes, encontra seus compradores. A proposição mediológica não tem crenças nem doutrinas a promover. “Não é ciência, nem panacéia. Limita-se a interrogar as condições do desenvolvimento das doutrinas – religiosas, políticas ou morais – e os motores da autoridade doutoral” (*Introdução à Mediologia*, p. 139). Seu fundador, não a coloca como portadora das grandes idéias que moveram a humanidade, pouco menos promete status, ou elevação social. Tampouco é portadora de boas notícias, de libertação ou cura. Mas a que a Mediologia se destina? É de maneira irônica que Debray abre o VI capítulo de *Introdução à Mediologia* e explica a que veio a prática mediológica. Aqui, ele ressalta o papel de intermediária no processo de investigação das idéias e vestígios sensíveis a uma intenção de sentido, que são responsáveis pelas transmissões simbólicas e culturais de um povo.

Não é doutrina imputável a um fundador. Limita-se a interrogar as condições do desenvolvimento das doutrinas – religiosas, políticas ou morais – e os motores da autoridade doutoral (*Introdução à mediologia*, p.139).

Sua função primordial é ajudar a compreender partes difusas da vida social, o trajeto de um pensamento, até o seu tornar-se força material ou mesmo a evolução das idéias e seu ganho obtido na ordem do conhecimento. O que não a exclui em nada do projeto racionalista, que separa o cidadão pragmático, do sujeito epistêmico – a abertura ao saber objetivo de um novo nível de realidade. O que a Mediologia busca, na prática, é falar com conhecimento de causa a cerca de procedimentos, objetos, redes localizadas no interior de uma problemática idealista, que podem alojar análises materialistas complexas dentro de um quadro normativo contrário a evidências dogmáticas. Ela ambiciona construções interpretativas, nem um pouco proféticas ou místicas. Em outras palavras, se propõe a uma análise nova do antigo que tenta sistematizar com o máximo de rigor um conjunto ainda desconectado de fatos e evoluções empiricamente constatáveis. Fenômenos, que não deixam de estarem escondidos sob a palavra “cultura”.

Este ordenamento choca com os costumes mas permite uma visão nova pelo simples fato de *estabelecer ligações onde elas não existiam*. É o volume do não-pensado subjacente aos fenômenos de transmissão, bem como o seu estado de asilo e de ostracismo que os incita a avançar (*Introdução à mediologia*, p.143).

O que Debray pede é menos sofisticação formal e mais inteligibilidade nas pesquisas das ciências humanas. Sua crítica recai sobre a ciência, no sentido próprio da palavra, enormemente especializada, e pouco acessível. Para ele, não se trata de inscrever a Mediologia em um quadro de conhecimento e ostentar um sinal exterior de cientificidade como forma de realçar o que de trivial tem os “pequenos assuntos” mediológicos. Para ele, os representantes de uma disciplina serão tanto mais autoritários quanto incerta ela é, apesar de comumente utilizar a categorização mediológica dentro de um quadro disciplinar.

Debray afirma nas quatro obras mediológicas analisadas, tratar-se de uma disciplina que busca compreender as formas simbólicas de transmissão. Mas o que está em jogo é o risco de transformar uma iniciativa pessoal em veredicto científico.

A pesquisa só encontrará vantagens em pequenas construções inteligíveis, localizadas, acomodáveis, transportáveis, através de várias tentativas sem personalizar o debate, sem hastear a bandeirola na sua península e, mais ainda, sem fulminar os seus vizinhos num tom de encíclica (*Introdução à mediologia*, p.143).

O que se está a fazer por seu idealizador é a imputação de agraciamentos e um exercício de modéstia que coloca a Mediologia entre a ciência etnológica da diversidade das sociedades e os meios técnicos, em um questionamento que busca compreender como podem coexistir no planeta as culturas e sua singularidade, nunca iguais em parte alguma, e o alinhamento das redes, sempre similar, e em toda parte idênticos.

Daniel Bougnoux, por outro lado, garante à Mediologia significado dentro de um quadro das ciências do pensamento. Ele derruba a postura modesta de Debray e coloca a disciplina ao lado das ciências e da filosofia, como a arte de descrever o significante e o trabalho das técnicas.

[...] sob as produções de arte, a persistência e o constrangimento do *metiê*, as redes da encomenda social e dos interesses mercantis; sob os enunciados da cultura e dos media em geral, as relações de poderes, as alianças táticas e todas as astúcias da enunciação (BOUGNOUX, 1994, p.41).

Com efeito trata-se de derrubar barreiras que impõe a continuidade do pensamento entre natureza e cultura, entre as relações de força e o simbólico, entre a técnica e a ciência. Seu critério, segundo ele, é o confinamento informacional, que se preocupa pelo ser vivo em sua integridade.

O indivíduo não é, apesar disso, autônomo, nem separado de seu mundo circundante. Muito pelo contrário. Em outros termos, confinamento não quer dizer corte e essa distinção deve ser feita com muito cuidado (BOUGNOUX, 1994, p.41).

A Mediologia nada mais faz do que apoiar-se na questão técnica para estudar a trajetória material das idéias e vestígios sensíveis a uma intenção de sentido. Não há ciências sem laboratórios, bibliotecas, congressos, estrutura universitária. Não há enunciado que não seja, a montante, caucionado por uma tradição de pesquisas críticas e, a jusante, citado, traduzido, propagado por aliados. Um discurso que não seja retomado por outrem, não é uma verdade, assim como um fato que não seja publicado por um jornal não chega a constituir uma informação.

O mediólogo não considera o pensamento como já elaborado, espontâneo ou disponível de antemão, mas como a adaptação sonambúlica a essas redes às quais responde na medida em que se ajusta a elas. Todo pensamento “convive com” a infra-estrutura mediática em geral que constitui seu parceiro oculto (BOUGNOUX, 1994, p.33)

Bougnoux ilustra de que forma um discurso ganha corpo e funciona como vetor de uma materialidade cultural, capaz de transformar pensamentos em atos. Ele diz que para isto acontecer é necessário que o indivíduo se reconheça nele e ainda mais: dando-lhe uma imagem de si, relaciona-o ao coletivo. As grandes mensagens religiosas, artísticas, estéticas, políticas, colonizadoras são as que trouxeram uma palavra e um corpo à sociedade. Para além do simbólico, o mediólogo levanta acima de si o corpo social, a infra-estrutura.

Dito de outra forma, o que se convém chamar ideologia, é para Bougnoux capaz de transformar a multidão em corpo e totalidade viva. Pensando desta forma, que fim teria levado a palavra de Cristo, sem a participação de São Paulo, de Constantino, dos Concílios e do corpus fechado dos Evangelhos? Da mesma forma, Freud e Lacan sentiram na pele a dificuldade em não apenas teorizar como tantos outros obscuros psicanalistas, mas organizar para que fosse criada uma escola de pensamento. Daí o sucesso destas doutrinas, que de certa forma compreenderam melhor do que outros mestres de menor reconhecimento, que a evidência segue o enalço da autoridade e que o importante, antes de tudo, é utilizar-se do corpo institucional, já que “são os corpos que pensam e não o espírito”, como mencionou Debray. A exigência da incorporação, portanto, produz corporações. Instituições normalizadas e batizadas, tais como escolas, igrejas, partidos, associações, sociedades de pensamento e todo o tipo de organização capaz de incorporar e materializar o simbólico.

Mas a Mediologia, sem dúvida, ainda carece de maior rigor metodológico para se afirmar enquanto disciplina no campo das ciências humanas. Não obstante, é possível ver a discordância de pensamento por parte de Debray ao longo de suas obras mediológicas. A “Carteira de Identidade” reclamada por ele, em *Manifestos Midiológicos* ainda precisaria de

maior unidade e mesmo previsão de respostas teóricas aos fatos propostos pela análise mediológica.

No primeiro caso da argumentação de Debray, exposta em sua obra verdadeiramente mediológica, *Curso de Midiologia Geral*, ele começa a explicar o que o levou ao estudo e análise dos fatos de transmissão simbólica. Sem ainda fundamentar o processo do tornar-se força material ou mesmo identificar possíveis rotas de acesso a isto. Mas este apontamento, não deixa de levar em conta o fator de início, onde ele inaugura seus estudos. É factível que para o primeiro volume, Debray tenha exposto uma série de conceitos e teorias formuladas que poderiam ser melhor trabalhadas nas publicações seguintes, como é o caso de *Manifestos Midiológicos* (1995), ou mesmo *Introdução à Mediologia* (2004). Mas o que se vê em sua obra inicial são perguntas não respondidas com relação ao método e seu campo de investigação. Não podemos, no entanto, exigir tamanho rigor científico em algo que ainda está se estruturando dentro de uma corrente de pensamento.

Ele mostra em *Curso de Midiologia* os primeiros passos do que virá ser a investigação sobre a história das doutrinas e para isso centra-se no estudo dos mitos, crenças e doutrinas que ficaram submersos por uma palavra, segundo ele, com caráter tão falacioso: a “ideologia”. Logo no primeiro capítulo, ele coloca a seguinte questão: o que é Mediologia e qual seu objeto de estudo? E de forma surpreendente, responde, que devemos começar a visualizar o que ela não é. E afirma que é preferível investigar sobre o que se fala. Qual o objeto da Mediologia?

Pergunta chave onde Debray afirma encontrar a resposta nos *corpos médios*, aqueles que estão no meio da caixa preta de uma produção de sentido, entre um *in-put* e um *out-put* e são os grandes responsáveis por esta máquina de fazer sentido, que tornam operacional uma transmissão e formulam a questão do método: em que condições é possível uma herança? Questões que serão retomadas de forma mais acabada alguns anos depois com a publicação de *Transmitir*, e em seguida no livro *Introdução à Mediologia*, este um dos últimos livros publicados sobre o tema, e que trata com distanciamento necessário a busca pela chave epistemológica, ainda não esclarecida nos volumes anteriores.

E é com a publicação de *Transmitir*, o lugar encontrado pelo autor para tratar de algumas intenções de pesquisa mediológica. “Vamos nos concentrar, em um primeiro tempo, na perpetuação de sistemas simbólicos explícitos – religiões, ideologias, doutrinas e produções de arte” (*Transmitir*, p.22). Mas como distinguir as relações entre ferramenta técnica e o mundo simbólico? Entre o meio e a mensagem? Entre o estilo de pensamento e o maquinário que o envolve? A resposta mediológica encontrada em *Transmitir* recai sobre as

relações sociais. Uma ferramenta técnica não deixa de ser uma forma de nos relacionarmos com o social e nossas relações sociais são todas mediatizadas por dispositivos técnicos.

Esta é a publicação que melhor concentra conceitos acerca dos instrumentos técnicos e como o processo de transformação simbólica está imbricado neste aparato tecnológico. Durante o texto, Debray demonstra porque estas duas extremidades devem estar unidas em uma análise transversal, onde não é possível separar o indivíduo do meio, o mundo interior do exterior.

Debray cita os trabalhos de Alain Gras e Philippe Breton como percussores no estudo da história das mentalidades. Mas é com Althusser, seu tutor de filosofia na École Normale e Bruno Latour, que a história de nossas máquinas passará a estar grudada com a de nossos mitos. É o exemplo de Frankenstein, tomado como metade homem, metade máquina. Um não funciona sem o outro e isto torna impossível traçar fronteiras inimigas entre os campos. Outro exemplo fica por conta da já mencionada construção do Império romano, que com suas estradas acaba fundando uma civilização e supõe nessa construção fatores territorializantes, tais como o envio de tropas, a expedição de missões ou mesmo o recebimento de relatórios que eram feitos através da criação de estradas. Dessa forma, nenhuma forma cultural é dada antecipadamente do dispositivo material que a torna possível. A história técnica acaba por garantir à Mediologia um sólido terreno empírico de apoio.

Em seguida, com o aparecimento de *Introdução à Mediologia*, onde elementos abordados em Transmitir receberão uma proposta mais bem acabada e permitirão ao mediólogo traçar suas reais relações de sentido.

É exatamente esse o nosso propósito: estabelecer as correlações entre as nossas “funções sociais superiores” – ciência, religião, arte, ideologia, política – e os nossos procedimentos de memorização, representação e remoção: explorar as intersecções entre “o nobre” e o “vulgar”, o que frequentemente é traduzido por unir um macro a um microfenômeno (*Introdução à mediologia*, p.65).

A questão técnica também é retomada no que diz respeito ao *isto* “material” e o *aquilo* “espiritual”. Para sair da ilustração pontual, Debray avalia as transformações sociais sob o impacto das novas técnicas sobre as sociedades humanas. Este impacto não é uma ação simples e unilateral mas, antes, dá sempre lugar a uma transação – *isto* negocia com *aquilo*.

Por muito depreciado que esteja, o “isto vai matar aquilo” continua, no entanto, a ser o paradigma do gráfico onde isto, em abscissa, designa uma máquina ou um médium, e aquilo, em ordenada, um traço cultural ou uma instituição (*Introdução à mediologia*, p.64).

Mas é em *Manifestos Midiológicos*, publicação lançada no Brasil, dois anos depois de *Curso de Midiologia*, onde Debray afirmará que existe um atraso eterno entre a utilização efetiva da técnica e do acontecimento em relação a isto. Apesar de profícua em explicações, *Manifestos* mostra uma clara discordância de pensamento com relação a suas predecessoras.

É neste livro ainda onde o autor falará com maior veemência porque estudar a história dos vestígios simbólicos de formação de um todo social, não cabe, sob a ótica da comunicação. O encontro com a infância da humanidade, o qual se propõe o mediólogo é um caminho que não se pode percorrer com os olhos da comunicação, estes sob medida para enxergar ruídos e emissão de informações por meio eletrônico. Com efeito, ele reafirma que para comunicar, basta interessar. Para bem transmitir, é necessário transformar, senão converter. Um mediático calcula em semanas, dias ou mesmo meses, um mediador em decênios, senão em séculos. A plataforma temporal muda de sentido tanto quanto o olhar por um mesmo objeto. O que veremos é que o olhar sob o ponto a ser investigado não muda. Tanto a Comunicação quanto a mediação se interessam por fenômenos comunicativos mediatizados por dispositivos técnicos.

Conclusão

As vias e meios da eficácia simbólica ocupam, sem dúvida, lugar central no pensamento mediológico de Régis Debray. Como uma idéia, longe das barreiras ideológicas, torna-se força material a pergunta chave de que o autor se utiliza para embasar e estruturar toda uma corrente de pensamento voltada para as transformações causadas no social. A cultura, em conjunto com o mecanismo técnico, dialoga em prol de valores, conhecimentos e representações sociais, exercendo não apenas influência em nossa vida social, mas na construção de toda a realidade que nos cerca. A Mediologia se apóia na questão técnica para estudar a trajetória material das idéias e vestígios sensíveis a uma intenção de sentido. Tem como caminho a trajetória de um fato simbólico até sua transformação em força material. O caminho metodológico percorrido até aqui nos mostra seu caráter interdisciplinar, composto por diferentes horizontes de saber, e com papel decisivo ao completar lacunas epistemológicas deixadas pela Sociologia, História, Antropologia e até mesmo pela Comunicação, disciplina comumente negada pelo autor enquanto ciência, mas intrinsecamente relacionada aos estudos mediológicos.

E, com efeito, para entender melhor essas questões nos propusemos a realizar esta dissertação, cujo primeiro objetivo foi discutir os principais postulados teóricos da Mediologia e, a partir daí, traçar condições materiais para sua aproximação com o saber comunicacional, tendo como principal foco quatro obras mediológicas de Régis Debray.

Para iniciarmos a análise e estudo dos fundamentos mediológicos, nos dedicamos, primeiramente, a distinguir *momentos* ou algumas das fases mais marcantes na carreira intelectual de Debray. Nestes quarenta anos de trabalho intelectual do autor, destacamos três fases distintas, que o colocam diante de *três momentos* dentro de sua historiografia: a milícia, em um *primeiro momento*; a interpretação e estudo mediológico em um *segundo momento*, e por fim, a aplicação mediológica na filosofia das religiões. Nesta pesquisa, nos dedicamos inteiramente ao seu *segundo momento*. Analisamos porque motivo uma representação é mais dinâmica do que outra e como o edifício mediológico auxilia neste processo de distinção entre a eficácia ou fracasso de certas doutrinas no campo político e social.

Chegamos à conclusão que a Mediologia enfoca os efeitos de transmissão simbólica, a partir da mudança provocada no meio social onde ocorre, e a partir disto, se baseia numa equação simbólica onde a técnica é o instrumento que irá ajudar a plantar idéias em um terreno fértil dentro da história da humanidade. A cultura, por exemplo, é estudada pela

Mediologia em seu nível mais alto – religião, arte, política, linguagem – juntamente com os mecanismos simbólicos que a circundam. A análise do conceito de “nação” torna-se suscetível ao olhar mediológico no momento em que traz à tona suas redes, estradas, canais de comunicação, linhas telefônicas, eletricidade e todo o edifício simbólico que constitui, governos, escolas, igreja.

Concluimos que Debray propõe algo novo, reúne em torno de si um movimento intelectual bastante significativo na França, mas sem tanto reconhecimento e seqüência nas pesquisas brasileiras. Para isso, ele propõe um fazer mais sintético e reúne em torno de si trabalhos importantes de diversas áreas para pensar como técnica e cultura caminham juntas na transformação de nossa paisagem social. Nesse sentido, converge seu pensamento sob problemas comunicacionais que nem sempre foi capaz de reconhecer e julgar de maneira apropriada. Fator que se deve, em parte, por seu desconhecimento sobre o saber comunicacional.

Para chegarmos a uma real aproximação com o pensamento comunicacional, primeiramente foi necessário apontar algumas falhas epistemológicas e um erro bastante recorrente nas pesquisas realizadas no Brasil, que dizem respeito a um termo falacioso denominado “midiologia”. Tido como análise dos meios e efeito das mensagens publicadas pela imprensa, vimos que a “midiologia” nada mais é do que uma apropriação de um termo comumente tratado nas pesquisas em comunicação, o *Medias Studies*. Foi visto que este trocadilho está relacionado intrinsecamente à tradução da palavra *média*, ou meios de comunicação de massa, para o português, que acabou tornando-se “mídia”. A “midiologia” não compartilha das reais proposições de Debray em formular um domínio original de pesquisa sobre os fatos de transmissão simbólica.

Esclarecido tal equívoco, sobre os dois termos que nada têm de sinônimos, perpassamos o caminho das pesquisas em Comunicação no Brasil e como se dá a formação do saber comunicacional. Analisamos a condição da Comunicação enquanto disciplina e vimos que muitos teóricos do campo ainda divergem sobre a formação epistemológica deste saber e principalmente acerca da definição de seu objeto. Céticos e Interdisciplinares dialogam sob um mesmo sentido e tendem a uma postura que acaba por engessar a possibilidade de existência do campo e a competência de um saber comunicacional propriamente estabelecido.

Percebemos através desta análise que o pensamento comunicacional está na convergência entre os questionamentos da comunidade acadêmica e, para muitos autores, a definição de um objeto de pesquisa é ponto chave para considerar ou não a comunicação enquanto ciência. Até mesmo os programas e disciplinas divergem com relação a obras e

conteúdos, deixando a impressão de um objeto de estudo flutuante que dê margem a uma imensa possibilidade de especialização e grade de disciplinas, reforçando ainda mais a confusão acerca do objeto de estudo da Comunicação.

O objeto de estudo do saber comunicacional, tão discutido por autores e ainda relativamente divergente entre aqueles que tratam do estatuto científico da Comunicação, nos ajudou a elucidar melhor porque o termo saber comunicacional é o mais apropriado quando queremos nos referir a Comunicação enquanto disciplina que se interessa pelos processos comunicacionais, vinculado às inovações tecnológicas. Se tomarmos como objeto da Comunicação, fenômenos comunicativos mediatizados por dispositivos técnicos, teremos um olhar muito próximo daquele tratado pela investigação mediológica. Esta apenas difere seu leque de análise por tratar de um maior número de instrumentos técnicos do que os que se destinam à Comunicação.

Vimos, no entanto, que Debray não foge da proposição céptica por constantemente desacreditar na formação de um saber propriamente dito, regido pelas Teorias da Comunicação. Ele ocupa tal posição, que acaba por impedi-lo de enxergar como os processos comunicacionais estão intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento e análise mediológica. Tal negação, no entanto, nos levou à investigação dos reais pressupostos mediológicos e como tais fundamentos poderiam ser tomados enquanto processos de transmissão e análise relacionados à Comunicação. Se a tese de Debray realmente consiste em substituir a palavra “comunicação” por “mediação”, de nossa parte, adotamos o pressuposto de que estes dois conceitos admitem bases similares, o que permite a comparação das duas disciplinas. Ambas podem ser vistas como estudos de processos bem datados, contextualizados em um certo tipo de organização social, que têm no emprego dos meios de comunicação sua expressão mais evidente, ainda que para a Mediologia este último conceito tenha uma aceção mais ampla do que em Comunicação.

Para isso, foi possível comprovar ao longo da análise das quatro obras mediológicas analisadas, como a constante negação da Comunicação por parte dos estudos mediológicos, não pode ser aceita como tal. Reconhecida pela comunidade acadêmica e tratada enquanto fenômeno trans-histórico, a Comunicação versa sobre fenômenos e processos bastante similares aos estudados pela Mediologia.

Assim como o fazem os Teóricos do Meio para explicar as transformações sociais acarretadas pelos efeitos dos meios de comunicação de massa, Debray também divide a história segundo os meios de comunicação dominantes. Sua nomenclatura recai sobre a: *logosfera*, esfera própria à oralidade; *grafosfera*, onde o impresso impõe sua racionalidade; e

videosfera, marcada pelas imagens e o audiovisual. Ele utiliza tais *mediasferas* para bem datar processos e transformações sociais em curso. Poderíamos dizer que sua visão é tão ampla quanto à dos teóricos da Teoria do Meio, mas sem dar destaque aos problemas da imprensa, da escrita e da televisão, assuntos que normalmente estão no centro da atenção desses últimos. De outra parte, Debray prefere destacar os processos de mediação, particularmente no tocante à transmissão cultural (como o poder persuasivo dos apóstolos para a formação de uma nova paisagem social). Fora isto – e ao contrário do que Debray afirma – se prestarmos atenção, os problemas mediológicos são todos suscetíveis de serem pensados a partir da Comunicação.

O que vemos é que a Mediologia, em algumas partes do texto de seu criador, desconsidera os meios de comunicação como objetos técnicos capazes de transmitir idéias, pensamentos e o legado simbólico. Em outros momentos, e de forma mais branda, o autor lança um olhar transversal sobre os meios e os insere dentro do aparato técnico que sustenta o fazer mediológico. Esse procedimento, um tanto dúbio, representa uma das principais lacunas epistemológicas na pesquisa em Mediologia e nos leva a concluir que a Mediologia se caracteriza mais como uma forma de análise e não como uma teoria *strictu senso*, principalmente pela falta de rigor metodológico e pela sistematização incompleta.

Conhecedor destas lacunas epistemológicas e metodológicas, Debray ressalta a exclusão mediológica dos postulados e teorias acadêmicas, por acreditar que enquanto uma disciplina que visa explorar e especular acerca das formas simbólicas de transmissão, não caberia a nenhum tipo de formalismo acadêmico.

Mas é importante ressaltar que apesar de ressalvas quanto ao pensamento de Debray sobre questões relacionadas ao método, comprovação e coerência teórica, seu trabalho é fundamental no que tange aos estudos de mediação, bem como à retirada do véu que encobre as “ideologias”. São as interações entre tecnologia e cultura e suas inferências no campo das técnicas de memória, transmissão e crença que inspiram a pesquisa mediológica, tão original quanto sua maneira de interpretar os fatos que se propõe a analisar.

Com a Mediologia, Debray reuniu pesquisadores das mais diversas áreas em torno de um ponto de investigação comum representado pelas formas simbólicas de transmissão cultural. É importante ressaltar que a Mediologia pode ter um papel estimulante junto à pesquisa em Comunicação e não deve ser excluída de seu foco de análise, que toma como objeto o fenômeno comunicativo mediatizado por dispositivos técnicos. É inegável a contribuição de Debray para a compreensão das transformações ocorridas no social em função da mediação técnica e devemos lembrar que as críticas feitas a ele, não subtraem seu mérito diante da disciplina proposta.

Segundo Debray, em um momento mais maduro dentro da atividade de pesquisa mediológica, a fecundidade do campo encorajaria um salto formal em direção a uma disciplina que – tratando das funções sociais superiores (arte, religião, ideologia) em suas relações com as estruturas sociotécnicas de transmissão –, teria como objeto as vias e meios de eficácia simbólica. Desta maneira, a pesquisa mediológica nos permitiria ultrapassar os conteúdos de consciência para alcançar o estudo das representações coletivas.

Bibliografia

Obras de Régis Debray

Acreditar, ver, fazer. São Paulo: Edusc, 2003.

Ce que nous voile le voile: la republique et republique et le sacre. Paris: Gallimard, 2004.

Crítica das armas, A. Lisboa: Seara Nova, 1977.

Deus: um itinerário: material para a história do eterno no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

L'Edit de Caracalla ou plaidoyer pour les Etats-Unis d' Occident. Paris: Fayard, 2002.

La frontière suivi de un jeune homme à la page. Paris: Le Seuil, 1967.

La puissance et lês rêves. Paris:Gallimard, 1984.

Le feu sacré, fonctions du religieux . Paris: Fayard, 2003.

Les empires contre l'Europe. Paris:Gallimard, 1985.

O escriba: gênese do político. Rio de Janeiro: Retour, 1983.

O fogo sagrado: funções do religioso. Lisboa: Ed. Âmbar, 2005.

República explicada a minha filha, A . São Paulo: Via Lettera, 2001.

Révolution dans la révolution? Cahiers Libres, n. 98. Paris: Maspero, 1967.

Tous Azimuts. Paris: Odile Jacob, 1989.

Trata-se de não entregar os pontos: conversas radiofônicas. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

Obras mediológicas de Régis Debray

Curso de midiologia geral. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

Des machines et des ames. Paris: Descartes & Cie, 2002.

Introdução à mediologia. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

Le pouvoir intellectuel en France. Paris: Ramsay, 1979.

Les enjeux et les moyens de la transmission. Paris: Plein Feux, 1998.

Manifestos midiológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

O Estado sedutor: as revoluções midiológicas do poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Transmitir: o segredo e a força das idéias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Bibliografia Complementar

BALLE, Francis – *Historia de los estudios sobre medios, in* Comunicación y Sociedad. Bogotá : TM Editores, 1994.

BERGER, Charles R. – “Por que Existem tão poucas Teorias da Comunicação?”, *in* Martino, L.C. (org), *Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BOORSTIN, Daniel – *L’Image.* Union Générale d’Éditions, Col. 10/78. Paris: 1971. Trad. L.C Martino, fotocópia, Brasília: 2003.

BOUGNOUX, D. – *Introdução às Ciências da Comunicação.* São Paulo: Edusc, 1999.

BOUGNOUX, D. – *Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação.* Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

BARDIN, Laurence. – *Análise de Conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 2006.

BRAGA, José Luiz. – “Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação”, *in* Texto proposto ao GT Epistemologia da Comunicação. São Bernardo do Campo, COMPÓS (Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação), 2004.

CAPARELLI, Sergio; SODRÉ, Muniz e SQUIRRA, Sebastião (orgs.) – *A Comunicação Revisitada.* Livro da XIII COMPÓS (Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação) – 2004. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. – *Teorias da Comunicação de Massa.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ELLUL, JACQUES. – *A Técnica e o Desafio do Século.* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.

- GIOVANNINI, Giovani – *Evolução na Comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- FAUSTO NETO, Antonio. – *Dos sintomas aos programas de estudo*, in *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Volume XXVIII, n1, São Paulo: janeiro/junho de 2005.
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, Luiz.C.; FRANÇA, Vera.V. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JAKOBSON, Roman. – *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954.
- JOHNSON, Allan – *Dicionário de sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- KATZ, E. – "A propos des médias et de leurs effets", in SFEZ, L. (org.), *Technologies et Symboliques de la Communication*. Paris : PUG, 1990. Trad. de L.C. Martino, fotocópia, Brasília, 1999.
- LASSWELL, H.D. – "A Estrutura e a Função na Sociedade", in COHN, Gabriel *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Ed. Nacional/Edusp, 1971.
- LASSWELL, H.D. – "O modelo de Lasswell e a superação da teoria hipodérmica", in WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LITTLEJOHN, STEPHENS W. – *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCONDES FILHO, C. – "Mediacriticism ou o dilema do espetáculo de massas", in Prado Aidar, JOSÉ L. (org.) *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. S. Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MARQUES MELO, José de. *A Esfinge Midiática*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARTINO, Luiz C. – "As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação", in Lospes, Maria Immacolata V.(org.) *Epistemologia da Comunicação*. S.Paulo: Loyola, 2003.
- MARTINO, Luiz C. – "Cepticismo e Inteligibilidade do Pensamento Comunicacional", in *Galáxia: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, cultura*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, n.º 5 (abril de 2003). São Paulo: Educ, Brasília: CNPq, 2003.
- MARTINO, Luiz C. – "De Qual Comunicação Estamos Falando?", in Hohlfeldt, A.; Martino, L.C.; França, Vera V. *Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MARTINO, Luiz C. – “Elementos para uma Epistemologia da Comunicação”, in Fausto Neto, A.; Porto, S.D. e Aidar Prado, J.L. (eds.) – *Campo da Comunicação: Caracterização, Problematização e Perspectivas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.
- MARTINO, Luiz C. – “Globalização e Sociedade Mediática”, in A. Fausto Neto et al. (orgs.), *Práticas Midiáticas e Espaço Público*. Porto Alegre: EDIPUCRS COMPÓS (Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação), 2001.
- MARTINO, Luiz C. – “História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional”, in *E-COMPÓS* (Revista da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação), n.1, dez 2005. Disponível em: www.compos.org.br.
- MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. – *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- MCLHUAN, M. – *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MCLHUAN, M. – *Os Meios são as Massa-gens*. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- MCQUAIL, Denis. – *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- MIÈGE, Bernard – *O Pensamento Comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MORIN, E. – *Cultura de Massas no Século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ORTEGA Y GASSET, José – “A Chegada das Massas”, in Rosenberg, Bernard e Manning White, David. *Cultura de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- PAVARINO, Rosana Nantes – *A relevância da teoria das representações sociais para as pesquisas em comunicação de massa*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, fevereiro de 2003.
- ROCHER, Guy – *Sociologia Geral*. Lisboa: Editora Presença, 1971. Vol. 3
- SANTAELLA, Lucia – *O que é Semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried – *Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998.
- SOUSA, Janara Kalline Leal L. – *Contribuições, Limites e Desafios da Teoria do Meio*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, fevereiro de 2003.
- STEPHENS, Mitchell – *História das Comunicações: do tantã ao satélite*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

WOLF, Mauro – *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Sites

CAHIERS DE MEDILOGIE. França, 2007. Disponível em: <<http://www.mediologie.org>>. Acesso em: jul. 2007.

COSMO ON LINE. *Curso de midiologia na Unicamp*. Disponível em: <http://www.cosmo.com.br/busca/default.asp?idnot=61194>>. Acesso em: set. 2007.

FOLHA ON LINE. *Régis Debray fala sobre mídia e poder no RS*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fof/cult/ult010998039.htm>>. Acesso em: abr. 2007.

MIDILOGIA COMPARADA. *Das identidades midiáticas às fronteiras da midiologia brasileira*. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/seminarios/marques.htm>>. Acesso em: nov. 2007.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Matéria publicada pelo jornalista Alberto Dines*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/circo/cir200599.htm>>. Acesso em: nov. 2007.

PORTAL UNICAMP. *Matéria publicada no Diário do Povo (Editoria de Cidades)*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/novembro2003/clipping031124.html>. Acesso em out. 2007.

REDE ALCAR. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd5.htm>>. Acesso em: out. 2007.

RÉGIS DEBRAY. França, 2007. Disponível em: <<http://www.regisdebray.com>>. Acesso em: out. 2007.

WIKIPEDIA REFERENCE. *Régis Debray's life*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Regis_Debray>. Acesso em: ago. 2007.